



A Geometria MAÇÔNICA

Rito Escocês Antigo e Aceito

Álvaro de Queiroz



MADRAS®

© 2010, Madras Editora Ltda.

Editor:
Wagner Veneziani Costa

Produção e Capa:
Equipe Técnica Madras

Revisão:
Arlete Genari
Bianca Rocha
Tania Damasceno

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Queiroz, Álvaro de
Geometria maçônica/Álvaro de Queiroz. – São Paulo: Madras, 2010.
Bibliografia.

ISBN 978-85-370-0584-2

1. Maçonaria – História 2. Maçonaria – Lojas
3. Maçonaria – Simbolismo I. Título.
10-03729 CDD-366.109

Índices para catálogo sistemático:

1. Geometria maçônica: Sociedades secretas:
História 366.109

É proibida a reprodução total ou parcial desta obra, de qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico, mecânico, inclusive por meio de processos xerográficos, incluindo ainda o uso da internet, sem a permissão expressa da Madras Editora, na pessoa de seu editor (Lei nº 9.610, de 19.2.98).

Todos os direitos desta edição reservados pela



MADRAS EDITORA LTDA.

Rua Paulo Gonçalves, 88 – Santana

CEP 02403-020 – São Paulo/SP

Caixa Postal 12183 – CEP 02013-970 – SP

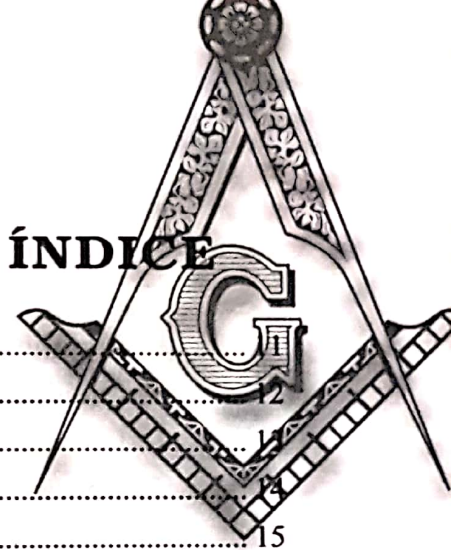
Tel.: (11) 2281-5555 – Fax: (11) 2959-3090

www.madras.com.br



*Dedico este trabalho ao querido Irmão Walter
Domingos Pascarelli, amigo de todas as horas.*

ÍNDICE



A GEOMETRIA DIVINA	
Introdução	
O Caos	
A Criação	
O Cosmos	15
Os Mundos	17
A Luz	19
O Repouso	21
O Silêncio	22
O Espaço	23
O Tempo	25
A Eternidade	27
O Limiar	28
A Imagem	29
A Totalidade	31
A Polaridade	32
O Dualismo	34
As Cores	35
Amarelo	38
Azul	39
Branco	40
Laranja	42
Ouro	43
Prata	44
Preto	45
Verde	47
Vermelho	49
Violeta	50
A GEOMETRIA HUMANA	51
História da Geometria	52
A Medida	55
A Proporção Áurea	56
Os Números	59
O Ponto	61
As Linhas	63



Os Ângulos	66
Os Polígonos	74
Os Triângulos	75
O Quadrado	79
O Losango	83
O Centro	84
O Círculo	87
As Espirais	90
Os Pontos Cardeais	92
Os Instrumentos	95
A Régua	96
O Esquadro	98
O Compasso	100
Nível e Prumo	103
O Cordel	105
O Lápis e a Prancheta	106
A GEOMETRIA OCULTA	107
A Cruz	108
As Estrelas	118
As Estrelas na Cadeia de União	119
A Estrela na Abertura do Livro da Lei	122
A Estrela Flamejante	124
A Estrela de Sete Pontas	127
As Relações Numéricas das Estrelas	127
A Cruz na Formação das Estrelas	129
A Estrela de Três Pontas	130
A Estrela de Quatro Pontas	131
A Estrela de Cinco Pontas	132
A Estrela de Seis Pontas	133
A Estrela de Sete Pontas	134
A Estrela de Oito Pontas	135
A Estrela de Nove Pontas	136
A Construção de Estrelas por meio das Estrelas	138
Estrela de Sete Pontas	140
Estrela de Nove Pontas	141
Os Ornamentos com Estrelas	142
Ornamentos Individuais	143



Ornamentos Coletivos	144
Ornamentos Mistos	145
As Linhas do Templo	146
As Cruzes no Templo	155
As Estrelas no Templo	159
Os Adornos no Templo	161
As Mandalas	165
O Plano do Templo	167
As Luzes das Linhas	169
Conclusão	170
BIBLIOGRAFIA	171

A GEOMETRIA DIVINA



A existência de Deus é mais certa que o mais certo de todos os teoremas de geometria.

Descartes



INTRODUÇÃO

Ao iniciarmos este pequeno trabalho, devemos esclarecer alguns aspectos para uma melhor compreensão do leitor.

A Geometria Maçônica, que vamos abordar, não se refere a um estudo matemático com teoremas, equações ou soluções de problemas complexos, mas apenas a uma visão de determinados aspectos geométricos relacionados à Maçonaria*, que achamos interessantes.

A primeira parte do trabalho é dedicada à criação divina, esse magnífico espetáculo que encanta a humanidade por causa de suas dimensões e do seu esplendor. Esta parte também serve como um aprendizado sobre vários temas ligados à simbologia, que estão sempre presentes nos assuntos maçônicos.

Na segunda parte, abordamos alguns aspectos da Geometria, com suas descobertas que possibilitaram o desenvolvimento. Em seguida, destacamos os instrumentos responsáveis pelas construções geométricas e, por último, a Geometria que nos cerca estando presente e oculta.

Acreditamos que o assunto é extenso e complexo, merecendo estudos mais detalhados, que inclusive podem ser feitos pelos próprios leitores, pois este é um dos objetivos do trabalho, despertar a busca do conhecimento oculto que aparenta estar longe, mas que pode estar ao nosso lado.

*N.E.: Sugerimos a leitura de *Maçonaria – Escola de Mistérios*, de Wagner Veneziani Costa, Madras Editora.



O CAOS

Na Antiguidade, o caos personificava o vazio sem formas anterior à criação, era o tempo em que a ordem não havia sido imposta aos elementos.

Na Bíblia, encontramos em Gênesis 1:2:* “A terra estava vazia e as trevas cobriam o abismo, o espírito de Deus pairava sobre as águas”.

Na cosmogomia egípcia, o caos pertencia ao mundo informe e não ordenado denominado Nun, o pai dos deuses do Sol, dos homens e de todas as coisas.

Na tradição chinesa, o caos é o espaço anterior à divisão em quatro horizontes, fato que equivale ao início do mundo. Essa divisão identifica as coisas e possibilita a localização, sendo a base de toda a orientação existente no Cosmos.

Mas o caos não terminou com a ordenação dos elementos e o surgimento do mundo, ele continua presente no ser humano, podendo retornar a cada instante e contaminar um grupo, uma cidade, um país e o próprio mundo, que retornaria ao caos inicial. Para que o caos não retornasse, surgiram as religiões, com o intuito de amparar o ser humano. Mas as paixões humanas possuem forças descomunais, e as religiões passaram a estabelecer conflitos internos e externos. Talvez por estas razões tenham surgido entidades como a Maçonaria, que, aceitando pessoas de todos os credos da mesma forma, procura ensinar aos seres humanos a ordenação dos pensamentos por meio da luta contra as paixões, em que o ser deve submeter a sua vontade a pensamentos puros para que o caos não possa se estabelecer como anunciou Jeremias 4:23: “Vejo a terra e eis que ela está informe e vazia, os céus e a luz desapareceram”. O caos simboliza a derrota do espírito humano e a vitória das trevas sobre a luz.

*N.E.: Sugerimos a leitura de *Gênesis – O Primeiro Livro de Moisés*, de Cleuza M. Veneziani Costa, Madras Editora.



A CRIAÇÃO

A criação é simbolizada pelo fim do caos e início do Universo, por meio da ordem e do respeito à hierarquia.

A criação de uma nova ordem é o resultado da ação de uma nova energia partida de uma fonte criadora, que age no sentido de mudar a matéria elementar e indiferenciada dando-lhe forma.

Mas a criação precede o caos ou lhe sucede? Essa incógnita transcende o pensamento quando colocamos o nada antes do caos, pois se existia uma massa informe antes da criação, quem criou essa massa? Podemos imaginar que o anterior era o nada e que o caos foi o início da criação até chegar ao ordenamento, que criou as formas, como a morte é o início de uma nova vida.

No Egito Antigo,* os principais aspectos da criação eram representados por quatro desenhos geométricos:

- A Espiral: fonte da energia cósmica atribuída ao espírito criador.
- A Espiral Quadrada: representando essa energia agindo no Universo.
- A Massa Informe: imagem do caos primitivo.
- O Quadrado: representando a terra e o mundo organizado tendo por base os quatro pontos cardeais.

Após o ato da criação, duas forças distintas são percebidas: uma vem da matéria que participa da energia criadora gerando formas diferenciadas, e a outra transcende a energia criadora, pois o Universo foi concebido como uma criação contínua e evolutiva.

A Maçonaria denomina de Grande Arquiteto do Universo o responsável pela criação do Universo e tudo que nele existe. Por meio de ensinamentos baseados em símbolos e alegorias, procura formar novos seres que possam dar continuidade à magnífica obra.

Dentro de seus Templos (representações do macrocosmo e do microcosmo), são estabelecidas regras e comportamentos ordenados visando ao aprimoramento pessoal que irá fortalecer a humanidade, para que o caos não se estabeleça.

*N.E.: Sugerimos a leitura de *O Livro dos Mortos do Antigo Egito*, de Dr. Ramses Seleem, Madras Editora.



O COSMOS

Desde os sumérios e babilônicos, a humanidade convive com a ideia da correspondência entre o mundo superior e inferior, “o que existe na terra existe no céu”, e essa relação entre o macrocosmo e microcosmo será indissolúvel.

A relação harmoniosa entre o curso dos astros e sua influência no destino dos homens gerou estudos que resultaram na Astrologia,* muito embora existissem também estudos relativos às características científicas dos astros realizados pela Astronomia, surgindo inclusive, por meio de Hipócrates, a inclusão das doenças nos estudos das correspondências cosmologicamente codificadas.

A partir da separação do Cosmos em superior e inferior, ou céu e terra, surgiu toda uma simbologia envolvendo: Sol, Lua, estrelas, relâmpagos, nuvens, vento, fogo, água, pedras, metais, etc.

O quatro passou a ser o número do mundo visível, em que nas quatro estações temos a ordem temporal e nos quatro elementos, a material.

Na Babilônia, o número quatro determinava a ordem cosmológica em grupos astrais de quatro, relacionados aos deuses em cujos signos a posição do Sol determinava as estações (pontos cardeais do Zodíaco). Já no Egito Antigo, os quatro filhos de Hórus eram ligados às regiões do mundo.

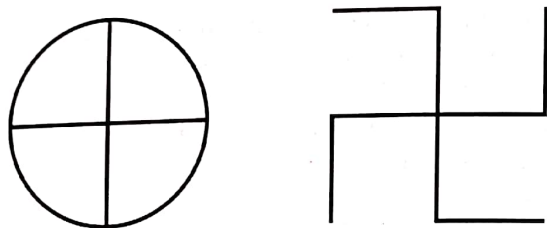
Nas representações do Cosmos, existe o conceito de espaço e tempo por meio da roda e círculo que simbolizam a organização espacial do Universo. Em diversas tribos americanas, o ano é um círculo em torno do mundo, representado pela Tenda Sagrada de quatro portas que simboliza as regiões do mundo.

A cruz circular passou a simbolizar o curso do Sol dividido em quatro pelos dois solstícios e dois equinócios, como também como símbolo da vida humana por meio do nascimento, do casamento, da morte e do renascimento, que representavam fases de transição. Mas a transformação da linha circular em quadrada transforma a cruz circular em cruz gamada, forma existente desde a idade da pedra na Mesopotâmia e na cultura hindu. É conhecida como *Swastika* (palavra sânscrita), sendo um símbolo indiano de boa sorte encontrado nas solas dos pés de Buda. Representa o movimento circular

*N.E.: Sugerimos a leitura de *Astrologia na Maçonaria*, de Juarez F. Prestupa, Madras Editora.



ao redor de um centro. As quatro pontas representam os quatro signos fixos do Zodíaco, que são os fundamentos da evolução humana. Desta forma, a *Swastika* simboliza a evolução e a quadratura do círculo na simbologia dos antigos. No século XX, foi adotada pelos nazistas de forma deturpada e utilizada como símbolo de guerra.



Na China Antiga, na Ásia e nas culturas americanas, existiram vários símbolos cósmicos que se relacionavam a quase todas as áreas da vida e da existência. Em todos os tempos e em todos os lugares, em cada Templo e em cada altar, sempre existiu um centro cósmico de poder buscando a comunicação com a divindade; talvez por essa razão as construções sagradas se relacionavam em sua simbologia com o Cosmos. O Templo de Abu Simbel, no Egito, mostra-nos esta preocupação, pois, nos equinócios, os raios do Sol nascente iluminam as imagens no interior do templo, buscando uma integração entre o céu e a terra por meio de suas colunas em forma de palmeiras e tronco de papiros que sustentam a Abóbada Celeste repleta de estrelas. No Templo de Jerusalém, o salão principal simbolizava a terra; o pátio, os abismos; e o santíssimo (*Sancto Sanctorum*), o céu. Em Java, o Templo Budista de Borobudur simboliza a imagem do mundo em harmonia com o céu, onde a construção principal tem a forma quadrada simbolizando a terra; desta parte, elevam-se nove terraços que representam a relação entre todos os níveis de existência, terminando no topo em uma Stupah redonda que simboliza o céu.

Nos templos cristãos, os altares quase sempre eram construídos na parte leste, existindo uma grande preocupação com a abóbada e o sentido da iluminação interna, que procurava sempre conferir à construção um sentido místico.

Também encontramos a simbologia do Cosmos nas representações de deuses e soberanos, fato observado em broches circulares, globos, coroas de reis, imperadores e deuses, como um sinal de domínio do mundo e origem divina.



OS MUNDOS

O simbolismo dos mundos nos apresenta três níveis: celeste, terrestre e infernal. Eles correspondem tanto à forma da existência material, como à da vida espiritual. Esses mundos se encontram em espaços imaginários e suas localizações são determinadas por um eixo vertical simbolizando a ascensão do espírito. O mundo intermediário (terrestre) recebe a luz do mundo de cima (celeste), mas essa luz não chega ao mundo inferior (infernal), que permanece nas trevas.

O mundo de cima é representado pelo céu, uma manifestação transcendental do poder, da perenidade e da sacralidade, simbolizados pela inacessibilidade e eternidade. O céu é um símbolo dos poderes superiores, da Sagrada Ordem do Universo, que abriga Ordens invisíveis e superiores ao mundo físico.

O mundo celeste é o princípio ativo masculino em oposição ao mundo terrestre passivo e feminino, onde, por meio da penetração da terra pelo céu, temos o homem filho do céu e da terra.

O mundo celeste representado pelo céu simboliza também a consciência por meio das aspirações do homem em sua busca pela perfeição do espírito, muitas vezes associada à luz divina ou luz espiritual, símbolo da vida, da salvação e da felicidade.

O esoterismo admite três mundos: mundo material (visível), mundo divino e mundo astral (invisíveis), podendo ser denominados também de mundo dos fatos, mundo das leis ou causas segundas e mundo dos princípios ou das causas primeiras.

O mundo intermediário ou terrestre é o princípio passivo de aspecto feminino, simbolizando a função maternal que dá e tira a vida: "Nu sai do ventre materno, nu para lá retornarei" (Jó 1:21 – uma clara alusão à Mãe Terra).

A Terra através dos tempos tem recebido inúmeras denominações como: Terra Santa, Terra dos Santos, Terra dos Bem-Aventurados, Terra da Imortalidade, Terra Prometida, Terra Pura, Terra da Retribuição, etc. Cada uma das denominações possuem características particulares relacionadas a cada época e cada tradição.

O mundo infernal ou inferior se encontra abaixo da terra, onde não existe a luz, reino das trevas e dos mortos, onde habitam as forças inimigas dos deuses e dos homens.



O mundo inferior no Antigo Egito era o lugar dos mortos condenados, onde torrentes de fogo e seres cuspidos de fogo ameaçavam a vida após a morte. Na doutrina do Masdeísmo, as almas más vão para as trevas sem começo; no Hinduísmo, as almas estão sujeitas às penas do inferno; no Alcorão, os condenados vão para o fogo e lá permanecem enquanto existir céu e terra; e, no Cristianismo,* o inferno é o símbolo das trevas e o local de castigo dos condenados.

Mas a escuridão pode revelar a profundidade do mistério, como na ressurreição de Cristo antes do amanhecer, representada pela liturgia da Páscoa. Também nas iniciações, nas quais os neófitos renascem das trevas em busca da luz.

A Maçonaria possui a representação simbólica dos três mundos por meio da Abóbada Celeste, do Pavimento de Mosaicos e da Câmara de Reflexões, em uma clara demonstração da importância dos mundos.

*N.E.: Sugerimos a leitura de *Cristianismo e Paganismo - 350-750 - A Conversão da Europa Ocidental*, de J. N. Hillgarth, Madras Editora.



A LUZ

Na criação do Universo, quando Deus superou as trevas, disse: "Faça-se a luz" (Gênesis 1:3), pois a luz corresponde à natureza da divindade, e por essa razão passou a ser um dos símbolos religiosos de maior importância em todas as suas manifestações: Sol, Lua, fogo, relâmpago, etc.

O caráter divino da luz está no fato de possibilitar a visão e o reconhecimento dos acontecimentos externos e internos relacionados à vida material e à espiritual.

A maioria dos deuses* e das divindades possui uma relação com a luz. Para os egípcios antigos, o Sol e a Lua eram os olhos do Deus Celeste, que, ao se abrirem, enchem o Universo de luz. Ahura Mazda, na Pérsia, é o criador da luz; de acordo com o Alcorão, "Alá é a luz do céu e da terra"; Buda é chamado de o Iluminado; e Cristo se designava a luz do mundo.

Na Idade Média, existe uma separação entre a razão humana, representada pela *Lumen Naturalis*, e a compreensão da revelação divina, atribuída a *Lumen Supernaturalis*.

A simbologia da luz, tanto nos costumes como nos cultos, fez uso de tochas, velas, lamparinas e castiçais. Na arquitetura, a luz penetrava no interior dos Templos, promovendo o contraste entre a luz e as trevas.

Nas sociedades que promovem a iniciação a seus adeptos, é fornecida a luz aos neófitos que caminham pelas trevas do mundo profano.

A luz se relaciona e simboliza a vida, a ordem e o bem. A ausência de luz representa a morte, o caos e o mal. A luta entre a luz e as trevas, o bem e o mal, originou uma série de mitos: Hórus-Seth, Marduk-Tiamat, Balder-Loki, etc.

Existem doutrinas estabelecidas em função do bem e do mal, como a dos maniqueus, fundada por Mani, no século II, na Pérsia, em que o Universo é dividido em dois princípios que se combatem: o bem, representado por Deus e simbolizado pela luz, e o mal, pelo Diabo,* senhor das trevas. É importante mencionar que, embora a maioria das religiões esteja voltada para o lado da luz, existem inclusive em nossos dias seitas que adoram o Diabo e as trevas.

A Maçonaria utiliza a luz tanto na iniciação de seus candidatos como em suas instruções.

*N.E.: Sugerimos a leitura de *Deus, Deuses, Divindades e Anjos*, de Alexandre Cumino, e *Lúcifer - O Diabo na Idade Média*, de Jeffrey Burton Russel, ambos da Madras Editora.



Nos Templos Maçônicos, a luz tem um papel de destaque possuindo vários significados, como, por exemplo:

- as luzes que dirigem os trabalhos;
- a luz da Iniciação;*
- as luzes da Abóbada Celeste;
- as luzes das estrelas;
- o Delta Luminoso;
- os candelabros;
- os castiçais;
- as velas;
- as três grandes Luzes Emblemáticas;
- a Lâmpada Mística;

*N.E.: Sugerimos a leitura de *Curso Completo de Maçonaria – História Geral da Iniciação*, de Pierre Gerard Vasal, Madras Editora.



O REPOUSO

O repouso não simboliza a inércia, a interrupção do processo de desenvolvimento ou um estado estático. No ser humano a parte física necessita do repouso para recuperar as energias, mas a parte mental, em todos os seus aspectos, continua em atividade mesmo após o término da atividade física denominado morte.

Já o repouso de Deus envolve outros aspectos, como a observação da criação por meio de uma pausa, que acaba transferindo à criação uma bênção ou uma santificação, gerando a formação da consciência.

O sétimo dia possui uma relação com o primeiro pela perfeição alcançada pelo início de um ciclo, simbolizado em diversas tradições pelo Uroboro, a serpente que morde o próprio rabo, em que o início e o fim se reúnem pela energia cósmica que circula no todo. Esse conceito podemos encontrar em Apocalipse 20:6 – quando João nos diz: “Sou o alfa e o ômega”.

O repouso acaba se transformando na recompensa pela conclusão do ato da criação, uma pausa para a observação do resultado que poderá ser revisto e modificado.

Muitas vezes, o repouso é interpretado como sendo eterno, o que contraria o sentido evolutivo da criação de Deus, pois o espírito não descansa, apenas realiza uma pausa para voltar a atuar numa fase que pode significar o retorno à origem anterior, ou a um novo plano de atividade, o que vem ao encontro da atividade criadora de Deus, que aparentemente deixou de agir neste mundo, transferindo a responsabilidade da evolução ao homem, que respeitando a ordem estabelecida pelo criador deve tentar chegar à perfeição, objetivo de toda a criação.

Na Maçonaria, esse fato é observado em várias instruções; quando existem pausas no meio e no final, o Venerável diz: “Repousemos, meus Irmãos”. Esse repouso não é o fim, mas o início de uma nova etapa de conhecimentos.



O SILÊNCIO

Como estado consciente, o calar simboliza um sinal de respeito independente de qualquer manifestação de luto, concentração ou meditação.

Por meio do silêncio, o homem pode escutar os seus mais íntimos pensamentos, tendo acesso a poderes transcendentais, pois o silêncio é sagrado e possui poderes que a fala não pode alcançar.

O desrespeito ao silêncio pode trazer consequências nefastas. Já dizia o ditado popular: "Em boca fechada não entram moscas". Também nos antigos cultos romanos existia a advertência "cuidai das línguas" (*favete linguis*).

Na maioria dos cultos, existem partes reservadas ao profundo silêncio para que os homens encontrem Deus em seus corações. No serviço religioso dos Quakers (*silent worship*), o silêncio é fundamental; nas Ordens Monásticas (trapistas, cartuchos), tem um sentido de reconhecimento voltado à purificação das paixões e, no Budismo, a finalidade é a superação dos desejos.

A língua é uma arma poderosa, que, pela utilização das palavras, pode condenar ou salvar pessoas. Por esta e outras razões, a fala representa um ato de extrema responsabilidade, e não deve ser utilizada de forma incorreta.

Ao ser utilizada, a fala emite sons que possuem uma diversidade enorme de vibrações. Dependendo do assunto e do momento, a fala pode ir desde o sussurro ao berro, mas o silêncio é realizado de uma única maneira, independentemente da raça, do credo ou da posição social, o que o torna único e o liga com Deus.

O silêncio está ligado ao pensamento consciente dominado pela razão, representando o tempo divino anterior ao momento da criação.

Nos templos, existem inúmeros espaços, formas e dimensões que só podem ser vistos por meio do silêncio, pois ele consegue interpretar a simbologia mística oculta, propiciando o desenvolvimento do espírito e acalmando a matéria.



O ESPAÇO

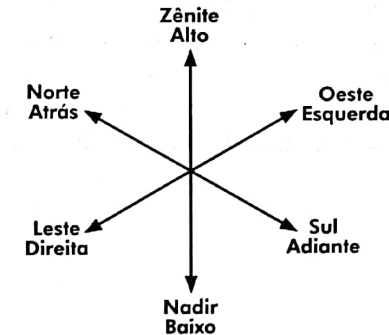
Na Antiguidade, o espaço era finito e, em torno dele, se imaginava a região dos deuses, a morada do divino.

No pensamento judaico, o espaço (*makôn*) era a manifestação gloriosa de Deus sobre a Terra. Na Igreja Cristã, era o corpo de Deus em um sentido mais amplo.

O caminho era simbolizado pelo ciclo solar, pelo tempo ou pela vida, e o Universo visível era para alguns povos a revelação da divindade invisível.

O espaço sagrado era o lugar onde o divino se manifestava, podendo ser representado por montanhas, rios, cavernas, fontes e edifícios destinados ao culto, que transcendem a si mesmos e normalmente, em nossos dias, correspondem ao Cosmos.

No sentido de localização de um objeto ou de um acontecimento, o espaço representa um conjunto de indicadores a partir de um ponto, um corpo ou um centro determinado por três eixos, em que cada um deles possui duas direções: leste-oeste, norte-sul, zênite-nadir, ou também: direita-esquerda, adiante-atrás, alto-baixo.



Podemos acrescentar a esses fatores o tempo, representando o movimento: antes-durante-depois. Também podemos utilizar a velocidade: maior-igual-menor.

O espaço simboliza o exterior e o interior, o macrocosmo e o microcosmo onde tudo existe e se move, pois o Universo não é estático, ele se expande em movimento, porque seu objetivo é evolutivo tanto no sentido individual como no sentido coletivo.



O espaço também se relaciona com o ser humano no que se refere ao espaço interior, representado pelo conjunto das potencialidades humanas do consciente, do inconsciente e das ações resultantes.

O espaço não tem começo nem fim e encerra todas as coisas existentes estendendo-se em todas as direções.

Todas as coisas que ocupam um determinado lugar no espaço chamam-se corpos, e o espaço ocupado por um corpo é denominado de extensão, e, quando possui três dimensões (comprimento, largura, altura), recebe o nome de volume.

Um Templo Maçônico, no sentido físico ou material, possui um volume cuja extensão ocupa um determinado lugar no espaço. Já no sentido esotérico, as suas dimensões são incalculáveis, pois vai do centro da Terra ao céu, do norte ao sul e do Oriente ao Ocidente.

Mas o Templo como um corpo gera um espaço onde existem outros corpos, alguns de natureza física (mesas, cadeiras, objetos) e outros de origem e dimensões transcendentais (fluidos, energias, egrégora).

Os corpos no espaço possuem formas que variam tanto nas dimensões como no aspecto. Os Templos Maçônicos são descritos como um quadrilongo, ou seja, um quadrilátero que tem os lados opostos iguais e paralelos e os ângulos retos, não existindo nenhuma referência com relação à altura, que pode variar de acordo com os padrões estéticos dos construtores.

Existem algumas controvérsias com relação à proporção do quadrilongo, prevalecendo a proporção de uma parte de largura para duas partes de comprimento.



O TEMPO

Na Antiguidade, as culturas mais elevadas possuíam uma simbologia relacionada ao tempo. Os egípcios tinham Hat, o deus do tempo infinito; a Pérsia, Zervan; na Índia, a deusa destruidora Kali e, na Grécia, Kronos.

Na Astrologia, os planetas e os seres divinos eram adorados como divindades do tempo, e cada divisão de tempo, ano, mês, semana, dia e hora, estava sob o domínio de alguma divindade do tempo. Esse pensamento ligado à superstição atinge a Idade Moderna, no que se refere a escolha do dia propício.

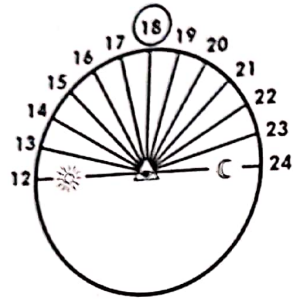
Também a Roda do Tempo (*kala chakra*) surgida na Índia era muito difundida na Idade Média;* girada por uma mulher que representa a mãe natureza ou a fortuna, simboliza a roda da sorte e da vida. Também na Idade Média, a simbolização do tempo se relacionava com a figura de Jano Bifronte, que possui duas faces representando o passado e o futuro.

O tempo simboliza um limite de duração dentro da eternidade. O tempo humano ou material é finito, e o tempo divino ou espiritual, infinito, não existindo entre eles nenhuma medida comum possível. Essa diferença é de difícil compreensão, pois se transforma no ilimitado ou na negação do tempo e da eternidade. Dessa forma, quando o espírito humano parte para o Oriente Eterno, a sua passagem pelo mundo físico foi uma fração insignificante do tempo.

O dia foi dividido em 24 horas, e, por meio do círculo do relógio, podemos determinar os momentos do dia e da noite.

Na Maçonaria, os trabalhos se realizam do meio-dia à meia-noite, e, como podemos observar no painel que se encontra atrás do trono do Venerável, denominado Delta Luminoso, o tempo dos trabalhos se relaciona com o número nove, ou a imagem dos três mundos, a base de toda a razão, a razão de todas as formas. O nove representa o tempo de duração da série de algarismos e o início de uma nova série em busca do infinito, em que o tempo se torna imaginável.

*N.E.: Sugerimos a leitura de *Sociedades Secretas da Idade Média*, de Thomas Keightley, Madras Editora.



Meio-dia 12 - 1 + 2 - 3
 Meia-noite 24 - 2 + 4 - 6
 3 + 6 - 9

Início dos trabalhos 12 horas
 Meio dos trabalhos 18 horas
 Fim dos trabalhos 24 horas
 54 - 5 + 4 - 9

Soma das horas

12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24

234 - 2 + 3 + 4 - 9

Soma dos números das horas

1 + 2 - 3
1 + 3 - 4
1 + 4 - 5
1 + 5 - 6
1 + 6 - 7
1 + 7 - 8
1 + 8 - 9
1 + 9 - 10
2 + 0 - 2
2 + 1 - 3
2 + 2 - 4
2 + 3 - 5
2 + 4 - 6

72 - 7 + 2 - 9



A ETERNIDADE

A eternidade está ligada ao tempo, simbolizando a ação sem limite de duração. É a infinidade do tempo independente dos fatos limitativos, é a confirmação da existência.

O ser humano, em seu desejo de eternidade, manifesta a sua luta incessante contra o tempo, uma luta que tem por objetivo o triunfo da vida sobre a morte.

A eternidade não se configura pelo imobilismo, nem pela agitação, ela se relaciona com o momento ou o ato de qualquer natureza.

A eternidade está quase sempre associada à ideia de beatitude e longevidade, sendo simbolizada por deusas segurando astros com mantos enfeitados de estrelas, ou figuras de personagens com traços de velhice segurando ampulhetas.

Na maioria das religiões, a ideia de eternidade é representada pela passagem do físico ao espiritual, em que terá início a vida eterna. Fica mais fácil o entendimento e a aceitação de uma eternidade espiritual do que física, pois o Universo material vive em constante transformação.

A eternidade é o ser em seu princípio básico, em sua intensidade permanente de vida, alheio às vicissitudes do tempo.

Na Maçonaria, quando um Irmão parte do mundo material (morre), é comum se dizer que ele foi para o Oriente Eterno, em uma alusão à eternidade espiritual.

Embora os ensinamentos maçônicos possam a princípio nos mostrar uma preocupação com o aperfeiçoamento do ser humano na vida material, nas entrelinhas, podemos observar toda uma preparação para a vida futura cuja duração envolve a eternidade.



O LIMIAR

No mundo profano, o limiar significa a soleira da porta, o patamar junto à porta, a entrada, o começo.

Em seu significado esotérico, limiar é a passagem entre o lado exterior, denominado profano, e o interior ou sagrado.

Simboliza uma união quando a pessoa chega ao limiar, acolhida e introduzida no seu interior, e se transforma em uma separação quando ninguém vier recebê-la.

Nas cerimônias de Iniciação, geralmente o neófito é conduzido de olhos vendados por diversos patamares, sempre acompanhado, pois o limiar é a fronteira do sagrado.

Passar por um limiar em determinadas circunstâncias exige um sentimento de respeito e uma pureza de alma, simbolizados por procedimentos ritualísticos, como, por exemplo: tirar os sapatos à entrada de uma mesquita ou de uma casa japonesa, ou adentrar com determinado pé em construções sagradas.

Em algumas tradições, o limiar, principalmente de templos e santuários, não deve ser tocado, sendo necessário atravessá-lo de um só passo. Também encontramos locais onde ninguém pode ultrapassar o limiar, apenas o sumo-sacerdote em determinadas solenidades.

Em algumas civilizações, a importância do limiar chegou ao ponto de as pessoas se prostarem diante dele e o beijarem, tanto nas construções religiosas como nas casas comuns, e até em tendas.

Existe uma preocupação muito grande com relação à passagem pelo limiar de quem está do lado externo e deseja passar para o lado interno, fato que não ocorre no retorno, em que inclusive o ritual estabelecido não é respeitado.

A passagem pelo limiar envolve inúmeros fatores relacionados com a natureza humana, como: o medo, a curiosidade, a ansiedade, a esperança, a fé, a obrigação, a alegria, etc.

Na Maçonaria, a entrada no Templo e a ultrapassagem do limiar devem ser feitas com o pé esquerdo, início da Marcha de Aprendiz e lado do coração.



A IMAGEM

Tudo o que existe gera uma imagem, que tem por objetivo representar o objeto.

A imagem pode ser captada no mundo exterior e no mundo interior, dependendo da utilização dos sentidos.

A realidade dos conteúdos míticos e religiosos não pode ser analisada pela visão, fato que transforma a imagem em símbolo.

Também as imagens do mundo espiritual interno e das fantasias não podem ser interpretadas pela visão externa, cabendo à ciência a tentativa de análise e comprovação da realidade por meio da psicanálise.

De acordo com a Psicologia profunda, por meio das imagens, temos uma visão do panorama psíquico do inconsciente, em que se encontra o inexplicável ligado a mitos, lendas e ritos encontrados nos sonhos.

Segundo tradições antigas, a imagem atrai as forças do que é representado, possuindo uma vida própria. No Egito Antigo, o escultor era denominado de "O que Torna Vivo", sendo a sua atividade considerada uma função geradora.

A capacidade de transformação ao longo dos tempos nos mostra o início do trabalho da alma, que se forma na imagem, até atingir o poder da imaginação, uma força produtiva e interna que se manifesta livremente, crescendo e expandindo até atingir seus objetivos.

Quanto maior for a capacidade de imaginação, mais rapidamente se produzirá a imagem, pois o pensamento humano tem início por intermédio de imagens simples, que partem em direção às formas e aos símbolos, e estes se tornam cada vez mais conscientes e complexos.

Na Pré-História, teve origem a imagem de culto por meio de imagens em rochas e cavernas, representando o centro de um culto ligado a divindades simbolizadas por figuras de animais, árvores e pedras, sendo posteriormente acrescentados colunas, totens e imagens de deuses com formas humanas.

No Cristianismo, a imagem de Deus teve grande importância por Cristo representar a origem divina com seus mistérios, o que, de certa forma, equivale a tornar-se visível o Pai por meio da imagem do Filho. Mas também existe a ideia de um Deus criando um homem à sua imagem e semelhança. No Egito Antigo, o soberano era a representação de Deus vivendo na Terra, e suas imagens eram colocadas em todos os lugares como sinais



de sua soberania, o que, por outro lado, o homem como imagem de Deus simboliza a soberania de Deus no mundo.

Nos Templos Maçônicos, não existem imagens de deuses com formas humanas, mas uma simbologia relativa à presença divina, denominada Grande Arquiteto do Universo, em homenagem a todas as religiões aceitas pela Maçonaria.

A imagem de Deus na Maçonaria se encontra no interior de cada Irmão, que tem o direito de cultuar a sua divindade de acordo com sua crença e fé.

O trabalho nos Templos Maçônicos se resume em o homem encontrar a si mesmo, momento em que se encontra com Deus.



A TOTALIDADE

Podemos chamar de totalidade o conjunto das partes que constituem um todo.

Nas antigas tradições, o homem primordial era representado pelo hermafrodita, símbolo da união dos contrastes entre o masculino e o feminino. Reunia todas as partes do Universo, simbolizando a perfeição universal.

O deus criador egípcio, Cnum, simbolizava a universalidade por meio da quadruplicidade de sua natureza: ele é a alma (Ba); o céu de Rá; a atmosfera de Chu e a terra de Gueb com o mundo subterrâneo de Osiris.* O quatro indicava as direções celestes, as estações, os elementos e as idades do mundo, simbolizando a totalidade cósmica.

Também o círculo, por intermédio de seus diversos aspectos, simboliza as mais antigas imagens da totalidade; esfera, Zodíaco, roda do Sol, que percorre o mundo, círculo mágico e a coroa como símbolo da soberania e do poder de um povo, por meio da figura de um rei ou imperador.

A mandala é um símbolo da totalidade reunindo o cosmograma e o psicograma em uma unificação meditativa com o mundo, que conduz o ser humano ao encontro de si mesmo.

Na Alquimia,* a totalidade é a unificação mística entre o macrocosmo e o microcosmo, em que o verdadeiro objetivo é a procura da Pedra Filosofal e o encontro da totalidade.

A totalidade, além de sua abrangência cósmica, também pode estar restrita ao todo de pequenos espaços, o que não reduz o poder de sua dimensão.

A totalidade dos pensamentos, dos sonhos ou das ações acabam sendo a soma de todas as partes que conduzem o ser à totalidade de sua existência.

*N.E.: Sugerimos a leitura de *Rumo aos Mistérios – Osiris Vive*, de Jorge Adoum, e *Transformando sua Vida em Ouro – A Alquimia dos Mestres Ascencionados*, de Marcelo Daniel Stroeymeyte, ambos da Madras Editora.



A POLARIDADE

Representa uma relação entre dois princípios ligados mutuamente, que testemunham a unidade do ser.

A relação entre "em cima" e "embaixo" ordena a diversidade entre a existência cósmica e humana, em que de um lado temos o céu, simbolizado pela cruz, pelo Sol, pelo fogo, pela vida, pelo espírito, e de outro temos a terra, simbolizada pela escuridão, pela Lua, pela noite, pela água, pelo nascimento, pela morte e pelo inconsciente.

A antiga tradição chinesa nos revela que a ordem cósmica está baseada no germe original, que se dividiu em duas partes opostas, mas interligadas; inércia-movimento; noite-dia; céu-terra; mulher-homem; *yin-yang*.

A separação em cima e embaixo corresponde a direita e esquerda, em que o lado direito é associado ao céu, e o esquerdo, à Terra.

Para os egípcios antigos, o olho direito representava o rei e o Sol, e o esquerdo, a rainha e a Lua. Da mesma forma que Osíris e Ísis* se relacionavam em nível mitológico, o homem e a mulher se relacionavam em nível terreno.

A separação dos polos em bem e mal se baseia nas rivalidades existentes nos mitos, principalmente entre irmãos: Osiris-Seth; Baal-Moth; Caim-Abel, etc.

O simbolismo dos lados por meio da sexualidade está presente na figura do Rebis da Alquimia, como também nas imagens medievais da crucificação, em que o Sol masculino se encontra do lado direito da cruz, e a Lua feminina, do lado esquerdo.



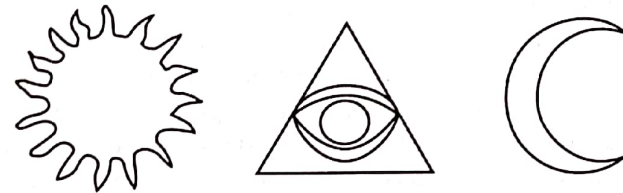
**Rebis de
Basile Valentin**

*N.E.: Sugerimos a leitura de *Os Mistérios de Ísis - Seu Culto e Magia*, de deTraci Regula, Madras Editora.



Nos Templos Maçônicos, encontramos o Delta Luminoso simbolizado pelo Olho da Providência (o que tudo vê) ladeado pelo Sol à direita e pela Lua à esquerda.

Essa posição, além de representar o equilíbrio da polaridade, indica-nos o movimento de circunvolução destrocêntrico, ou seja, o lado direito voltado para o centro. Devemos também observar que esse movimento esta relacionado com o funcionamento da Loja que inicia os seus trabalhos ao meio-dia e termina à meia noite, demonstrando que, apesar da polaridade, a harmonia deve existir em todo o Universo.



*N.E.: Sugerimos a leitura de *O Templo e a Loja - O Surgimento da Maçonaria e a Herança Templária*, de Michael Baigent e Richard Leigh, Madras Editora.



O DUALISMO

O dualismo é representado por dois princípios antagônicos que se confrontam, mas que não podem ser unificados como acontece na polaridade.

O dualismo dos pitagóricos refletia os extremos entre os números pares e ímpares e o conceito a eles atribuídos: direita-esquerda, masculino-feminino, claro-escuro.

Também encontramos em várias religiões e tradições antigas as lutas eternas entre as forças do caos e da ordem, dos filhos da luz e dos filhos das trevas.

O Masdeísmo (Parsismo) representa uma religião dualista com dois princípios antagônicos entre o bem e o mal, embora prevaleça o bem (Ahura Mazda), como onipresente e eterno.

No Apocalipse, encontramos o pensamento dualista por meio dos pares antagônicos: Deus-Satã,* luz-trevas, espírito-carne, mundo subterrâneo-mundo superior, ser interior-ser exterior, presente-futuro.

A ciência moderna reconhece a presença de forças opostas em todos os seres e em todas as manifestações de energia. A simbologia considera a bipolaridade em todos os símbolos, por meio de aspectos diurnos e noturnos, positivos e negativos, como também na constância e variabilidade diante das diferentes situações e interpretações. Temos ainda a coincidência dos contrários, um dos princípios da simbologia cujos exemplos encontramos em inúmeros símbolos.

Várias religiões tradicionais reconhecem a alma como um duplo do ser humano vivo, podendo ser separada do corpo por meio da morte, o que nos leva a crer que se trata de um exemplo de dualismo.

* N.E.: Sugerimos a leitura de *As Escrituras Satânicas - A Filosofia do Satanismo*, de Peter H. Gilmore, Madras Editora.



AS CORES

Dentro do simbolismo, as cores possuem um sentido universal relacionado ao conhecimento cosmológico, místico, geográfico, etc.

Embora algumas interpretações recebam significados diversos, as cores representam um dos mais importantes fundamentos da simbologia, e o seu estudo é encontrado nas mais remotas civilizações, em que geralmente são classificadas da seguinte forma:

Cores primárias: azul – vermelho – amarelo

Cores derivadas: verde – violeta

Cores falsas: branco – preto

O Universo é composto por elementos coloridos, e o espectro solar, representado por um triângulo de cristal de rocha, recebe o raio solar e o decompõe em sete cores prismáticas: vermelho, laranja, amarelo, verde, azul, anil e violeta.

Por causa de sua importância, as sete cores do arco-íris produzidas pelo raio solar nas gotas de água sintetizam mais de 700 matizes que o olho humano pode distinguir e se relacionam em nível de correspondência com os sete céus, os sete planetas, as sete notas musicais, os sete dias da semana, as sete pedras preciosas, os sete metais, etc.

Na Bíblia, o arco-íris é mencionado como um símbolo da aliança de Deus com os humanos (Gênesis 9:13-14) e imaginado como a ponte ou o caminho para os mortos atingirem o céu, simbolizando a paz e a salvação (Apocalipse. 4:3-10). Nas tradições antigas, o arco-íris anunciava acontecimentos felizes relacionados à renovação cíclica.

No Egito Antigo, o simbolismo da cor tinha grande influência na esfera artística e religiosa. O preto simbolizava o renascimento póstumo por meio da preservação eterna proporcionada pelo betume que impregnava a múmia. Era a cor dos deuses Anúbis e Míni; o primeiro, responsável pela introdução dos mortos no outro mundo; e o segundo, pela geração e pelas colheitas. O verde se misturava ao negro para simbolizar Osíris, sendo considerado a cor da vegetação e da saúde. O azul simbolizava Amon, o deus do ar; o amarelo era o ouro do Disco Solar e o vermelho era a violência, a maldade e a perversidade, sendo esta a cor de Seth.



Na tradição cristã, a cor se relaciona com a luz criada e incriada, e, nas Escrituras, encontramos inúmeras referências à grandeza e à beleza da luz, em que o Verbo de Deus é chamado de luz que precede a luz.

Toda a arte cristã se baseia na estrutura luminosa do Universo, em que a beleza das cores está presente em todos os detalhes, principalmente nos vitrais que dependem da luminosidade solar.

Por meio de um processo lento, que não teve regras fixas, a arte cristã atribuiu ao branco a representação do Pai, da fé e da castidade; ao azul, o Filho; ao vermelho, o Espírito Santo, o amor e a caridade; ao verde, a esperança e ao preto, a penitência. Já o estabelecimento das cores litúrgicas nos paramentos vem da época de Pio V e Inocência III, em que o branco era utilizado nas festas do Senhor, de Maria e dos santos que não são considerados mártires; o vermelho, em Pentecostes e nas festas dos mártires; o verde, nos domingos comuns e feriados; o violeta, na Quaresma; e o preto, na Sexta-Feira Santa e nas missas pelas almas dos mortos.

Na tradição islâmica, o simbolismo das cores é muito diversificado e ligado a crenças mágicas. Os animais pretos produzem mau agouro, o branco simboliza a luz e o brilho, sendo de bom agouro. Por essa razão, o leite, a farinha, a lã branca e os ovos brancos são favoráveis. O verde é o símbolo da vegetação, trazendo boa sorte; o amarelo é a cor do ouro e do Sol, e a cor do açafreão possui uma propriedade mágica. No esoterismo islâmico, as sete cores simbolizam as qualidades divinas refletidas no Universo.

Na Alquimia, a escala de cores possui uma simbologia ascendente, em que o preto representa a matéria, o oculto e o pecado; o cinza, a terra; o branco, a inocência, a iluminação, a felicidade e o mercúrio; o vermelho, o sangue, o enxofre e a paixão; o azul, o céu e o ouro, a grande obra.

Em várias tradições encontramos as cores simbolizando os elementos: o vermelho, o fogo; o branco, o ar; o verde, a água e o preto, a terra.

Algumas tribos da América do Norte associam os setores cósmicos a cores sagradas: o norte, ao amarelo; o sul, ao vermelho; o oeste, ao azul; o leste, ao branco; o zênite é multicolor, e o nadir, preto.

Todas as imagens coloridas representam forças que se manifestam em todos os aspectos do mundo físico e cósmico, como as cores do preto que representam forças noturnas, negativas e involutivas e do branco representando as forças diurnas, positivas e evolutivas.

Na Psicologia experimental, as cores podem excitar ou tranquilizar, sendo ainda sentidas como frias (azul, verde) ou quentes (amarelo, vermelho).



A Maçonaria tem mantido em seus símbolos, graus e ornamentos um significado aproximado às antigas tradições, embora tenha adicionado outras cores e significados. No Rito Escocês Antigo e Aceito,* as Lojas estão ligadas às cores da seguinte forma:

Lojas Simbólicas – azuis – Graus 1 ao 3
 Lojas de Perfeição – vermelhas – Graus 4 ao 14
 Lojas Capitulares – vermelhas – Graus 15 ao 18
 Areópagos ou Conselhos de Kadosh – *pretas – Graus 19 ao 30
 Consistório – brancas – Graus 31 ao 33

Com relação aos paramentos maçônicos, as cores possuem uma simbologia rica em detalhes e significados profundos. Alguns escritores maçônicos classificam o significado maçônico das cores da seguinte forma:

Amarelo – inteligência, magnificência
 Azul – amizade, devoção
 Vermelho – paixão, fervor
 Verde – esperança, fraternidade
 Violeta – majestade, dignidade
 Preto – solidão, tristeza, morte
 Branco – candura, pureza

Na continuação deste estudo, faremos uma análise individual de dez cores (amarelo, azul, branco, laranja, ouro, prata, preto, verde, vermelho e violeta), pois achamos que são as principais a exercerem suas contribuições simbólicas na ritualística maçônica do Rito Escocês Antigo e Aceito.

* N.E.: Sugerimos a leitura de *Rito Escocês Antigo e Aceito – 1º ao 33º e Kadosh – do 19º ao 30º*, ambos de Rizzardo da Camino, Madras Editora.



AMARELO

O amarelo é a mais quente e ardente das cores, aproximando-se do metal em estado de fusão e dos raios do Sol.

Simboliza a juventude, o vigor e a eternidade divina, sendo considerado a cor dos deuses.

Possuindo uma essência divina, o amarelo associado ao ouro se torna um atributo do poder exercido pelos príncipes, reis e imperadores na sua intenção de determinar a sua origem divina.

O amarelo é a cor da vida eterna, assim como o ouro é o metal da eternidade.

O amarelo unido ao branco, que simboliza a pureza original, compõe as cores da bandeira do Vaticano.*

No Egito, as câmaras funerárias possuem a cor amarela associada ao azul, no sentido de assegurar a sobrevivência da alma.

O amarelo está ligado à cor preta como um associado e oposto. A separação dos dois ocorreu na organização do caos, início da vida, surgimento da luz.

O amarelo também possui uma simbologia negativa, representada pelo mau-olhado e pela inveja, e, na Idade Média, a porta dos traidores, assim como a identificação de meretrizes, proscritos, hereges e judeus era por meio do amarelo, fato repetido no século XX por Hitler ao pintar os judeus com a estrela de seis pontas amarela.

Na Maçonaria, a simbologia do amarelo está relacionada ao Sol, ao enxofre, ao galo, aos símbolos zodiacais e a diversos ornamentos, além de estar presente em vários aventais dos Graus Filosóficos.

*N.E.: Sugerimos a leitura de *Arquivos Secretos do Vaticano e a Franco-Maçonaria*, de José Ferrer Benimeli, Madras Editora.



AZUL

O azul simboliza a cor do céu e do mar, representado pelo infinito das alturas e pelas profundezas obscuras.

Na natureza, o azul se apresenta como uma transparência por meio do ar, da água, do cristal e do diamante, o que lhe confere um aspecto de vazio, puro e frio.

O azul simbolizando o infinito transforma o real em imaginário, e os movimentos, sons e formas acabam se perdendo no azul. É o caminho da divagação, em que o pensamento consciente lentamente se transforma em inconsciente, como o dia se transforma em noite. Ele propicia um clima de irrealidade, pois permanece indiferente em si mesmo como se não fosse desse mundo, proporcionando uma sensação de calma e tranquilidade.

O azul se relaciona com várias divindades: as barbas azuis dos deuses egípcios, a pele azul do Krishna* indiano, o manto do Pai Celeste e da Virgem Maria na arte cristã.

O azul também representa de certa forma o luto, a desgraça, a mentira e o mal, na interpretação de sonhos e no oráculo. No Alcorão, o azul é a cor dos criminosos no juízo final, e, para os egípcios, o azul era a cor da verdade e da morte, e, nas paredes das necrópoles, as cenas dos julgamentos das almas eram revestidas de fundo azul, estabelecendo uma relação entre a morte e a verdade.

Na Maçonaria, o Rito Escocês Antigo e Aceito denomina de azul as Lojas Simbólicas (do Grau 1 ao 3), em que as paredes do Templo são pintadas de azul-claro. Também os aventais dos Mestres possuem fundo azul-celeste, simbolizando o céu e a espiritualidade atingida.

*N.E.: Sugerimos a leitura de *Deusas e Deuses Egípcios – Festivais de Luzes*, de Normandi Ellis; *As Aventuras do Jovem Krishna – O Ser Supremo*, de Diksha Dalal-Clayton; *O Oráculo de Delfos – O Ancestral Místico*, de Rubens Saraceni; e *Simbolismo do 3º Grau – Mestre*, de Rizzardo da Camino, Madras Editora.



BRANCO

É a cor mais usada nos Ritos de Passagem, em que ocorre a transformação do ser, baseada na morte e no renascimento, objetivo de toda a iniciação.

O branco possui duas colorações ou aspectos: fosco e brilhante. O branco do oeste, representado pelo Ocidente nos Templos Maçônicos, é o branco fosco da morte que conduz o iniciado ao rumo das ausências, ao vazio noturno, à perda de consciência, à falta das cores diurnas, ao encontro do preto símbolo das trevas.

O branco do leste é o retorno do brilho, o surgimento da luz, o início da alvorada com o surgimento das cores na saída do ventre noturno.

O branco representa na iniciação os dois instantes, a ausência e a presença, a palidez da Lua e a luminosidade do Sol, as duas faces do sagrado, o macrocosmo e o microcosmo, o de cima e o de baixo.

O branco, sendo considerado como a ausência de cor, produz uma sensação de silêncio absoluto, um estado que representa o nada anterior ao nascimento, o início da criação.

Em algumas iniciações primitivas, o iniciado tomava leite, que simbolizava a brancura da matriz maternal, de onde provinha o primeiro líquido nutritivo, repleto de vida ainda não expressada. É o branco bebido antes mesmo da abertura dos olhos para o mundo diurno, em cuja luminosidade resplandecem o lírio e o lótus.

No Oriente e na própria Europa Antiga, o branco era a cor da morte e do luto, baseado no pensamento simbólico de que a morte precede a vida, e todo nascimento é um renascimento; e o branco é a cor da sabedoria vinda das origens.

Animais portadores de revelações divinas são brancos: touro de Adad na Babilônia, elefante no Budismo e no Hinduísmo,* pomba do Espírito Santo no Catolicismo e até deuses como Zeus na Grécia e Ahura Mazda na Pérsia eram chamados de brancos.

Na Bíblia, encontramos inúmeras referências ao branco. Na visão de Daniel, Deus aparece em "vestes brancas como a neve" (Daniel. 7:9) e "os que não têm pecados andaram com Deus em vestes brancas (Apocalipse. 3:4).

*N.E.: Sugerimos a leitura de *Buda - O Mito e a Realidade*, de Herodoto Barbeiro, e *Deuses e Deusas Hindus - Sua Hierarquia e outros Assuntos Sagrados*, de B.K. Chaturvedi e Suresh Naram Mathur, ambos da Madras Editora.



No areópago de Atenas, os juízes julgavam os acusados por meio de pedras brancas e pretas. As brancas simbolizavam a inocência, e as pretas, a culpa. A Maçonaria adota o mesmo critério por meio de bolas pretas e brancas.

Também na Maçonaria o branco é utilizado no avental do Aprendiz e do Companheiro* como símbolo da luz e da pureza, e, nos aventais de Mestres, o fundo é branco com detalhes em azul.

*N.E.: Sugerimos a leitura de *Aprendiz - Conhecimentos Básicos da Maçonaria*, de João Francisco Guimarães, e *Simbolismo do Segundo Grau - Companheiro*, de Rizzardo Camino, ambos da Madras Editora.



LARANJA

A cor laranja se encontra entre o amarelo e o vermelho, sendo a mais actínica das cores (em que a luz ou raios luminosos exercem ação, química sobre certas substâncias).

Ela simboliza o equilíbrio entre o espírito e a libido, neste caso, representada pelo instinto sexual no sentido vital de energia psíquica de preservação da vida.

Porém, quando o equilíbrio pende para um lado ou para outro, o laranja pode se tornar o amor divino ou o emblema da luxúria.

No primeiro caso, temos como símbolo a túnica alaranjada dos monges budistas e a cruz de veludo laranja dos cavaleiros do Espírito Santo. No segundo caso, torna-se a cor da infidelidade e da luxúria, que, segundo as tradições, representavam o culto à Terra Mãe, um ritual de iniciação cuja revelação era buscada na orgia.

Também encontramos a cor laranja na pedra de jacinto, considerada um símbolo de fidelidade, constituindo o emblema de uma das 12 tribos de Israel e estando sobre o peito do grande sacerdote de Jerusalém, sendo encontrada também na coroa dos reis da Inglaterra como símbolo de temperança e sobriedade.

Na Maçonaria, está presente em vários ornamentos dos Graus Filosóficos.

Nos Graus Simbólicos, encontramos o laranja nas emissões radiantes da Estrela Flamejante.



OURO

Relaciona-se ao metal puro, incorruptível e eterno símbolo da riqueza e do poder.

No Egito Antigo, os faraós eram considerados filhos do Deus solar Rá, sendo chamados de “a cordilheira dourada que ilumina o mundo”.

A carne dos deuses era de ouro, e a deusa Hator era considerada o ouro encarnado.

No Catolicismo, o Todo-Poderoso será um tesouro dourado (Jó 22:25), e a felicidade eterna será representada pela Jerusalém Celeste toda em ouro puro (Apocalipse 21:18). Também encontramos ouro nos presentes dos Reis Magos ao Menino Jesus.

Para o Catolicismo, o ouro simbolizava o reinado de Deus, e nas pinturas medievais, a auréola dos santos era pintada na cor ouro para indicar a glória de Deus.

Mas o ouro também tem um sentido ambivalente e, como símbolo de riquezas materiais, está ligado às coisas passageiras, como o bezerro de ouro (Êxodo 32:4-8), desviando dos verdadeiros valores existentes, pois o brilho ofusca a consciência e leva à perdição.

No Budismo, o ouro possui um sentido ontológico representando uma função no culto; os ícones de Buda são dourados, simbolizando a perfeição e a iluminação por meio do reflexo da luz celeste.

A carruagem do deus veda Savitar resplandecia em ouro puro, e, para os gregos, o ouro representava o Sol e a sua simbologia de felicidade, riqueza e dominação.

Para os brâmanes, o ouro era a luz e o símbolo do conhecimento e da imortalidade. Ainda é comum em nossos dias, na China e na Índia, serem preparadas drogas de imortalidade tendo como base o ouro.

Na Maçonaria, encontramos objetos, adornos e pinturas na cor ouro, destacando-se a simbologia da Espada Flamejante.

*N.E.: Sugerimos a leitura de *Jesus – O Último dos Faraós – A Verdadeira História da Religião Revelada*, de Ralph Ellis, Madras Editora.



PRATA

A palavra prata tem sua origem na palavra latina *argentum*, derivada do sânscrito e significando branco e brilhante.

De acordo com o sistema de correspondência dos metais com os planetas, a prata se relaciona com a Lua, possuindo um princípio passivo feminino, aquoso e frio.

Na tradição egípcia, os ossos dos deuses são feitos de prata e suas carnes, de ouro.

Por causa de seu aspecto branco e luminoso, a prata é um símbolo da pureza. Mas, no plano da ética, desperta cobiça e as desgraças a ela atribuídas.

No Catolicismo, a prata representa a Lua e Maria, cuja mãe, Ana (mãe da prata), se tornou a padroeira dos mineiros da prata.

No julgamento divino, dois terços serão exterminados, e a terceira parte será levada ao fogo, onde acontecerá a purificação, da mesma maneira como se purifica a prata (Zacarias 13:9). "As palavras do Senhor são palavras puras como prata refinada em cadinho de barro, depuradas sete vezes" (Salmos 12-6).*

O significado da cor prata está intimamente ligado ao metal, que, por sua vez, serve de matéria-prima para a confecção de inúmeros objetos utilizados nas mais diversas cerimônias. A utilização desses objetos muitas vezes fazem com que o metal perca a sua característica e adquira outra simbologia relacionada ao objeto, como, por exemplo: um castiçal de prata é o suporte de velas que, acesas, possuem um significado relacionado ao amarelo e ao ouro. Outro exemplo são as espadas, que normalmente se relacionam com o vermelho do sangue.

Na Maçonaria, a cor prata está relacionada com a Lua e as estrelas e com inúmeros objetos, como: castiçais, espadas e diversos ornamentos.

*N.E.: Sugerimos a leitura de *Os Salmos da Bíblia*, de Cleuza M. Veneziani Costa, Madras Editora.



PRETO

O preto simboliza as trevas, sendo a cor dos soberanos do mundo subterrâneo, como Anúbis e Quentamentu, deuses dos mortos egípcios, e do Demônio na crença cristã.

Várias seitas ligadas ao mal utilizam em sua simbologia gatos e bodes pretos. E, na superstição popular, a maioria dos animais pretos possui uma conotação negativa, ligada ao infortúnio. Também como o preto representa a ausência de luz, acaba se relacionando com a magia negra e a alma negra, símbolos do mal.

O preto é uma cor oposta ao branco, podendo, como o branco, estar presente nas duas extremidades da gama cromática, em que, de acordo com sua opacidade ou brilho, pode se tornar ausência ou soma das cores.

Enquanto o branco está associado ao eixo leste-oeste, rumo das partidas e transformações, o preto se encontra no eixo norte-sul, que é o eixo dos polos.

O preto é a cor do luto, embora o branco também o seja, porém, o branco possui um sentido messiânico em que a ausência tem um sentido temporário, indicando um retorno ou uma passagem, já o preto se apresenta de uma forma mais definitiva, representando uma ausência sem esperanças de retorno.

O preto é a cor da renúncia às vaidades do mundo, estando presente no Cristianismo por meio das vestes sacerdotais, das missas dos mortos e das comemorações da Sexta-Feira Santa.

Associado ao vermelho e a outras cores tidas como diabólicas, o preto simboliza Satã, denominado príncipe das trevas, e até mesmo Jesus é às vezes representado de preto quando tentado pelo Diabo (véu negro da tentação).

No Islã,* o manto preto dos Nawlanyyas, ordem dos dervixes rodopiantes fundada por Djalâlud-Dimrumi, representa a pedra sepulcral, por meio de uma comparação das etapas de progresso interior do sufista com a escala cromática, que se inicia no branco – que representa o Livro de Lei, símbolo do aperfeiçoamento, ponto de partida –, terminando no preto, em que a divindade surge ao místico em forma de preto brilhante, cor idêntica à Pedra Preta de Meca.

*N.E.: Sugerimos a leitura de *Os Místicos do Islã*, de Reynold Nicholson, Madras Editora.



O preto gera no psiquismo uma sensação de opacidade de volume e peso, em que um objeto pintado de preto terá uma aparência mais pesada do que outro pintado de branco.

Embora o preto possua uma simbologia negativa, pode adquirir um aspecto positivo quando relacionado à promessa de uma vida renovada, como a noite contém a esperança da aurora.

Em seu aspecto profano, a união do preto com o branco dá origem ao cinza, cor intermediária que, na esfera cromática, corresponde ao centro representando o ser humano.

O preto é considerado a cor da condenação. O Adão e a Eva do Zoroastrismo, enganados por Arimã, estão vestidos de preto ao serem expulsos do paraíso.

O preto simboliza o nada, o caos, a confusão e a desordem na obscuridade das origens, precedendo a criação de todas as religiões.

A Bíblia relata que, "antes que a luz existisse, a Terra era informe e vazia, as trevas recobriam a face do abismo" (Gênesis. 1:2).

Mas o preto também simboliza a terra fértil, receptáculo do grão, morada dos mortos preparados para o renascimento. O cavaleiro do Apocalipse monta o cavalo preto, tendo na mão uma balança para medir o trigo, a cevada, o óleo e o vinho, a serem distribuídos no período da fome, e esses produtos foram colhidos do solo fecundo da grande mãe natureza.

Na Maçonaria, encontramos a cor preta relacionada à Câmara de Reflexões (preparação do candidato para uma nova vida), na Câmara do Meio do terceiro Grau Simbólico (como símbolo de luto) e nos Arcópagos ou Conselhos de Kadosh, Graus 19 ao 30 das Lojas Filosóficas (como símbolo da Loja).



VERDE

É a cor da primavera, da vida que surge da germinação, ligada aos deuses da vegetação, como Osíris, que era chamado de o Grande Verde, ou Afrodite, que era adorada como a deusa do jardim de Atenas.

Verde é a cor da esperança, da expectativa, do estar a caminho; representada na Alquimia pela Pedra Verde, estado de transição no caminho do ouro.

No Islã, a cor verde é a cor do profeta e da promessa do paraíso, com relvas verdes, e os santos em sua morada vestidos de verde.

No sentido negativo, o verde representa o veneno e a morte, o mofo e a putrefação, a pedra de Lúcifer* (esmeralda) antes de sua queda.

O verde é o resultado das interferências cromáticas entre o azul e o amarelo, é a cor do reino vegetal que se manifesta intensamente na primavera, graças às águas, como no significado simbólico do batismo, no despertar da vida, sendo uma cor envolvente, calma, refrescante e tonificante.

A bandeira do Islã é verde, sendo para os muçulmanos o emblema da salvação, símbolo das riquezas materiais e espirituais.

Osíris, denominado o verde no Egito, foi despedaçado e jogado no rio Nilo, de onde ressuscitou graças a Ísis, tornando-se um grande iniciado, pois conhece a morte e o renascimento, promovendo na superfície a renovação da terra na primavera e o julgamento das almas abaixo do solo. Os egípcios também tinham medo dos gatos de olhos verdes, punindo com a morte quem os matasse.

No pensamento chinês, o *Yin* é masculino, impulsivo e vermelho, e o *Yang*, feminino, reflexivo e verde. O equilíbrio entre os dois é o segredo do equilíbrio entre o ser humano e a natureza.

Os alquimistas, em sua busca da resolução dos contrários, definem o fogo secreto como um espírito vivo e luminoso, como um cristal verde que se funde como cera. Na maioria dos esoterismos, o princípio vital, segredo dos segredos, é representado pelo sangue retido em um recipiente verde, interpretado por alguns alquimistas como o sangue do leão verde, que é o ouro dos filósofos. Para outros, o recipiente verde, cor da natureza feminina, funciona como um ventre de proteção no qual o embrião do princípio vital habita, sendo denominado o segredo dos segredos.

*N.E.: Sugerimos a leitura de *A Revolução Luciferiana*, de Adriano Camargo Monteiro, e *Os Mistérios do Tesouro dos Templários e do Santo Graal*, de Lionel Patricia Fanthope, Madras Editora.



Também o Graal, vaso de cristal ou esmeralda verde, contém o sangue de Deus encarnado (por meio de Seu Filho), simbolizando o amor e o sacrifício.

O verde possui uma simbologia complexa vinda de sua polaridade entre o broto da planta verde que surge e o verde do mofo e da putrefação, entre a vida e a morte.

Em nossos dias, por causa da ameaça da civilização industrial, surgiram inúmeros movimentos ecologistas em defesa do verde representado pela natureza e pela própria Amazônia, que, no passado, era chamada de inferno verde e recebe uma nova denominação de pulmão do mundo.

O verde é uma cor calma, sem alegria, sem tristeza e sem paixão, simbolizando a paz da neutralidade.

Na Maçonaria, encontramos o verde em ornamentos e aventais dos Graus Filosóficos.



VERMELHO

É a cor da vida, da paixão e do amor, sendo símbolo do sangue, da luta e da morte.

No Egito Antigo, avermelhar significava matar, e, na Idade Média, era a cor do carimbo da sentença de morte atribuída aos condenados, sendo também a cor das vestes do carrasco.

Na Bíblia, simboliza a cor do pecado e da penitência, em que Babilônia, a Grande, a mãe das meretrizes e das abominações da terra, se vestia de púrpura e escarlate (Apocalipse 17:4-5-6), sendo também um símbolo guerreiro, estando presente na batalha entre o Céu e o Inferno.

É a cor da ciência e do conhecimento esotérico que os sábios dissimulam sob seus mantos. No Tarô,* O Eremita, A Papisa, A Imperatriz, A Força e A Justiça usam uma toga vermelha sob um manto azul.

O vermelho ligeiramente violeta, denominado púrpura, era o emblema do poder em Roma, sendo de uso exclusivo dos generais, da nobreza, dos patrícios e dos imperadores. O Código de Justiniano condenava à morte o vendedor e o comprador de tecido púrpura entre o povo.

No Japão, o vermelho é usado quase que exclusivamente pelas mulheres, simbolizando a sinceridade e a felicidade.

Na Maçonaria, encontramos nas Lojas Simbólicas a cor vermelha relacionada ao Sol, à Estrela e à Espada Flamejantes. Na Maçonaria Filosófica, as Lojas de Perfeição (Grau 4 ao 14) e as Lojas Capitulares (Grau 15 ao 18) são denominadas Lojas Vermelhas.

Também na Maçonaria Filosófica, encontramos em seus rituais e aventais a cor vermelha.

* N.E.: Sugerimos a leitura de *Tarô do Cigano*, de J. DellaMonica, Madras Editora.



VIOLETA

Violeta é a cor da temperança, da lucidez e do equilíbrio entre a Terra e o Céu, entre os sentidos materiais e o espírito, entre a paixão e a inteligência.

A cor violeta é formada por uma parte igual de azul e vermelho, e, no arcano XIII do Tarô, denominado A Temperança, temos um anjo segurando dois vasos, um azul e outro vermelho, entre os quais existe uma troca de fluidos. Na Grécia Antiga, o ato de derramar um vaso em outro representava a metempsicose (mudança de estado).

A doutrina hermética se baseia na troca perpétua entre o Céu e a Terra por meio dos mecanismos de evolução e involução, ou subida e descida, formados pelo ciclo da renovação periódica. Baseado nessa teoria, o violeta é o oposto do verde (passagem da morte para a vida), simbolizando a involução ou passagem da vida para a morte. Talvez por essa razão o violeta seja a cor do segredo do mistério da transformação ou da reencarnação.

Nas representações da arte sacra da Idade Média, Jesus Cristo era reproduzido vestindo uma túnica violeta durante a Paixão; talvez uma consequência desse simbolismo tenha transformado o violeta em cor de luto nas sociedades ocidentais.

Mas o violeta também é uma cor de tranquilidade, em que o ardor do vermelho é suavizado pelo azul, sendo uma cor utilizada pelos bispos da Igreja Católica, como um emblema da temperança.

Na Maçonaria, encontramos a cor púrpura na luz da Câmara de Reflexões, nas luzes dos castiçais quando utilizam lâmpadas elétricas e na Lâmpada Mística dos Graus Simbólicos. Nos Graus Filosóficos, o violeta é utilizado em ornamentos e aventais.



A GEOMETRIA HUMANA

A Enéada (conjunto dos poderes criadores que organizam o Universo) criou a visão por meio dos olhos, o entendimento por meio das orelhas e a respiração por meio do nariz.

Esses órgãos fazem as percepções subirem até o coração.

É graças ao coração que todo conhecimento existe; a língua expressa o que o coração concebeu.

Assim nascem todas as potências criadoras, o ser e o não ser e sua Enéada. Toda palavra divina se manifesta em função do pensamento do coração e da formulação da língua. Assim foram criadas as energias criadoras e as qualidades do ser.

Assim foi gerado tudo que nos nutre e todos os alimentos benéficos: graças ao verbo.

Assim foi dada vida ao justo e morte ao indivíduo iníquo. Assim foram criadas todas as formas de trabalho e todos os tipos de artesãos, a ação das mãos e o movimento das pernas, a mobilidade de cada membro: segundo a ordem concebida pelo coração e formulada pela língua, ordem que cria continuamente a significação de cada coisa.

Pedra de Shabaka



HISTÓRIA DA GEOMETRIA

Desde a Antiguidade remota até os nossos dias, o ser humano buscou na natureza formas e proporções harmoniosas para realizar suas obras.

A relação de formas e proporções encontradas na Geometria e na Arquitetura também são encontradas em outras áreas da atividade humana, como na Música, pela harmonia dos sons, e nas cores que alegrem nosso mundo.

O estudo das relações entre as formas e proporções que geram a harmonia nos conduz ao caminho do entendimento de que existe um sistema único e que tudo vem da mesma unidade que denominamos Deus. Essa força inteligente e criativa gerou um Universo de proporções incalculáveis a partir de uma única verdade da qual fazemos parte.

Tendo como base a criação divina, o ser humano desenvolveu e continua desenvolvendo novos conhecimentos que atendem às suas necessidades de sobrevivência. As ciências se multiplicaram, e algumas, como é o caso da Geometria, desempenham um papel de destaque no conhecimento humano, a ponto de o Criador ser denominado O Grande Geômetra ou Arquiteto do Universo.

A evolução da Geometria foi lenta no início, por causa dos ínfimos recursos de que o ser humano dispunha, mas, mesmo assim, encontramos inúmeras obras que mostram a determinação de alguns na busca da solução de problemas complexos.

A palavra geometria vem do grego, significando medir a terra. Parece ter sido esta a primeira necessidade, a divisão das terras férteis às margens dos rios. A partir dessa fase surgiram as construções de edifícios e ferramentas, a observação do movimento dos astros e outras inúmeras atividades humanas que passaram a depender dos estudos da Geometria.

Existe uma vasta documentação comprovando que as antigas civilizações, egípcia e babilônica, possuíam um vasto conhecimento sobre o assunto, tanto na parte das construções como no que se refere à Astrologia.

Por volta de 3500 a.C., surgiram as construções dos primeiros templos, e seus arquitetos tiveram de encontrar unidades de medida uniformes e precisas. As primeiras unidades de medida foram baseadas no corpo humano: palmo, pé, passo, braça, cúbito, etc.

Para que essas medidas fossem precisas, adotaram as medidas das partes do corpo de um único homem, o soberano. Por meio dessas medidas,



construíram cordas com nós, réguas de madeira e metal, que representavam as primeiras medidas oficiais de comprimento.

Na Grécia, por volta de 600 a.C., vivia na cidade de Mileto um prospero comerciante chamado Tales, que, por causa de sua atividade comercial, manteve contato com a Matemática dos egípcios. Tales de Mileto era uma pessoa famosa, pois, por causa de seus conhecimentos, havia previsto um eclipse ocorrido em 585 a.C., e foi o primeiro a afirmar que o brilho da Lua era reflexo do Sol, tendo sido incluído na relação dos sete sábios da Antiguidade. Diz a lenda que um sofista tentou confundir Tales com perguntas difíceis, mas este as respondeu sem vacilar, da seguinte forma:

- Qual é a coisa mais antiga? Resposta: Deus, que sempre existiu.
- Qual é a coisa mais formosa? Resposta: O Universo, obra de Deus.
- Qual é a maior de todas as coisas? Resposta: O espaço, pois contém o Criador.
- Qual é a melhor de todas as coisas? Resposta: A virtude, pois, sem ela, nada é bom.
- Qual é a coisa mais constante? Resposta: A esperança, que permanece no homem depois de ter perdido tudo.
- Qual é a mais rápida de todas as coisas? Resposta: O pensamento, que em um instante pode percorrer o Universo.
- Qual é a mais forte de todas as coisas? Resposta: A necessidade, que faz com que o homem enfrente os perigos da vida.
- Qual é a mais fácil de todas as coisas? Resposta: Dar conselhos.
- Qual é a mais difícil de todas as coisas? Resposta: Conhecer a si mesmo.

Próximo ao ano de 306 a.C., Ptolomeu sucedia a Alexandre Magno no trono do Egito e fundava em Alexandria uma instituição que recebeu o nome de museu. Essa obra ficava junto ao palácio real, possuindo dependências residenciais, salas de aula, salões para conferências e a maior biblioteca da época.

Euclides foi o primeiro diretor do museu e pôde organizar os trabalhos de inúmeros matemáticos, como Tales, Pitágoras, Eudoxo e muitos outros, reunindo todos em uma obra denominada de *Os Elementos*. Essa obra é um conjunto de 13 livros dedicados aos fundamentos e desenvolvimentos da Geometria. Por causa de seu estilo e ordenação, passaram a ser normas orientadoras para as futuras obras relacionadas à Matemática.



Os Elementos tornou-se uma obra clássica da Geometria e foi tão difundida que chegou a sobrepujar o seu autor, cuja existência física chegou a ser negada na Idade Média.

Após Euclides, surgiram em Alexandria dois matemáticos notáveis: Apolônio e Arquimedes. Apolônio dedicou seus estudos a uma família de curvas denominadas cônicas, denominação resultante de um corte no cone. Essas curvas cônicas desempenham um papel importante na Física e na Matemática atual, estando relacionadas às órbitas dos planetas, às trajetórias dos foguetes e aos espelhos dos telescópios.

Arquimedes nasceu na cidade de Siracusa, no ano de 287 a.C., descendente da família real, tendo sido não só matemático, mas também inventor. Seus projetos tinham por base: alavancas, roldanas e sarilhos, e muitos dos seus engenhos voltados para a guerra ajudaram a sua cidade (Siracusa) a resistir às hostes romanas, tendo inclusive incendiado uma esquadra utilizando espelhos parabólicos. Também inventou o parafuso sem-fim utilizado na elevação da água.

Outra famosa descoberta de Arquimedes foi o "princípio de Arquimedes" da hidrostática, que diz: "Todo corpo imerso em um fluido recebe deste um empuxo vertical (de baixo para cima) em intensidade igual ao volume deslocado do fluido". Conta a lenda narrada pelo arquiteto Vitruvius que Arquimedes descobriu esse princípio quando tomava banho, e entusiasmado saiu nu pelas ruas gritando: "eureka, eureka", que significa achei. Também é de sua autoria a famosa afirmação "dai-me um ponto de apoio, e eu moverei o mundo".

O raciocínio de Arquimedes iria inspirar Newton e Leibniz (1600 a 1700 d.C.) na invenção do cálculo infinitesimal.

Atualmente, rotas de navios, aviões e foguetes são traçadas por meio de avançados métodos de Geometria, incorporados a equipamentos de radar e a computadores.

O que deve ser destacado é que, desde os tempos primitivos, passando pela Grécia, a Geometria sempre foi uma ciência empregada para resolver problemas práticos.



A MEDIDA

A medida é o símbolo da exatidão, da justiça e da harmonia, tanto em relação ao ser humano como em relação ao Universo com suas formas de conhecimento. É a grandeza determinada que serve de padrão para a avaliação de outras.

Podemos encontrar a medida em inúmeras situações, como no espaço que separa duas coisas ou pessoas, no intervalo entre duas épocas, na distância do foco ao ponto principal em um sistema óptico, no espaço social que determina a posição do indivíduo, aproximação ou afastamento de uma pessoa ou grupo, nas relações de superioridade e inferioridade e no espaço entre dois pontos por meio da Geometria.

Além das dimensões e distâncias, a medida se relaciona com o peso ou produto da ação da gravidade sobre os corpos, e todos eles dependem dos números entre qualquer quantidade e uma outra, que podemos definir como a relação existente entre qualquer quantidade e uma outra tomada como termo de comparação e chamada de unidade e que não deve ser confundida com Numerologia,* que é o estudo do significado oculto dos números e de suas influências no caráter e no destino das pessoas.

A medida de comprimento como base normativa é de grande importância na crença dos povos, pois contar e medir são a base de uma Geometria Sagrada, que simboliza a ordem planejada e a harmonia do Cosmos: "Deus tomou as medidas do mundo estendendo o cordel" (Jó 38:4-5).

Os templos egípcios eram demarcados à noite obedecendo à posição dos astros. O Templo de Jerusalém e a maioria dos templos antigos obedeciam a medidas sagradas geralmente baseadas no ser humano.

*N.E.: Sugerimos a leitura de *Numerologia, Carma e Transformação*, de Anny Luz, Madras Editora.



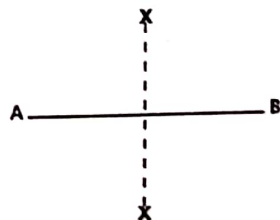
A PROPORÇÃO ÁUREA

A proporção áurea é também chamada de: número de ouro, número áureo, razão áurea, razão de ouro, divina proporção, proporção em extrema razão e divisão de extrema razão.

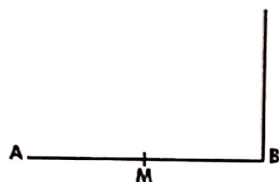
Sua definição pode ser resumida da seguinte forma: se um segmento é dividido em duas partes desiguais, a menor das partes está para a maior assim como a maior está para o todo.

Podemos encontrar a proporção áurea da seguinte maneira:

Encontramos o ponto médio (M) do segmento AB.



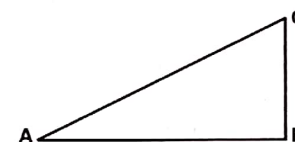
Traçamos uma reta perpendicular ao segmento AB passando por B.



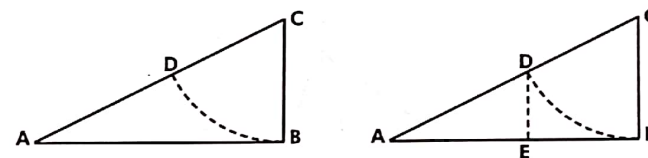
Com o compasso em B, traçamos um arco do ponto M até a perpendicular B, surgindo o ponto C.



Unimos os pontos A, B e C, formando o triângulo ABC.



Com o compasso no vértice C, traçamos um arco do ponto B até a hipotenusa do triângulo, na qual teremos o ponto D.



Com o compasso no vértice A, traçamos um arco partindo do ponto D até o segmento AB, no qual teremos o ponto E. A distância AE no segmento AB é 1.6183 maior que a distância EB. Esse número é denominado Phi, em homenagem ao arquiteto e escultor Phidias, construtor de inúmeras obras das quais se destaca o Partenon.

O número Phi ou proporção áurea se relaciona com a natureza, podendo ser encontrado na natureza, no corpo humano e no Universo.

Nos vegetais, a razão áurea é a proporção em que aumenta o diâmetro das espirais das sementes de um girassol e diminuem as folhas de uma árvore à medida que atingem o topo.

No reino animal, é a proporção estabelecida entre machos e fêmeas de qualquer colmeia, estando presente também nas escamas de peixes e nas presas de elefante.

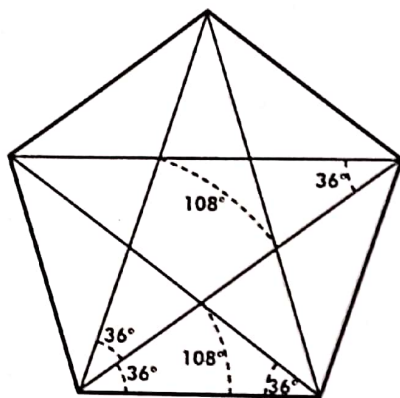
No corpo humano, encontramos as seguintes relações:

- A altura do corpo e a medida do umbigo até o chão.
- A medida da cintura até a cabeça e o tamanho do tórax.
- O tamanho dos dedos e a medida da dobra central até a ponta.
- A altura do crânio e a medida da mandíbula até o alto da cabeça.
- A medida do quadril ao chão e a medida do joelho ao chão.
- A medida do ombro até a ponta do dedo e do cotovelo até a ponta do dedo.



Também encontramos a proporção áurea no comportamento da refração da luz, nos átomos, nas espirais das galáxias, nas ondas dos oceanos, nos furacões, etc.

A proporção áurea vem sendo utilizada desde a Antiguidade. Os egípcios construíram suas pirâmides utilizando a proporção áurea nos blocos de pedra e nas câmaras internas de seus monumentos. Encontramos também a proporção áurea na pintura, na escultura, na literatura e na música. Mas talvez quem mais tenha admirado a proporção áurea tenha sido Pitágoras, ao descobrir essa proporção no pentagrama, que acabou se tornando o símbolo representativo de sua irmandade.



O pentagrama é obtido traçando-se as diagonais de um pentágono regular. O pentágono menor, resultado das interseções das diagonais, encontra-se em proporção com o pentágono maior do qual se originou o pentagrama. A razão entre as medidas dos lados dos dois pentágonos é igual ao quadrado da razão áurea.

Pitágoras, fascinado pelas relações numéricas, afirmava que “tudo é número” e que o Universo seguia padrões matemáticos.

Atualmente, a proporção áurea ainda é usada em obras de arte e nas padronizações de medidas, como em cartões de crédito, livros, revistas, fotos e uma série de outras coisas.

Para alguns estudiosos, a medida da proporção áurea se relaciona com a glândula pineal, proporcionando ao ser humano uma sensação de harmonia e beleza.



OS NÚMEROS

Na Antiguidade, o ser humano notou que existia uma coerência no Universo regida por leis, e o mundo foi considerado uma construção matemática cuja harmonia era de origem divina.

Os números foram utilizados em estudos de elaboração simbólica, pois exprimem além de quantidades, ideias e forças. Por causa de sua importância, a interpretação dos números foi uma das mais antigas ciências simbólicas.

A tradição por intermédio do esoterismo considerava os números como algo universal relacionado a todas as ciências ocultas, existindo uma ligação entre elas por meio da analogia simbólica ou lei das correspondências. Os números não eram considerados apenas pelas suas propriedades: aritméticas, algébricas, geométricas, etc., mas também pelas suas configurações: simbólicas, psicológicas, lúdicas, poéticas, mágicas e metafísicas.

Os números passaram a representar o padrão perfeito para medir o espaço e o tempo, simbolizando o conhecimento do mundo e o reflexo da ordem cósmica e humana, pois Deus ordenou tudo de acordo com a medida, o número e o peso.

No simbolismo bíblico, os números possuem frequentemente um valor quantitativo e um significado qualitativo.

Existem divergências entre vários povos com relação às influências dos números, pois alguns consideram determinados números bons e outros os consideram nefastos.

Os números ímpares normalmente eram associados ao divino e espiritual, e os pares, ao material e humano, existindo a mesma correspondência com relação ao sexo; o masculino se relacionava com o ímpar, e o feminino, com o par.

Os sumérios, babilônios e egípcios consideravam determinados números como particularidades dos deuses. Para os astecas, os números tinham grande importância cósmica, pois, além de estarem ligados a um Deus, estavam ligados às cores, a pontos no espaço e a um conjunto de influências boas e más.

Existe a crença de que cada número tende a gerar um número superior, pois, como não pode ultrapassar seus limites, tem a necessidade de um oposto, um parceiro para poder continuar existindo.



A substituição de letras por algarismos foi comum na Antiguidade, surgindo a possibilidade de converter palavras em números por meio do que se denominou gematria.

Pitágoras acreditava em um Deus geômetra, e, para ele, todas as coisas eram números, e qualquer número, uma divindade.

Todo o desenvolvimento da ciência tecnológica não seria possível sem os números, as equações e as fórmulas que nos explicam o equilíbrio do Universo em constante movimento e expansão.

Ao analisarmos um número, como por exemplo o número um, concluímos que se trata da unidade, mas, além da unidade, o número um é o arquétipo, o atributo ou absoluto, o que passa a representar um conceito filosófico que, por meio de suas características metafísicas, transcende a realidade.

A Maçonaria Simbólica ministra seus ensinamentos esotéricos por meio de símbolos e alegorias, em que os números possuem uma enorme importância.



O PONTO

O ponto simboliza o centro, a origem, o princípio da emanção, o retorno ou poder criativo e o fim de todas as coisas; em outras palavras, o ponto de origem da meditação e o ponto de chegada da integração espiritual.

O ponto é a interseção da linha no espaço, o encontro das direções, o centro da polarização das tendências antagônicas, podendo ser encontrado no centro da cruz.

Nas doutrinas hindu e tibetana,* o ponto (*bindu*) simboliza o princípio, o germe da manifestação que se encarrega da propagação do ponto em todas as direções do espaço. Mas também pode simbolizar o equilíbrio e a harmonia representados pelo centro imóvel do círculo, ou do ponto de equilíbrio, os iguais e os opostos. O ponto é considerado como o limite da abstração do volume de um corpo, quando suas dimensões e propriedades são retirados, restando um ponto em uma determinada posição no espaço.

No simbolismo da Cabala, o ponto oculto, quando se manifesta, transforma-se na deidade infinita e ilimitada ao emanar e se expandir.

Encontramos em vários povos a arte da decoração por meio de pontos que acabam normalmente representando algo real, como grãos e estrelas, assim como podem representar de forma ordenada figuras geométricas, animais, humanos e divindades.

Na Maçonaria, o ponto se destaca em várias situações, como:

- Os três pontos de perfeição;
- O ponto central do Templo, onde se encontra o altar dos juramentos;
- O ponto de apoio do compasso em sua busca pelo aperfeiçoamento espiritual.
- O ponto que dá início à linha de conduta estabelecida pela régua.

No simbolismo universal, o ponto representa Deus ou a menor parte do Universo presente em todas as coisas.

Encontramos também os pontos cardeais situados nos quatro lados do paralelogramo formado pelo piso do Templo maçônico.

Na Astronomia, encontramos os pontos equinociais quando o Sol atravessa a linha do Equador em seu movimento anual; um é denominado

*N.E.: Sugerimos a leitura de *A Magia Secreta do Tibete*, de J.H. Brennan, e *Uma Introdução ao Estudo da Cabala*, de William Wynn Westcott, ambos da Madras Editora.



equinócio da primavera, e o outro, outono; cada um no sentido inverso do outro.

Temos também os pontos solsticiais, momento da elíptica em que o Sol se afasta do equador, resultando nos solstícios de inverno e de verão.



AS LINHAS

Podemos definir uma linha como a extensão que possui uma única dimensão e comprimento, que pode ser finito ou infinito.

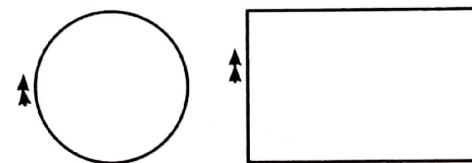
As linhas podem ser retas ou curvas. As linhas retas podem ser encontradas na posição vertical, horizontal e inclinada, e as curvas, nas mais variadas posições.



As linhas também podem ser compostas de várias retas e denominadas linhas quebradas, compostas de retas e curvas denominadas mistas.



O trajeto das linhas pode partir e retornar ao ponto de origem, delimitando um determinado espaço.



A régua é o instrumento mais utilizado para auxiliar no traçado de linhas retas, e o compasso, no traçado de linhas curvas e na própria circunferência.

As linhas, sejam retas, curvas ou tortuosas, estão relacionadas a várias simbologias, como: direção, direita-esquerda, acima-abaixo, indicando-nos desta forma uma direção ou um caminho.

Os egípcios viam na trajetória do Sol o seu caminho pela vida; na China Antiga, a ordem cósmica representava a vida do ser humano em seu caminho.



A maioria das religiões tem como objetivo indicar aos seus seguidores o caminho para a salvação: Buda ensinava o caminho sagrado dos oito elementos, na Índia Antiga; Magra era o caminho da salvação; o Sufismo indica a visão mística como o caminho; e no, Cristianismo, Jesus disse: "Eu sou o caminho a verdade e a vida (João 14:6).

Em todo o simbolismo cósmico, existe uma indicação de retorno ao centro, à origem, uma espécie de reintegração da manifestação ocorrida no princípio, o ponto expande ao círculo que retorna ao ponto. A reintegração ao centro é visível através da espiral involutiva. O afastamento e a expansão se relacionam com o retorno, observado na *loga** no movimento de retorno à fonte, a reintegração ao centro do ser.

No esoterismo islâmico, a palavra *Ta'wil*, utilizada para designar a interpretação dos símbolos, possui o sentido de retornar à fonte, e, segundo o próprio Corão, a criação produzida por Deus retorna a ele.

O pensamento hermético nos leva à unidade cósmica podendo ser interpretada por meio do Uroboro (a serpente que morde a própria cauda), forma circular que encerra o segredo do eterno retorno.

As linhas também sofrem um processo de entrelaçamento por meio dos movimentos da evolução e da involução, em que se cruzam fatos cósmicos e humanos.

A corda de 81 nós, presente nos Templos Maçônicos, na forma de um oito deitado, simboliza os vínculos que unem os Irmãos por meio de repetidos enlaçamentos, objetivando uma união até a morte ou retorno às origens.

As linhas em sua eterna busca assumem diversas direções: na verticalidade medida pelo prumo, simboliza o eixo, a ascensão e o progresso ligado às alturas, que, nas religiões, são interpretadas pelo encontro com o divino.

Nas linhas horizontais determinadas pelo nível, podemos encontrar uma relação direta entre causa e efeito e direita e esquerda. Na relação causa e efeito, o conteúdo tem um objetivo direto. Já na relação direita e esquerda, existe uma simbologia complexa, em que o lado direito, denominado destrocentrico, possui uma natureza benéfica, e o lado esquerdo, chamado de sinistrocentrico, simboliza o sentido maléfico.

Nas construções, as linhas possuem um papel fundamental, dimensionando todos os detalhes no todo. Nas construções religiosas, as linhas

*N.E.: Sugerimos a leitura de *Kundalini Yoga*, de M.P. Pandit, Madras Editora.



adquirem um papel simbólico e místico, contribuindo na formação de elementos concretos e abstratos, visíveis e invisíveis, exotéricos e esotéricos.

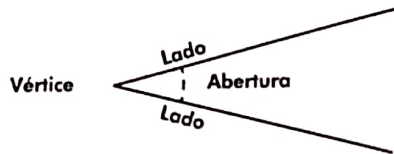
Nos Templos Maçônicos, as linhas são responsáveis pela formação de uma simbologia extraordinária, que tentaremos demonstrar nos próximos capítulos.



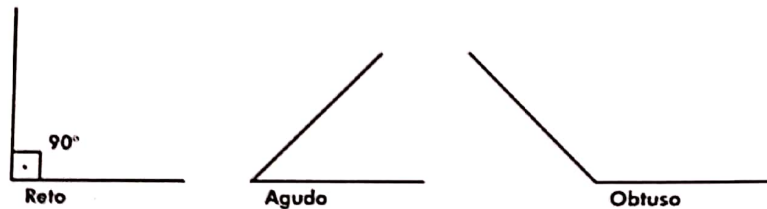
OS ÂNGULOS

Quando duas linhas se encontram, formam um ângulo, que pode ter várias dimensões, dependendo do afastamento das linhas. Um compasso aberto ou um esquadro nos dão uma ideia perfeita de um ângulo.

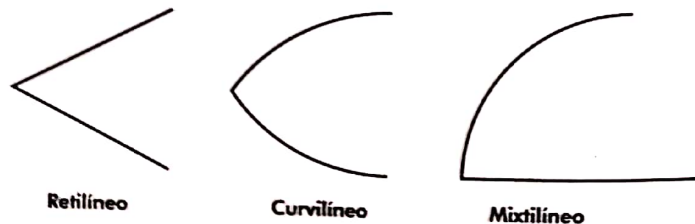
O ponto de encontro das linhas é chamado de vértice, e as linhas são denominadas de lados do ângulo.



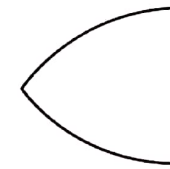
Os ângulos podem ser: retos, agudos ou obtusos. Se uma linha reta se encontra com outra perpendicular e não se inclina para nenhum dos lados, o ângulo é reto, e sua abertura possui 90° ; se a abertura do ângulo for menor que a do ângulo reto, este passa a ser chamado de agudo; e, se for maior, obtuso.



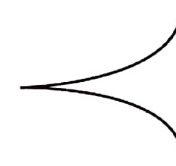
Os ângulos, de acordo com as linhas que os formam, podem ser: retilíneos, curvilíneos e mixtilíneos. Se as linhas que formam o ângulo são retas, ele é retilíneo; se são curvas, é curvilíneo; e, se possui uma linha reta e uma curva, é mixtilíneo.



Os ângulos curvilíneos, de acordo com o formato de suas linhas, podem ser convexos ou côncavos.

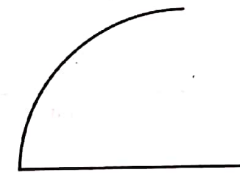


Curvilíneo Convexo



Curvilíneo Côncavo

Da mesma forma, os ângulos mixtilíneos podem ser convexos ou côncavos.

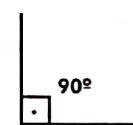


Mixtilíneo Convexo

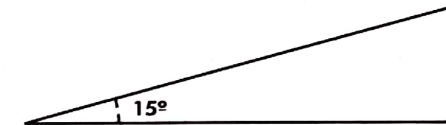


Mixtilíneo Côncavo

A grandeza de um ângulo depende exclusivamente do afastamento ou do recuo de seus lados; o comprimento dos lados não influi em sua grandeza. Essa característica dos ângulos vai ao encontro do dito popular "as aparências enganam", pois às vezes o lado exterior aparenta algo que não representa a realidade. No caso dos ângulos, o interior ou a abertura deles é que determina a sua importância, fato que deveria ocorrer com o ser humano, pois muitos se impressionam com o modo de vestir, com títulos, medalhas e uma infinidade de coisas supérfluas, esquecendo que o verdadeiro valor está no lado interior das pessoas. A grande preocupação da Maçonaria é justamente o aperfeiçoamento interno, por meio do lapidar a Pedra Bruta, vencendo as paixões.



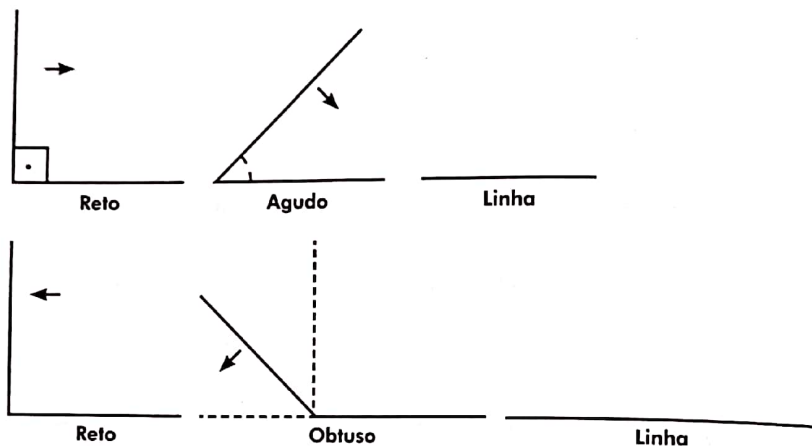
90°



15°



Os ângulos retilíneos possuem uma característica interessante, pois, de acordo com a movimentação de seus lados, podem retornar à linha.

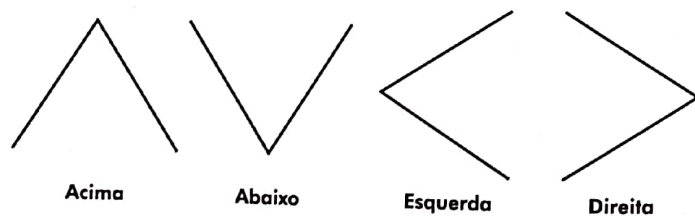


Mas, quando ultrapassam a horizontalidade, passam a formar novamente ângulos em um novo plano.



Essa possibilidade está relacionada com as simbologias voltadas ao acima-abaixo; ou nível celeste-nível inferior; Céu-Inferno, etc.

Mas essas simbologias se tornam mais significativas quando o sentido de direção dos ângulos é determinado pelo seu vértice, pois o ângulo possui uma forma semelhante a uma seta, o que o transforma em um indicador de direções.



Outra característica interessante dos ângulos retilíneos pode ser observada no arco e flecha. O arco é composto de um semicírculo preso em suas extremidades por uma corda.

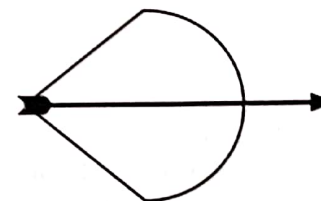


A corda em sua posição original equivale a uma linha reta. A flecha possui em suas extremidades ângulos com características semelhantes e funções diferentes.

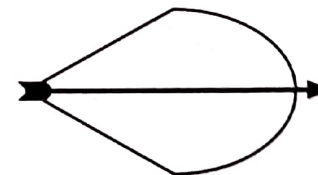


Enquanto um ângulo da flecha será colocado de encontro com a corda, o outro irá de encontro ao alvo.

Para que essa operação seja realizada, é necessária a formação de um novo ângulo com a corda, e esse novo ângulo será formado no sentido oposto ao da flecha.



O mais interessante é que esse ângulo formado pela corda, quanto mais agudo for (fechado) ou quanto menos graus tiver, mais irá impulsionar a flecha.

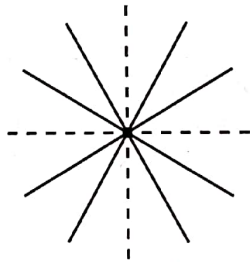




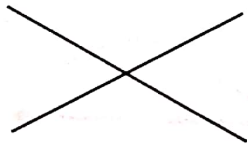
Esse exemplo nos mostra três utilizações diferentes do ângulo com o mesmo objetivo: atingir um determinado alvo. Os ângulos que propiciaram todo o acontecimento não serão a parte principal do fato; todos querem ver se a flecha atingiu o alvo, os ângulos, na verdade, nem serão lembrados.

Os ângulos estão presentes na maioria das figuras geométricas (polígonos, estrelas, etc.), nas formas da natureza e nos objetos produzidos pelo ser humano. É um elemento que contribui para a formação de outros, pois suas formas são assimiladas formando uma nova forma. Embora faça parte de praticamente tudo o que existe, o seu valor não é reconhecido como deveria ser (a não ser em soluções técnicas). Embora passe despercebido, determina a forma dos objetos, e muitos objetos não existiriam se não fosse pela precisão dos ângulos.

Os ângulos estão ligados aos símbolos do encontro, da união e da amplitude, podendo visualizar todo o Universo.

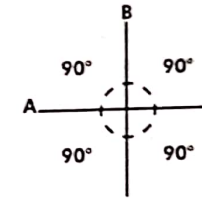


Quando dois lados se encontram na formação de um ângulo, pode ocorrer o prolongamento dos lados formando um novo ângulo. Esses novos ângulos passam a ser opostos pelo vértice, e os ângulos opostos pelo vértice são iguais.



No prolongamento de um ângulo reto, se os lados forem todos iguais, teremos, além da formação de quatro ângulos retos, a figura da cruz, símbolo de enorme importância universal.

Na simbologia da cruz, os quatro ângulos retos apontam para o centro representado pelo ponto de encontro, local para onde convergem todas as energias do Universo, pois o ponto é a representação de Deus.



Podemos também encontrar um grande relacionamento nesta formação de ângulos com o número nove. Cada ângulo corresponde a $90^\circ - 9 + 0 - 9$, a soma dos ângulos localizados acima e abaixo da linha A corresponde a $180^\circ - 1 + 8 + 0 - 9$, a soma dos localizados à esquerda e à direita da linha B também, e a soma do conjunto dos quatro ângulos forma $360^\circ - 3 + 6 + 0 - 9$.

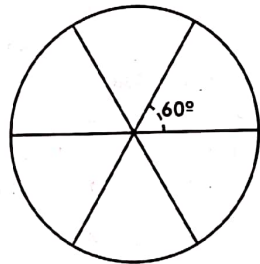
O número nove como último número da série de algarismos anuncia ao mesmo tempo um fim e um início, a transposição para um novo plano, lembrando que a gestação humana está ligada ao número nove (nove meses).

O ângulo antecede o polígono por meio do encontro e, ao receber o terceiro lado, se transforma no triângulo que possui uma superfície e dimensão.

Além do triângulo, os ângulos ajudam a construir: quadrados, retângulos, losangos, pentágonos, hexágonos, etc., e as suas aberturas determinam as formas. Pelo exposto, podemos concluir que os ângulos são construtores de formas.

A divisão do círculo em 360 partes iguais aparentemente não possui uma razão científica, mas talvez histórica, pois os babilônios que viveram entre 4000 a.C. e 3000 a.C. tinham grande interesse pela Astrologia e suas ligações com conceitos religiosos (politeístas) e criaram um sistema de numeração com base em 60 (sistema hexagesimal).

O número 60 possui uma grande quantidade de divisores: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 10, 12, 15, 20, 30, 60. A divisão de um círculo em 6 partes iguais era algo simples na Antiguidade, o que nos leva a crer que o número 60 tenha sido para representar $1/6$ de 360.



Outro fator na escolha do número 360 é o movimento de translação da Terra em volta do Sol, que se realizava em um período de aproximadamente 360 dias segundo cálculos da época (atualmente corresponde a 365,2222 dias).

A divisão de 360 em partes iguais e a divisão de cada parte em 60 partes menores, como também a divisão dessas partes menores em 60 partes menores ainda, pode também estar relacionada com os babilônios, que usavam frações com potências de 60 no denominador. As frações sexagesimais babilônicas usadas em traduções latinas (língua internacional da época) resultou em:

- primeiras menores partes – *partes minutae primae*;
- segundas menores partes – *partes minutae secundae*;

A origem das palavras minuto e segundo, o que resultou na medida popular dos ângulos em graus, minutos e segundos.

Atualmente, a unidade de medida de um ângulo no sistema internacional é o radiano, uma unidade criada pelo matemático Thomas Muir e pelo físico James Thomson por volta de 1873.

Na Maçonaria, temos como símbolo da Ordem a união do esquadro e do compasso.

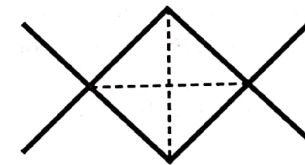


Ao analisarmos esses dois instrumentos, não temos nenhuma dificuldade em perceber que se trata de dois ângulos unidos, representando a união do macrocosmo e do microcosmo, do Céu e da Terra, do material e do espiritual.



O esquadro, como insígnia do Venerável (posto mais elevado da Loja), possui um ângulo reto e fixo com 90° e simboliza o lado material. O compasso é uma insígnia divina representando o plano espiritual; por essa razão, não possui nenhum cargo que o represente na Loja. Suas hastes são móveis, mas a Maçonaria determinou que sua abertura não deve passar de 90° pois essa é a capacidade de abertura do esquadro ou capacidade de entendimento do lado material.

Ao unirmos o esquadro e o compasso, ambos em 90°, temos ao centro um quadrado – símbolo da Terra –, cujas diagonais formam a cruz, o que nos mostra a união perfeita.



Mas, em qualquer abertura que o compasso esteja (pois o esquadro está sempre em 90°), o símbolo maçônico será composto por dois ângulos, um que aponta para cima, formado pelo compasso, e outro que aponta para baixo; formado pelo esquadro. A representação é clara, e sua simbologia nos leva ao ato da criação. A criação a que nos referimos é a dos Pedreiros Livres, que se utilizaram dos ângulos do esquadro e do compasso em suas criações maravilhosas e, como reconhecimento, utilizaram o compasso e o esquadro na formação do símbolo maçônico, pois, como os dois são construtores de formas, a Maçonaria é a construtora do caráter humano.



OS POLÍGONOS

Uma superfície plana limitada por várias retas é denominada de polígono.

As retas são os lados do polígono cuja soma passa a ter a denominação de perímetro.

A denominação de polígono ocorre quando a superfície é limitada por mais três retas, passando a receber nomes especiais de acordo com o número de lados: 3 lados, triângulo; 4 lados, quadrado ou retângulo; 5 lados, pentágono; 6 lados, hexágono; 7 lados, heptágono; 8 lados, octógono; 9 lados, eneágono; 10 lados, decágono; 11 lados, hendecágono; 12 lados, dodecágono; 15 lados, pentadecágono; 20 lados, icoságono.

Um polígono pode ter ângulos retos, agudos, obtusos, salientes, reentrantes, iguais e desiguais.

Também pode ser regular ou irregular. É regular se os lados e os ângulos forem iguais.

Um fato interessante é a relação entre as medidas dos ângulos dos polígonos e o número nove, que pode ser constatada na tabela abaixo.

• 3 lados	60° x 3	180°	1 + 8 + 0 - 9
• 4 lados	90° x 4	360°	3 + 6 + 0 - 9
• 6 lados	120° x 6	720°	7 + 2 + 0 - 9
• 8 lados	135° x 8	1080°	1 + 0 + 8 + 0 - 9
• 9 lados	140° x 9	1260°	1 + 2 + 6 + 0 - 9
• 10 lados	144° x 10	1440°	1 + 4 + 4 + 0 - 9
• 12 lados	150° x 12	1800°	1 + 8 + 0 + 0 - 9
• 15 lados	156° x 15	2340°	2 + 3 + 4 + 0 - 9
• 20 lados	162° x 20	3240°	3 + 2 + 4 + 0 - 9



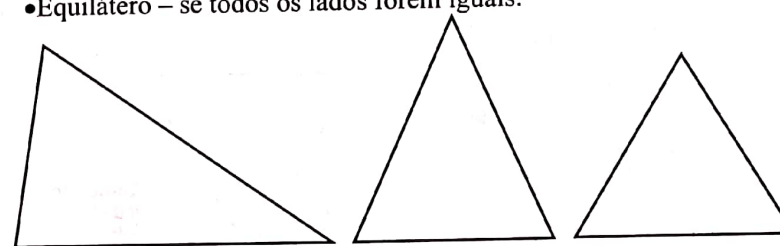
OS TRIÂNGULOS

Derivado do latim *triangulu*, o triângulo é uma figura geométrica formada por três linhas que se unem mutuamente, possuindo três ângulos e três vértices, sendo a primeira superfície geométrica.

O triângulo também é denominado de trilátero podendo ser: retilíneo, curvilíneo e mixtilíneo.

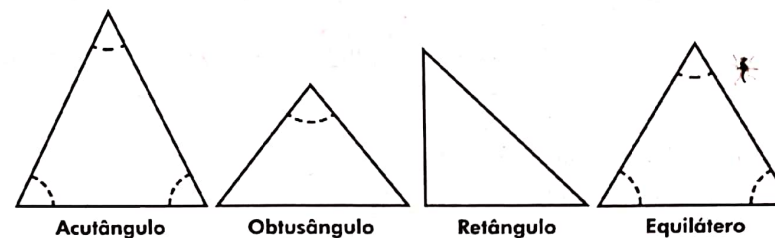
Com relação à grandeza de seus lados, temos a seguinte divisão:

- Escaleno – se os lados forem desiguais.
- Isósceles ou simétrico – se dois de seus lados forem iguais.
- Equilátero – se todos os lados forem iguais.



Com relação à grandeza de seus ângulos, os triângulos são denominados:

- Acutângulos – se todos os ângulos forem agudos.
- Obtusângulos – se possuir um ângulo obtuso.
- Retângulos – se possuir um ângulo reto.
- Equiláteros ou Isógonos – se todos os ângulos forem iguais.



A soma dos ângulos de um triângulo é sempre igual a 180°, número ligado à simbologia do número nove – 1 + 8 + 0 - 9.

Na Pré-História, o triângulo representava a região pubiana em estatueta femininas. Os pitagóricos também associavam o triângulo como “régio púbica”, mas no sentido da existência cósmica; e, no Hinduísmo, o triângulo simboliza a *yoni* (vulva) ligada às forças da natureza.

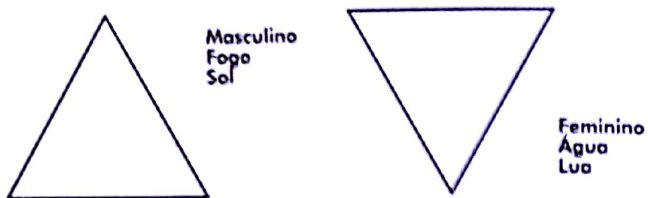


No Egito Antigo, o triângulo era símbolo da criação, sendo representado por Osiris como princípio masculino; Ísis, princípio feminino; e Hórus, produto da união, representado pela hipotenusa.

O triângulo, por sua forma, está ligado à Trindade, e ela não ocorre apenas na religião cristã, podendo ser encontrada em outros exemplos, como:

- Trimurti hindu – Brahma, Vishnu, Shiva;
- Triade egípcia – Osiris, Ísis, Hórus;
- Triade persa – Ormazd, Vohumanô, Asha Vahista.

O triângulo sempre teve grande importância nas entidades místicas, estando ligado à divindade. Na maioria dos sistemas herméticos, o triângulo com o vértice para cima simboliza o masculino, o fogo e o Sol e com o vértice para baixo, o feminino, a água e a Lua.



Também existe uma correspondência entre os triângulos e os elementos: O equilátero ligado a terra, o retângulo, à água, o escaleno, ao ar, e o isósceles, ao fogo.

Para Xenócrates, o triângulo equilátero simbolizava a divindade, o escaleno, o ser humano, e o isósceles, os demônios.

Na Geometria, o triângulo equilátero é a mais perfeita figura e, na Maçonaria, o mais perfeito emblema.

Na Maçonaria, os três lados do triângulo são representados por inúmeras fórmulas, como, por exemplo:

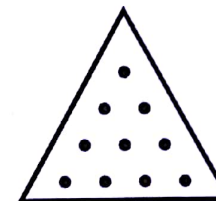
- bem pensar, bem dizer, bem fazer;
- liberdade, igualdade, fraternidade;
- passado, presente, futuro;

Também os ângulos recebem designações:

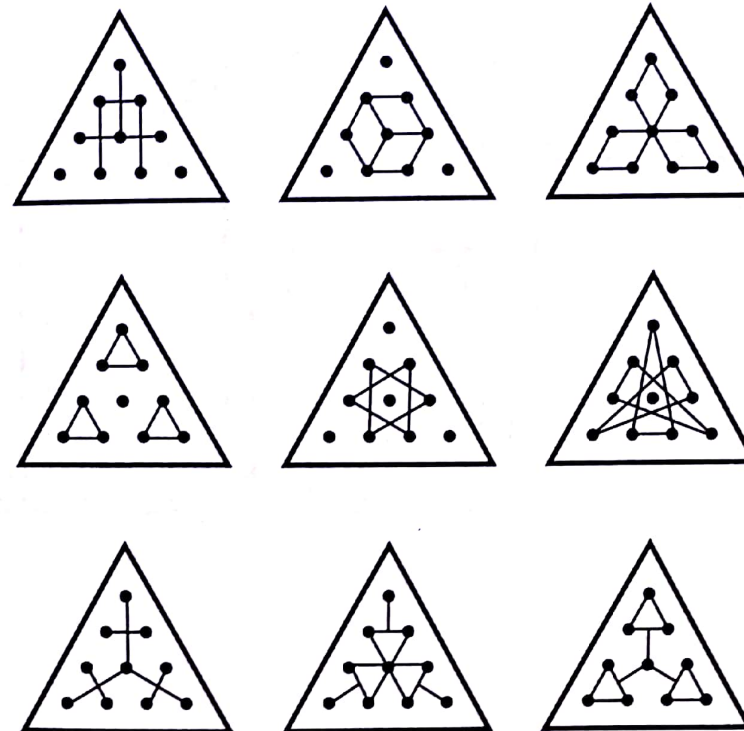
- sal, enxofre, mercúrio;
- nascimento, vida, morte;
- Céu, Terra, Inferno.



Uma das mais bonitas representações do triângulo é a Tetraktys pitagórica, também conhecida por Kleidoukos. Por meio dela, Pitágoras ensinava que dez é gerado de quatro, $1 + 2 + 3 + 4 = 10$, e graficamente representava seu pensamento por meio de um triângulo com 10 pontos.



Aproveitando o triângulo pitagórico, podemos estabelecer algumas formas místicas que a figura contém além dos dez pontos:

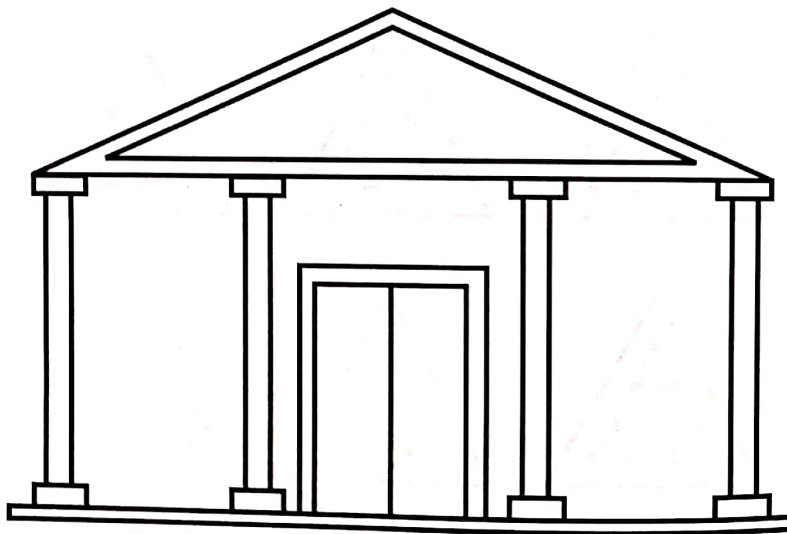




Por causa de seu formato pontiagudo voltado para o alto e os seus lados caídos, a forma triangular tem sido a mais usada para servir de telhado de casas e templos, estando sempre ligada à forma quadrada ou retangular do espaço habitável.

Essa união passou a simbolizar a ligação entre o céu e a Terra por meio do triângulo e do quadrado.

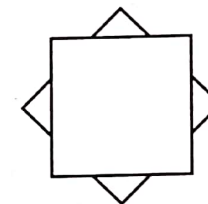
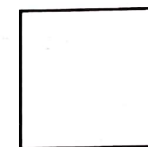
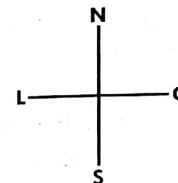
Na maioria dos Templos Maçônicos, é comum observarmos o frontispício com forma triangular, como nos grandes templos da Antiguidade.



O QUADRADO

É uma figura geométrica utilizada universalmente na simbologia relacionada à Terra. Vários povos em suas tradições adotam o quadrado como símbolo da Terra e o círculo do céu.

O quadrado, em sua simbologia e forma, está presente em inúmeros espaços sagrados e profanos: cidades, altares, templos, pirâmides, estrelas, etc.



Platão admirava o quadrado e o círculo e os considerava belos em si mesmos. Para ele, o quaternário se relaciona com a materialização da ideia ou a manifestação, e o círculo é a própria ideia, um é o espírito, e o outro é a matéria.

Mas o triângulo também representa o plano espiritual e, com o quadrado, simbolizam a união entre o céu e a Terra, estando o ternário ligado ao simbolismo vertical, e o quadrado, ao horizontal.

Os hebreus utilizavam o tetragrama IEVE com o nome impronunciável da divindade, e os pitagóricos faziam da Tetraktys a base de sua doutrina.

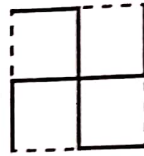
Abu Ya'qub diz que a tétrade, número do quadrado, é o mais perfeito dos números, pois representa a inteligência e o nome divino (Allh). Em Meca, a Caaba (cubo), Santo dos Santos do Islã, encontra-se no centro da Grande Mesquita, um edifício em forma cúbica que contém a Pedra Negra dada a Abraão pelo arcanjo Gabriel.

No Cristianismo, a Terra é definida como Orbis Quadratos, e, na Bíblia, encontramos referências aos quatro cantos da Terra (Ezequiel 7:2 e Apocalipse 20:8).

A cruz inserida no quadrado por meio das diagonais é a expressão dinâmica do quaternário, também representada pelo simbolismo do *gammadion*, que é praticamente um quadrado que encerra uma cruz formada por quatro esquadros relacionados à letra grega gama, e que,



para muitos, simboliza Cristo rodeado pelos quatro evangelistas ou pelos quatro animais do Apocalipse.



O quaternário, como forma por meio do quadrado e suas variações, é a representação numérica pelo número quatro, sendo considerados como símbolos da perfeição divina e da manifestação completa do mundo estabilizado e solidificado.

O cubo é a manifestação máxima do quadrado em sua simbologia de estabilidade e solidificação, pois fixa o espaço em suas três dimensões.

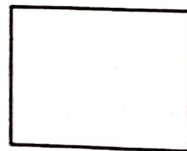
No misticismo, o cubo é um símbolo da verdade, da sabedoria e da perfeição moral. Na simbologia maçônica, a pedra cúbica, além de representar a estabilidade básica, a verdade, a sabedoria e a perfeição moral, simboliza também o cumprimento de uma tarefa por meio do esforço.

Nos Templos Maçônicos, encontramos quadrados brancos e negros no pavimento de mosaico, simbolizando a harmonia e a união dos contrários.

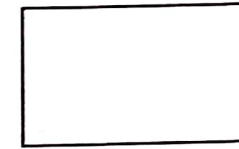
Na Geometria, uma superfície plana determinada por quatro linhas retas forma um quadrilátero ou quadrângulo. Eles possuem quatro lados, quatro ângulos, quatro vértices e duas diagonais. Os quadriláteros, em razão de suas formas, podem ser classificados como: quadrado, losango, retângulo ou quadrilongo, paralelogramo, trapézio e quadrilátero irregular.

O formato de um Templo Maçônico é de um quadrilongo, ou seja, um retângulo que possui os lados opostos iguais e paralelos, os ângulos retos e as diagonais são iguais e dividem-se ao meio.

Suas proporções, de acordo com a opinião de vários pesquisadores maçônicos, são três: 3×4 , $1 \times 1,618$, 1×2



A proporção 3×4 assume uma forma quadrada, e o seu formato não tem uma forma estética agradável.



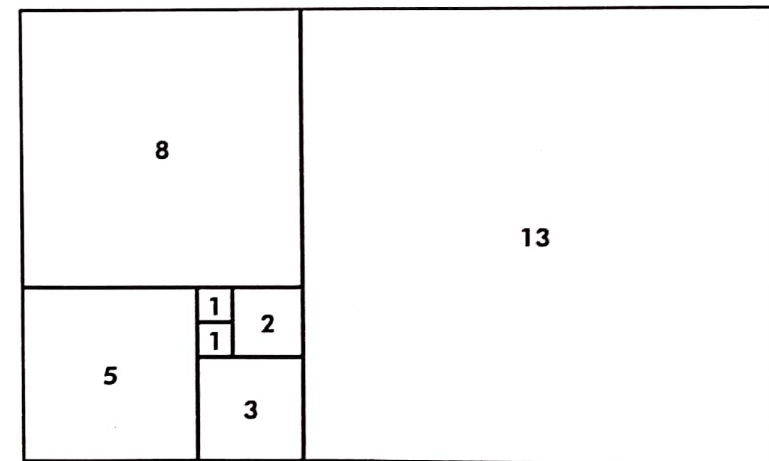
A proporção $1 \times 1,618$ continua com uma forma quadrada, embora contenha em suas medidas o número de ouro ou o segmento áureo.



A proporção 1×2 tem sido a mais usada na construção de Templos Maçônicos, sendo a que mais se aproxima do quadrilongo ou o quadrado oblongo.

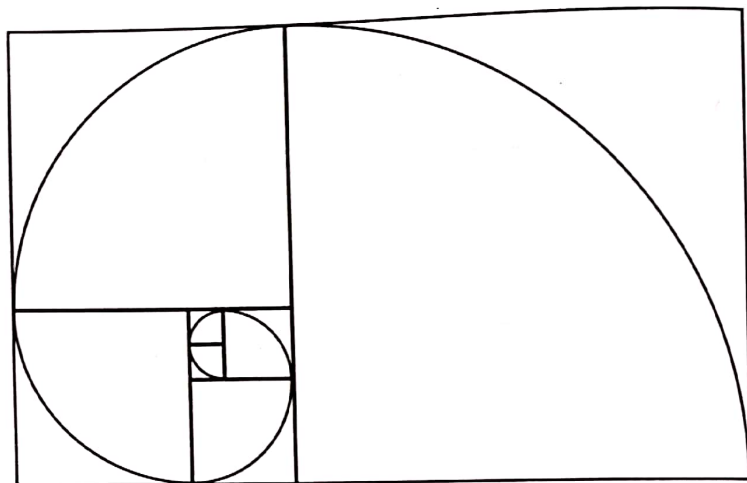
Com relação ao retângulo áureo, temos um aspecto interessante a ser observado quando analisamos esse retângulo na formação da espiral idêntica à do náutilo marinho, que obedece à proporção áurea.

Na formação do retângulo áureo, unimos dois quadrados com lados de 1 e teremos um retângulo 2×1 . Anexamos outro quadrado com lado 2, surgindo um retângulo 3×2 . Repetindo essa operação, a sequência dos próximos quadrados será 5, 8, 13... que corresponde à sequência Fibonacci.





Ao utilizarmos o compasso, de acordo com o desenho a seguir, teremos a espiral idêntica ao náutilo marinho.



O fato interessante é que a espiral se desenvolve a partir de um retângulo de proporções 2×1 , que iremos adotar como padrão de medida do Templo Maçônico na sequência deste trabalho.

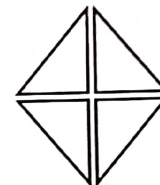
Porém, devemos esclarecer que, em nossa opinião, a utilização do retângulo áureo como medida dos Templos Maçônicos não está errada, assim como formas aproximadas que aproveitem construções já existentes.



O LOSANGO

Um quadrilátero com os dois lados iguais paralelos dois a dois e com dois ângulos agudos e dois obtusos é denominado losango. Também, ao juntarmos as bases de dois triângulos isósceles (com dois lados iguais), teremos um losango.

Em um losango, os ângulos opostos são iguais, e as diagonais são desiguais e perpendiculares entre si, dividindo-se ao meio. A divisão das diagonais resulta em quatro triângulos retangulares escalenos iguais.



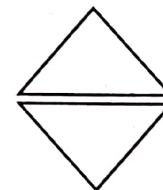
O losango tem sua origem na Pré-História, quando geralmente era interpretado como símbolo feminino relacionado ao órgão de geração (vulva).

Na Guatemala, é um símbolo de feminilidade estando presente nas roupas das mulheres. No México, aparece associado à imagem de Chalchiutlicue, deusa das águas doces e esposa de Tlaloc, deus da tempestade. Na arte maia, aparece rodeando círculos que representam as manchas do jaguar e, na crença popular chinesa, representa um símbolo de sorte.

Encontramos também indicações de uma simbologia relacionada à cruz e às quatro regiões do mundo, representadas pelos quatro pontos cardeais.

Em alguns rituais de iniciação, o losango é considerado como a porta dos mundos subterrâneos, uma passagem para o ventre do mundo. Essa simbologia está associada novamente ao órgão de geração feminino.

Por meio de sua divisão ao meio em dois triângulos, ou da sua construção por dois triângulos, passa a representar as ligações entre o mundo superior e o mundo inferior, entre o Céu e a Terra, e até entre o masculino e o feminino.





O CENTRO

Representa o princípio real e absoluto que existe independentemente de qualquer condição, o princípio universal que não possui atributos nem limites. É o absoluto não manifestado que apenas pode ser percebido pela mente humana como um ponto físico sem dimensões, que, ao se manifestar em todas as direções, torna-se uma esfera.

O centro é o Pai, fonte eterna de tudo, representado pela onipresença. O raio é o Filho, Verbo que estava no Pai por toda a eternidade, representado pela onipotência. E a junção do Pai e do Filho, desde o centro até a periferia ilimitada, é o Espírito Santo, representado pela verdade reveladora da natureza visível.

O círculo consiste em um centro, um raio e uma periferia, três que são um, e nenhum deles pode existir sem a presença dos outros dois. Segundo Hermes Trismegisto, Deus é uma esfera cujo centro está em toda parte e cuja circunferência não está em parte alguma.

A presença de Deus é universal e infinita, estando presente em todas as coisas, independentemente do espaço, da velocidade e do tempo. Sua posição central não é estática, e, de sua unidade, surge a emanação em direção ao exterior, a manifestação do eterno para o temporal, o surgimento da luz infinita que ilumina o finito.

O centro é o lugar de onde partem todas as forças evolutivas, onde as forças opostas se cruzam em equilíbrio, onde as divergências retornam em busca da unidade.

O centro pode ser considerado como um símbolo da lei, representando o poder central responsável pela organização do estado no que se refere à coletividade, assim como o centro crítico da decisão, em que cada indivíduo possui o seu ponto de vista, por meio do centro da individualidade.

Na dinâmica dos símbolos, existe uma correlação entre o centro e o eixo, pois um obelisco ou coluna visto do alto é um ponto central, mas visto do horizonte, em sua posição perpendicular, é um eixo.

O eixo simboliza o centro em torno do qual são realizadas as revoluções que unem os três mundos: mundo astral, mundo da superfície e mundo subterrâneo, surgindo o ponto de junção entre o Céu, a Terra e o Inferno.

Cada povo costuma representar o centro do mundo no sentido figurado, por meio de uma elevação, uma colina, uma montanha, uma coluna, etc. É muito comum a representação pelo ônfalo ou umbigo da Terra, origem da manifestação que se irradia em todas as direções.



Na Índia, a tradição nos fala do *Reg Veda*, do umbigo do não criado, no qual existia o germe dos mundos, e do umbigo de Vishnu, em que germina o lótus do Universo manifestado.

Além do sentido de manifestação física, o umbigo simboliza o centro espiritual do mundo nos casos do Beth-el em forma de coluna erigido por Jacó (Gênesis 28.18-19); o ônfalo de Delfos, centro do culto de Apolo, a Ilha Ogigia, que Homero denominava de umbigo do mundo, a pedra que sustentava a Arca da Aliança no Templo de Jerusalém, o ônfalo perto do Santo Sepulcro, a árvore de Bodhi Gaya, onde Buda chegou à iluminação; a pedra de Bembem em Heliópolis, no Antigo Egito, local onde o deus Atum criou o primeiro casal; o altar védico, umbigo do imortal, ponto central e ponto de retorno à origem, e inúmeros outros exemplos espalhados por todos os recantos da Terra.

O umbigo também é o centro do microscozo humano por meio da loga, na qual a concentração espiritual se faz sobre o umbigo, simbolizando o retorno ao centro.

Assim como existe o umbigo da Terra, a Estrela Polar é chamada de umbigo do céu ou eixo do céu.

O centro também é representado nas cidades de todo o mundo pelo marco zero, ponto central da origem da cidade.

Em edifícios, principalmente públicos, e nas igrejas e nos santuários, podemos encontrar pontos centrais nos pisos, nas paredes e principalmente nos tetos, em que as abóbadas costumam estar centradas em um ponto, representando o eixo que une o céu à Terra. O centro é simbolizado pela encruzilhada nas tradições de vários povos, e nesses locais, são erigidos obeliscos, altares, capelas, cruzeiros e pedras, pois normalmente é um lugar de pausa e indefinição com relação ao caminho a seguir.

As encruzilhadas, nas crenças populares, são locais epifânicos (onde ocorrem aparições e revelações), assombrados por espíritos geralmente temidos. Mas é também o local propício para as pessoas devidamente protegidas espiritualmente se livrarem das forças nocivas.

A encruzilhada representa o medo diante do desconhecido, sendo um símbolo de inquietação e preocupação, pois nos coloca diante de um cruzamento de caminhos, embora também seja um lugar de esperança no encontro do caminho certo, pois não representa o fim, mas apenas um ponto central de encontro e reflexão.

O coração, como órgão central e vital do ser humano relaciona-se com a simbologia do centro. No Ocidente, o coração está ligado à parte



sentimental; já nas civilizações antigas, refletia a intuição e a inteligência como centro da personalidade.

No Egito Antigo, o deus Ptá idealizou o Universo com seu coração antes de materializar a criação pelo verbo. Também, para os egípcios, o coração, como órgão central, era indispensável na continuação da vida após a morte e, no embalsamento, permanecia no corpo, embora todos os órgãos fossem retirados.

Nos Templos Maçônicos, o centro está localizado no Altar dos Juramentos, situado no centro do Templo, onde ficam o Livro da Lei, o esquadro e o compasso. Esse ponto simboliza o encontro entre o Céu e a Terra, o Oriente e o Ocidente e o norte e o sul.



O CÍRCULO

Simboliza o perfeito, o eterno, a proteção de estar fechado em si mesmo. Os povos antigos consideravam a forma esférica como o mundo ordenado por Deus.

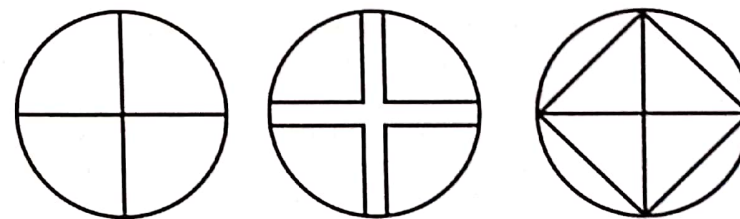
O círculo pode ser considerado como um ponto expandido, em que ponto e círculo possuem propriedades simbólicas semelhantes ligadas à criação.

Na China Antiga, um disco com um buraco no meio representava um símbolo celeste, em que o buraco correspondia ao centro cósmico.

Os discos tiveram grande importância em sua representação do Sol. No Egito e na Mesopotâmia Antigos, o disco solar alado se tornou símbolo dos deuses. A roda se inclui na simbologia do círculo como uma criação contínua através de ciclos de renovações, pois sua estrutura radial sugere movimento.

O círculo representando o curso do Sol, tanto no Zodíaco como nos calendários e nas rodas do tempo, simboliza o tempo e o movimento onde não existe ponto inicial ou final, podendo ser considerado como símbolo da eternidade.

Na tradição cristã, o Verbo adquire proporções humanas e, por meio da encarnação, une Sua parte divina à humanidade, ligando o Céu à Terra por meio da introdução de uma forma quadrada (representando o homem) no círculo, que corresponde à divindade. Podemos encontrar inúmeras formas de cruzes inscritas no círculo, mantendo uma relação com os pontos cardeais.



Já o círculo inscrito em um quadrado é um símbolo cabalista que representa a centelha do fogo divino oculto na matéria e alimentada pelo fogo da vida.

Na magia, o círculo adquire uma função protetora por meio do círculo mágico, no qual o mago deve ficar antes de iniciar as operações mágicas. Esse círculo pode ser traçado de diversas maneiras, podendo ser utilizados



uma espada, carvão ou giz. Também como proteção pode ser utilizado um amuleto circular em forma de coroa, um cinto ou um anel.

Mandala, em sânscrito, significa círculo. Podemos reconhecer a mandala como círculos concêntricos que possuem um quadrado inscrito. É uma manifestação espacial por meio de uma imagem do mundo, representando as potências divinas, cujo objetivo principal é conduzir quem a contempla a um estado de iluminação.

Existem varias representações da mandala: hindu, tântrica, japonesa, tibetana, etc.

A mandala possui uma simbologia mágica baseada na imagem que eleva o lado espiritual por meio da concentração progressiva, estabelecendo uma relação entre o uno e o todo, cujo objetivo é auxiliar na grande transformação.

Na tradição islâmica, a forma circular representa a perfeição. Em Meca, o Cubo Negro da Caaba está no centro de um espaço circular branco, onde a procissão de peregrinos forma uma circunvolução de preces.

Os budistas também formam um círculo em volta da Stupa, simbolizando a volta feita por Buda em torno da árvore de Bodh Gaya. No Budismo, encontramos a Roda da Lei (Dharmachakra), que Buda coloca em movimento, simbolizando o destino humano, cujo sentido de rotação jamais pode ser invertido. No Budismo Tibetano, temos a Roda da Existência, baseada nas mutações incessantes dos estados múltiplos do ser.

O círculo, quando atinge o estado tridimensional, torna-se uma esfera, a mais perfeita forma espacial que simboliza o Universo.

A ideia do firmamento como uma concha esférica influenciou a arquitetura na construção de cúpulas e semiarcos, que podem ser encontrados nas basílicas, mesquitas, catedrais e no Vaticano.

No misticismo, a *sphaera* (esfera) infinita simboliza a perfeição e onipresença divina, representadas pelo trono de Deus Pai apoiado na esfera ou com o globo nas mãos, sendo essa postura adotada por reis e imperadores como sinal de força e soberania.

O andrógino original, imagem da ambivalência, era concebido em várias tradições como esférico e simétrico, simbolizando a perfeição e a totalidade.

Também encontramos inúmeras referências a danças circulares em vários povos, com movimentos rodopiantes ou em torno de objetos considerados sagrados.



O círculo teve uma enorme importância na humanidade por meio da descoberta da roda, e a sua forma está presente em uma infinidade de objetos tanto de uso diário como em cerimônias exotéricas e esotéricas.

Na Maçonaria, o círculo está presente na circulação em Loja por meio da circunvolução, no círculo de proteção em torno do Altar dos Juramentos e no círculo dos Irmãos formado durante a Cadeia de União.



AS ESPIRAIS

A espiral pode ser definida como a curva plana que gira em torno de um ponto fixo e desvia-se sempre dele progressivamente.

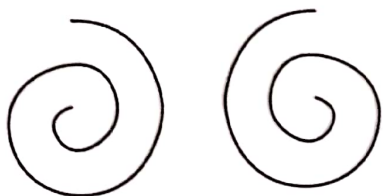
A espiral pode ser encontrada na Pré-História em pinturas rupestres e monumentos megalíticos, sendo utilizada também no Egito Antigo em pinturas de túmulos e esculturas de escaravelhos.

Em todas as épocas, a espiral tem sido utilizada em trabalhos com ferro (grades, portões) e metais (armas, joias). Também encontramos a voluta, uma curva análoga à espiral encontrada nas faces dos capitéis das colunas jônicas, compósitas, coríntias e na parte superior da cabeça dos instrumentos de arco.

A sua forma natural se encontra no reino vegetal em plantas como a vinha e no reino animal, em caracóis e conchas.

Sua simbologia está ligada ao movimento cíclico circular, que sai de um ponto original e se prolonga ao infinito, abrangendo emanção, extensão, desenvolvimento e continuidade.

A espiral possui um duplo significado, podendo representar a involução (volta ao centro) e a evolução (tendo o centro como início).



Em nossa opinião, a espiral no sentido sinistrocêntrico (voltada para a esquerda) possui um sentido involutivo e a voltada para a direita ou destrocêntrica, um sentido evolutivo.

A espiral está ligada ao simbolismo cósmico da Lua, da vulva e dos símbolos de fertilidade, em que representa os ciclos da vida em sua evolução e permanente movimento.

Encontramos também a espiral dupla simbolizada pela linha divisória do *Yin-yang*, que separa as metades pretas e brancas.

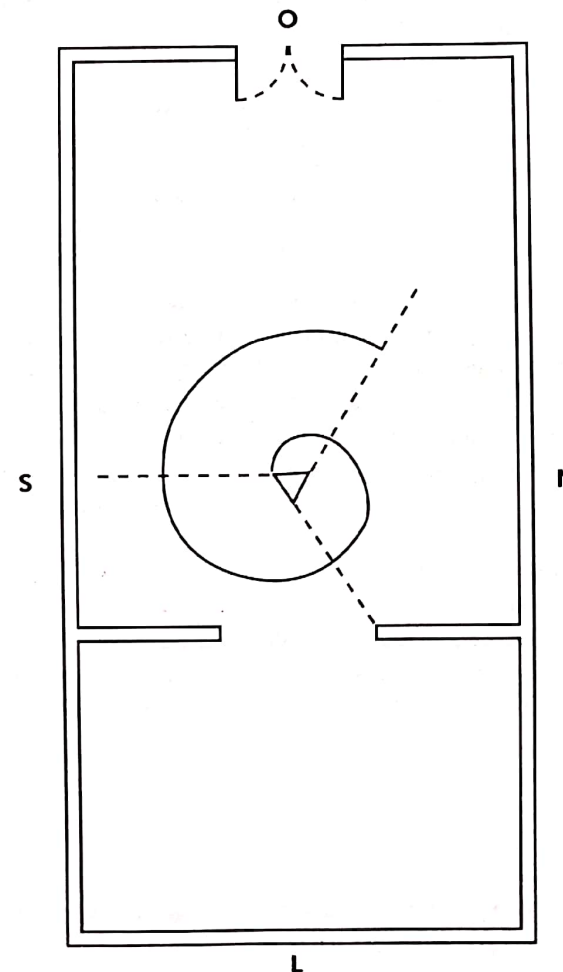
A espiral simboliza em várias culturas a viagem da alma pelos caminhos desconhecidos da morte até a morada do divino.

Na Maçonaria, temos a espiral na voluta das colunas jônica e coríntia, nos ornamentos de colunas zodiacais, nas espadas, na escada em



caracol do Grau de Companheiro e na semelhança da espiral com a letra G da Estrela Flamejante.

Ao traçarmos uma espiral de três centros formada pelo triângulo equilátero do Altar dos Juramentos, que se localiza no centro do Templo, teremos uma espiral que vista do alto nos mostra a semelhança com a letra G da Estrela Flamejante.

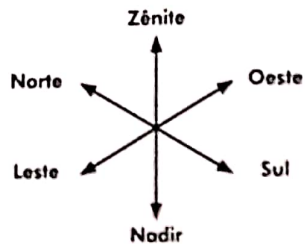




OS PONTOS CARDEAIS

Representam as quatro direções do espaço, norte, sul, leste e oeste, adicionadas pela direção vertical zênite-nadir, todos tendo como ponto de partida o centro.

Os pontos cardeais se relacionam com a origem da vida e a evolução cíclica por meio dos eixos: norte-sul, leste-oeste e zênite-nadir, que, ao se cruzarem em forma de cruz, constituem a esfera do espaço cósmico, local do destino humano.



Nos pontos cardeais, os contrários se reúnem em torno de um ponto central simbolizado pelo homem em busca da direção. O eixo norte-sul está ligado às regiões transcendentais de onde tudo provém e para onde tudo retorna. O eixo leste-oeste simboliza a manifestação do divino e do ciclo iniciático que determina a morte e o renascimento. E o eixo zênite-nadir liga a luz representada pelas manifestações celestes às trevas existentes nas profundezas do pensamento humano. Mas a simbologia dos eixos apenas se realiza em função do cruzamento simétrico que resulta na cruz, símbolo primordial do Universo.

A simbologia dos pontos cardeais é muito diversificada, podendo conter inúmeros aspectos ligados e opostos. Para os mexicanos, a cruz direcional simboliza os mistérios da passagem da vida para a morte (eixo norte-sul) e da morte a vida (eixo leste-oeste). Nas tradições africanas, a cosmologia Dogon define que cada ponto cardinal está associado a uma constelação e uma categoria de seres:

- Norte – Plêiades – homens e peixes;
- Sul – Órion – animais domésticos;
- Leste – Vênus – pássaros;
- Oeste – estrela da grande cauda (talvez cometa) – animais selvagens, vegetais e insetos.



Na Ásia Central, nas doutrinas ligadas ao Lamaísmo, os pontos são representados por cores: sul – azul, oeste – vermelho, norte – amarelo e leste – branco.

Os chineses associam o oeste a um dragão azul, o sul, a um pássaro vermelho, o leste, a um tigre branco e o norte, a uma tartaruga negra.

Nos mitos sioux, os pontos estão ligados à morada dos deuses, onde em cada porta do Céu se encontra um guardião: a oeste, uma borboleta, a leste, um urso, ao norte, um cervo e, ao sul, um castor.

O monge franciscano Ruysbroeck, enviado oficial de São Luiz entre os mongóis no século XIII, observou que eles, em suas libações (brindes), derramavam suas taças nas quatro direções: ao sul, para venerar o fogo, a leste, o ar, a oeste, a água e, ao norte, os mortos.

Os pontos cardeais possuem características próprias, além de um acúmulo de mitos e símbolos desenvolvidos no tempo.

Na Maçonaria, os pontos cardeais possuem uma vasta simbologia além de delimitar regiões: o norte é o lado à direita do Sol, região da Estrela Polar, da Lua e da Via Láctea, terra do aquém e do além da vida, região do frio, da fome, da noite e da aridez. É a terra da caça e dos combates, também chamada de região do Setentrião (região mais escura do Céu). Devido a esse fato, foi escolhida para os Aprendiz Maçons, pois estes acabaram de vir das trevas e não possuem uma visão preparada para a luz. Também se encontram nesta região: o Primeiro Vigilante, o Tesoureiro, o Mestre de Cerimônias, o Segundo Diácono, o Arquiteto, o Bibliotecário, o Mestre de Banquetes, a Pedra Bruta, o Mar de Bronze (que a nosso ver está colocado equivocadamente nesta região) e as Colunas Zodiacais de Áries, Touro, Gêmeos, Câncer, Leão e Virgem.

O sul é o lado à esquerda do Sol, denominado de meio-dia, onde se encontram os Companheiros, o Segundo Vigilante, o Hospitaleiro, o Chanceler, o Mestre de Harmonia, o Esperto, a Estrela Flamejante, a Pedra Cúbica, a Pira (que a nosso ver está trocada de posição com o Mar de Bronze) e as Colunas Zodiacais de Balança, Escorpião, Sagitário, Capricórnio, Aquário e Peixes.

O leste, denominado pela Maçonaria de Oriente, é a região do nascimento do Sol e de Vênus, a estrela matinal.

Essa região se relaciona com mitos agrícolas de renovação, local das chuvas e da força vital; nela se encontram: o Dossel, o Delta Sagrado e o Delta Luminoso, o Venerável Mestre, as Colunas Toscanas, o Estandarte, o Altar dos Perfumes, a Carta Constitutiva, os Painéis dos Graus, a Bandeira



Nacional, o Orador, o Secretário, o Primeiro Diácono, o Porta-Estandarte, o Porta-Bandeira, o Porta-Espada e os Ex-Veneráveis (*Past Masters*). É uma região vedada aos Aprendizes e Companheiros.

O oeste é a região do entardecer, da velhice e da morte, região das brumas, porta dos mistérios. A Maçonaria denomina essa região de Ocidente, e os antigos egípcios chamavam os mortos de "os ocidentais". No Ocidente, encontram-se as duas Colunas Papiroformes (B e J), o Guarda do Templo e a porta de entrada e saída, onde, no lado externo, encontra-se o Cobridor. Podemos considerar que, nessa região, também se encontra a Câmara de Reflexões, de onde os mortos renascem em busca da Luz.



OS INSTRUMENTOS

Toda obra requer um planejamento para que possam ser determinados todos os aspectos necessários à sua conclusão. Esse planejamento começa com a definição da finalidade e utilidade da obra, de onde são determinadas as formas e as dimensões.

A partir da ideia inicial, o arquiteto passa a desenvolver todos os detalhes para que a obra possa atender às necessidades previstas.

O arquiteto utiliza instrumentos que o ajudam a desenhar a planta da obra que será utilizada na construção, pois a obra deve obedecer a tudo que foi previsto; caso contrário, terá um andamento errado, podendo chegar a consequências desastrosas.

Toda obra arquitetônica requer medidas exatas, tanto na planta como na execução, e os instrumentos necessários para tal tarefa devem ser corretos e exatos, para que exista confiança na execução dos serviços.

Mas não adianta possuir instrumentos precisos se a sua utilização for incorreta por falta de conhecimentos, o que determina que exista sempre uma dedicação ao estudo em todos os projetos, sejam eles de caráter material ou espiritual.

Na Maçonaria, os instrumentos possuem vários significados e utilidades, pois envolvem uma utilização voltada para a obra interna do ser humano.

A escolha dos instrumentos acaba, por muitas vezes, confundindo o estudante com relação aos aspectos material e espiritual da obra, o que, de certa forma, faz parte dos ensinamentos fundamentados em símbolos e alegorias.

É necessário ter uma ideia real da utilização dos instrumentos através dos tempos, tanto na vida profana como nas cerimônias ritualísticas, para que a simbologia possa ser desvendada e bem utilizada, pois, por meio dos instrumentos determinamos, as medidas, encontramos as formas e conferimos a exatidão da obra.



A RÉGUA

A régua é um instrumento de trabalho utilizado no traçado de linhas retas e na medição. Ela une os pontos, mede as distâncias, traça linhas perpendiculares, horizontais, paralelas e diagonais. Unida ao compasso, permite construir todas as figuras geométricas ou, em outras palavras, dá forma a tudo que é reto.

A retidão é um princípio de observância às leis que estabelecem a ordem, o que transforma a régua em um emblema de disciplina, de moral e de justiça.

A constituição de uma nação equivale a uma régua na formação de um Estado.

No Antigo Egito, o deus Ptá utilizava uma régua para medir as águas do Rio Nilo na época das enchentes. A Teologia de Mênfis atribui ao deus Ptá a criação do mundo, por meio da colocação de formas visíveis: coração ligado ao pensamento, e a língua, ao verbo criador. É atribuído a ele a invenção de todas as técnicas, sendo o protetor dos artesãos.

A régua pode ser encontrada sob a forma de varinha de medir (Manadanda) sendo atributo do arquiteto celeste Vishvakarma, aparecendo também no livro Apocalipse como vara de medida ou caniço de ouro.

No sentido esotérico, é a medida do ser humano, das suas ideias e de suas realizações, e, segundo Santo Agostinho, a régua dá a cada ser o peso, a forma e a medida.

Nas Lojas Maçônicas, a régua possui uma divisão de 24 polegadas sendo um instrumento de trabalho; a divisão serve para medir o tempo (24 horas) de um dia, no sentido de não desperdiçar as horas (tempo) na ociosidade, que acaba conduzindo ao egoísmo. O tempo deve ser conduzido com sabedoria, dividindo o dia em partes dedicadas ao estudo e à meditação, ao trabalho e ao descanso físico e espiritual, lembrando que tudo deve ser feito sempre em benefício da humanidade.

Segundo Ragom (escritor maçom), a régua é um símbolo da perfeição. Sem ela, a indústria seria aventureira; as artes, defeituosas; as ciências seriam sistemas incoerentes; a lógica e a retórica, caprichosas e superficiais; as leis, arbitrarias e opressivas; a música seria discordante; a Filosofia, obscura metafísica e as ciências perderiam a clareza.

Na Marcha do Aprendiz, a régua indica que seus passos devem ser retos ao adentrar no Templo e que ele não deve se desviar na sua jornada rumo ao aperfeiçoamento.



Na Marcha do Companheiro, ele já pode desviar um pouco para realizar novos estudos, mas deve retornar, pois não está preparado para longas viagens.

Na Marcha do Mestre, este já pode se aventurar em longas jornadas, mas deve sempre voltar à posição inicial na presença do divino.

A régua participa de três viagens do Aprendiz, quando este passa pela cerimônia de elevação ao Grau de Companheiro, que, após ser elevado, deve sempre utilizar a régua para conferir a execução correta da obra.

A régua está presente nos três Graus, sendo que, no terceiro Grau, participa da lenda do Mestre Hiram, quando este recebe o segundo golpe com a régua.

A régua se relaciona com as paralelas por meio de suas faces, e, como é utilizada para traçar retas, pode ser considerada um símbolo do infinito, pois as linhas retas não têm começo nem fim.

A régua na Maçonaria também é a insignia do Mestre de Cerimônias.

* N.E.: Sugerimos a leitura de *Girando a Chave de Hiram – Tornando a Escuridão Visível*, de Robert Lomas, Madras Editora.

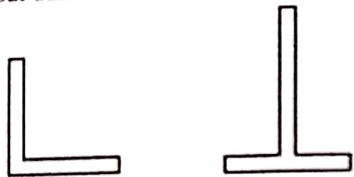


O ESQUADRO

A origem do esquadro é desconhecida, mas muito antiga, tendo sido utilizado em construções realizadas em épocas remotas.

O nome vem do latim *quadrare*, "tornar quadrado", pois é constituído por duas hastes que se encontram em um ponto, formando um ângulo reto (90 graus).

O esquadro possui duas formas, uma simétrica e outra assimétrica.



Quando representado em sua forma simétrica, simboliza o equilíbrio entre a união do ativo, representado pela haste central, e o passivo, representado pela base, que formam dois ângulos retos um de cada lado.



Em sua forma assimétrica, traduz a atividade e o dinamismo.

As linhas ou lados que formam o esquadro, tanto simétrico como assimétrico, possuem um significado simbólico de muita importância. Uma é horizontal, ligada à superfície terrestre ou plano material, e a outra é vertical, ligada ao infinito celeste ou plano espiritual. Embora as duas mostrem caminhos diferentes, eles estão intimamente ligados e devem ser sempre percorridos com retidão.

Na Maçonaria, o esquadro é o símbolo do equilíbrio, da harmonia e da retidão, sendo a insígnia do Venerável Mestre. Ao formar o emblema maçônico com o compasso, passa a representar o lado material com suas hastes sempre fixas obedecendo a um ângulo reto que não pode ser mudado. Já o compasso se relaciona com o divino, e suas hastes são móveis, podendo alterar o ângulo de abertura de acordo com suas necessidades. O conjunto simboliza a ligação entre o Céu e a Terra, e o maçom, permanecendo entre o esquadro e o compasso, não se desviará do caminho a ser percorrido em busca do aprimoramento espiritual.



O esquadro retifica e ordena a matéria, e, como insígnia do Venerável, significa que a vontade do presidente da Loja só pode ter um único sentido, o de preservar os estatutos da Ordem, não agindo, a não ser para o bem.

A joia presa ao colar do Venerável é um esquadro de lados desiguais, o lado maior deve estar virado para o lado direito, que corresponde ao lado ativo ou destro, que domina o lado esquerdo, passivo ou sinistro.

O esquadro é utilizado nos três Graus Simbólicos como sinal de saudação. Também é utilizado na marcha para adentrar no Templo e na Cadeia de União, em que os pés devem formar uma esquadria, além de ser utilizado na lenda do terceiro Grau pelo segundo Companheiro para ferir o Mestre Hiram Abiff.

Por causa de seu ângulo reto e da sua origem de tornar as formas quadradas, o esquadro pode ser encontrado em inúmeros símbolos.



O COMPASSO

Representa um dos principais instrumentos de trabalho da ciência arquitetônica, um símbolo da prudência, justiça, temperança e veracidade, virtudes relacionadas à moderação.

É um emblema da Geometria, da Astronomia e da Geografia, nas quais representa um instrumento de medida e concordância.

O compasso simboliza também um ciclo de existência, por meio do giro de sua ponta, que retorna ao ponto de partida, estando ligado ao simbolismo do Uroboro (serpente que morde a própria cauda).

O compasso é um símbolo solar por meio do círculo que se expande ao infinito, tendo o ponto de apoio como início da manifestação que leva à evolução (Deus).

Embora as suas hastes representem a dualidade, estão ligadas entre si, unindo o relativo e o absoluto, o que nos leva a compreender que devemos evoluir por meio da união e sempre ligados a Deus. Esse fato pode ser reforçado quando se relaciona com a imagem do pensamento, percorrendo os círculos do Universo em movimento, um atributo das divindades criadoras.

Embora como instrumento simbolize a medida e a justiça, o seu traçado está sujeito ao tamanho de sua abertura e o comprimento de suas hastes.

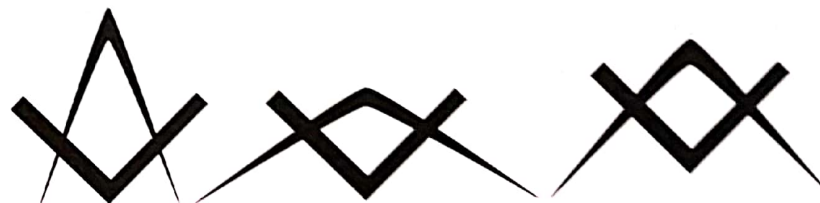
No esoterismo ocidental e no oriental, o compasso geralmente está associado ao esquadro, pois, enquanto o compasso se relaciona com o círculo, o esquadro serve para traçar o quadrado, e ambos juntos representam a união do espiritual com o material, do Céu com a Terra. Já no Ocidente, o compasso e o esquadro estão ligados respectivamente às duas metades masculina e feminina do andrógino hermético Rebis, figura simbólica publicada por Basile Valentin em sua obra *Traité de l'Azoth*, de 1659.

Por causa do formato, o compasso e o esquadro estão ligados aos ângulos. O esquadro possui uma limitação, pois o seu ângulo é fixo, medindo 90°. Já o compasso é móvel, podendo formar ângulos agudos, retos e obtusos.

As referências artísticas com relação ao compasso são muitas, podendo ser destacados: o desenho de William Blake intitulado "O Ancião dos Dias", que representa o divino inscrito em um disco solar, apontando para o mundo um imenso compasso; e Dante, que se refere à obra do Deus arquiteto de forma mística, destacando a importância do compasso: "Aquele que, com o seu compasso, marcou os limites do mundo e determinou, dentro deles, tudo o que é visível e tudo o que está oculto" (Paraíso 19: 40-42).



Na Maçonaria, o símbolo da abertura do compasso se relaciona com o equilíbrio do espiritual com o material. Ao limitar a abertura do compasso em 90° no máximo, a Maçonaria indica o limite que o ser humano não deve ultrapassar para não quebrar o equilíbrio. O esquadro possui uma abertura fixa de 90°, não podendo ser modificado, já o compasso possui hastes móveis, pois é um símbolo espiritual. Como instrumento espiritual, sempre prevalece sobre o material, não importando a sua abertura, mas, se for aberto em mais de 90°, ultrapassa a compreensão do lado material; dessa forma, a limitação do ângulo do compasso em 90° estabelece o equilíbrio entre as forças, e a espiritualidade poderá ser absorvida.



Essa representação simbólica é de enorme importância, pois não adianta pegar um fardo que não se pode carregar, nem procurar entender o que está além de nossa compreensão.

Além da abertura do compasso, existe também a simbologia relativa ao Grau de aprendizado. No Grau de Aprendiz, temos o esquadro sobre o compasso, em que a matéria prevalece sobre a espiritualização. No Grau de Companheiro, o esquadro e o compasso se entrecruzam, e o lado espiritual começa a se desenvolver. No Grau de Mestre, o compasso fica acima do esquadro, indicando a superioridade do lado espiritual sobre o lado material, no que diz respeito aos ensinamentos adquiridos em Loja.





Mas fica uma dúvida: na abertura das hastes do compasso, limitada em 90°, a parte espiritual não fica limitada no conhecimento? Na abertura do compasso, temos de considerar a amplitude do plano espiritual, que foge ao entendimento humano, voltado para o plano material. É claro que todo conhecimento espiritual que possamos ter nos fará bem, mas existe o perigo de, na ânsia da busca, entrarmos em caminhos opostos ao desenvolvimento espiritual. Por essa razão, a simbologia dos Graus nos permite um aprendizado consciente, pois é ampliada a cada Grau, para que estejamos preparados para a passagem para o Oriente Eterno, em que poderemos continuar nosso aprendizado de forma segura, para planos cada vez mais elevados.

O Compasso, o Esquadro e o Livro da Lei constituem as três grandes Luzes Emblemáticas da Maçonaria e se localizam sobre o Altar dos Juramentos no centro do Templo.



NÍVEL E PRUMO

Embora existam no presente momento instrumentos de medição eletrônicos, o nível e o prumo ainda são muito utilizados nas construções atuais.

A origem do nível é atribuída a três personagens:

- Dédalo – depois de sua saída do labirinto de Creta, por volta de 1300 a.C.;
- Rhicus – arquiteto do labirinto de Samos;
- Teodoro – arquiteto do Templo de Juno em Samos.

Porém, obras muito mais antigas no Egito nos mostram que o nível e o prumo já eram de alguma forma conhecidos dos arquitetos daquela época, por causa da precisão das medidas e da qualidade dos monumentos que resistiram ao tempo até nossos dias, o que nos leva a crer que, se não estivessem nivelados e perpendicularmente corretos, não teriam resistido.

O nível é constituído por um esquadro de forma simétrica (forma de um T invertido), um triângulo geralmente equilátero, ou outra forma em cujo cimo esteja suspenso um fio de prumo com um peso da ponta.



Por meio do fio de prumo ou perpendicular, o nível se transforma em um elemento importante do Simbolismo Maçônico. O seu objetivo principal é determinar a horizontalidade representada pela igualdade, em que todos devem ser nivelados em um mesmo plano. Mas, ao mesmo tempo, mostra-nos o lado vertical, aproximando-se desta forma do simbolismo da cruz, que possui dimensões cósmicas.

Na Maçonaria Simbólica, a passagem do nível ao prumo significa a elevação do Grau de Aprendiz ao Grau de Companheiro, representando a evolução do espírito sobre a matéria, pois o nível se relaciona com o



horizontal, ligado à terra, e o prumo nos proporciona o início dos estudos relacionados à verticalidade ou ligados ao plano espiritual.

O nível, o prumo e o esquadro basicamente possuem uma simbologia semelhante relacionada à pesquisa da verdade. Também podem ser considerados emblemas de retidão, acerto, justiça e correção, que devem sempre caracterizar a conduta dos Irmãos, tanto em suas atividades em Loja como nas do mundo profano.

O nível é atributo do Primeiro Vigilante, e o prumo, do Segundo Vigilante, mas é conveniente lembrar que a síntese do nível e da perpendicular somente é realizada pelo esquadro, que é um atributo do Venerável Mestre.

Os três atributos, esquadro, nível e prumo, são considerados joias móveis, pois anualmente ocorre suas transferências para os novos ocupantes dos cargos na passagem da administração ocorrem.

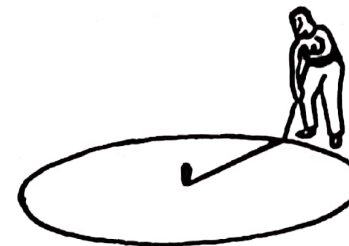


O CORDEL

A linha ou cordel de pedreiro simboliza o traçado retilíneo, fruto da retidão intelectual e moral.

No Egito Antigo, a corda ou cordel possuía nós espaçados com o mesmo tamanho, que eram utilizados pelos antigos construtores para efetuarem suas medições.

O cordel também faz parte do prumo e, fixado em uma das extremidades tendo na outra um giz, carvão ou lápis, pode formar a figura de um círculo.



Na Maçonaria, o cordel lembra a fase operativa, quando era muito utilizado. Na cerimônia de instalação de um novo Venerável Mestre, este recebe, além de vários objetos simbólicos, um cordel, cujo significado simbólico é a retidão de seus passos e do manejo do traçado na construção da Grande Obra.



O LÁPIS E A PRANCHETA

O lápis é entregue ao Venerável Mestre na cerimônia de sua posse para que ele, por meio de uma cuidadosa observação, possa anotar tudo que seja importante, como também traçar os planos referentes à prosperidade da Loja.

Na verdade, o lápis foi introduzido na Maçonaria em tempos recentes, pois, no passado, era utilizado o giz e o carvão, e os quadros dos Graus e o pavimento de mosaico eram desenhados no chão dos locais onde se realizavam as sessões e, no final dos trabalhos, eram apagados. Esse fato também ocorreu no período em que a Maçonaria foi perseguida.

A prancheta ou prancha de traçar é uma superfície destinada a receber os planos arquitetônicos. No passado remoto, os mestres traçavam seus planos em uma superfície de madeira ou pedra negra. Depois foram introduzidas as peles de animais e posteriormente os papiros, até surgir a utilização do papel.

A prancheta é um instrumento do Mestre, que tem por responsabilidade imaginar, definir e pôr em prática o traçado de tudo que for importante para o desenvolvimento da Loja.



A GEOMETRIA OCULTA

*Aquele que diz "isto não pode acontecer" devia olhar o que está oculto.
A cada dia, Deus faz conhecer sobre a Terra o segredo de sua obra.*

Ankh – Sheshong



A CRUZ

Praticamente entre todos os povos, a cruz é um símbolo de veneração. Não se sabe com certeza a sua origem, mas sabemos que é um símbolo universal pré-cristão dos mais antigos, estando sempre associado às ciências ligadas a iniciação e religiões remotas, e sua presença foi registrada em locais como: Egito, Peru, Índia, China, Japão, Tibete, Babilônia, Assíria, Caldeia, Pérsia, Fenícia e inúmeros outros.

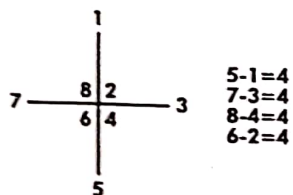
Acredita-se que a cruz tenha surgido como estilização da figura humana, como podemos ver na cruz ansata dos egípcios, muito embora existam relatos de que a forma mais antiga seria a cruz em movimento (*swastica hallada*), cujo significado é boa sorte, encontrada na Índia inclusive nos pés de Buda.

Ao longo da História, a cruz passou a ter inúmeras formas e significados, podendo ser representada como um sinal, como emblema ou símbolo, na heráldica (ciência ou arte dos brasões), nas bandeiras, nos instrumentos de suplício e em diversas alegorias, ornamentos e representações artísticas.

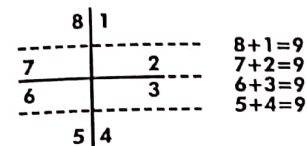
Como sinal, as cruzes foram utilizadas para inúmeras finalidades, principalmente na Matemática:

- Nos algarismos romanos, o dez é X;
- No alfabeto latino, temos a letra X e a letra T;
- O símbolo de adição (mais) é +;
- O símbolo de multiplicação (vezes) é X;
- Uma cruz em um texto significa um erro;
- Uma cruz em X no rótulo de um produto significa que ele é perigoso;
- Nas placas de trânsito, o X significa proibido.

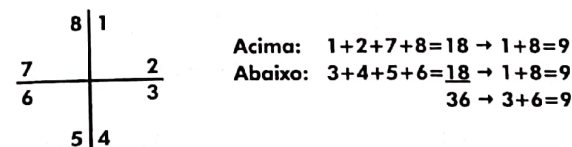
A cruz mais utilizada é formada por duas retas que apontam para as quatro direções, e sua relação com o quatro pode ser observada de uma outra forma, quando adicionamos números nas direções e nos ângulos formados por elas.



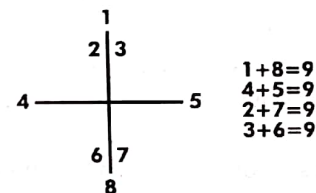
Existe também uma grande ligação com o número nove quando adicionamos números em seus lados, utilizando o sentido destrocêntrico.



Também encontramos uma relação com o nove quando analisamos os planos acima e abaixo.



Mas, mudando a sequência dos números para uma ordem alternada, encontramos novamente a relação com o número nove.



O número nove anuncia ao mesmo tempo o fim de um ciclo e uma transposição para um novo plano.

A cruz tem o mesmo significado, principalmente quando analisada sob o aspecto da crucificação de Jesus.

A ideia primitiva da cruz era simbolizar o ato de Deus representado pelo tempo e espaço para a concretização de sua obra, e já na era pré-cristã existia o hábito de as orações serem feitas com os braços abertos em forma de cruz.

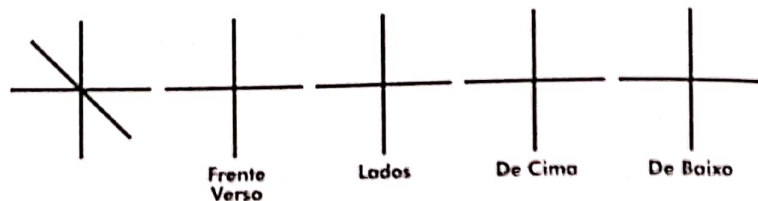
A cruz é um símbolo da união dos opostos:

- Céu – princípio espiritual masculino representado pela linha vertical.
- Terra – princípio material feminino representado pela linha horizontal.



O centro da cruz é o princípio cósmico que se abre para o exterior, o que faz com que a maioria das cruzes se relacione com os quatro pontos cardeais.

Em sua orientação espacial, utiliza o eixo leste-oeste, representado pelo nascer e pôr do sol. Na orientação temporal, articula-se com o eixo sul-norte, e, na sua orientação total, relaciona-se com o eixo acima-abaxo. Com este formato, ela pode ser vista de todos os ângulos.



O resultado da concepção total da cruz é que ela acaba tendo uma função de síntese e de medida, pois nela temos o Céu, a Terra, o tempo e o espaço.

Como símbolo, é o mais totalizante, pois sua natureza indica uma ligação permanente do Universo pela comunicação Terra-Céu, que envolve a simbologia acima-abaxo, e, em determinadas lendas orientais, a cruz é a ponte ou escada pela qual os seres humanos chegam a Deus.

A cruz está presente nos espaços sagrados dos templos, nas praças e nas ruas das cidades, por meio de seus braços que determinam as encruzilhadas relacionadas aos mistérios do centro.

A tradição cristã utilizou a cruz em toda a simbologia relacionada à história da Paixão do Salvador, por meio da crucificação de Jesus Cristo (o Verbo), segunda pessoa da Santíssima Trindade. A partir da identificação de Jesus com a cruz, surgiram celebrações exaltando homenagens em sua honra.

As representações artísticas de Jesus Cristo na cruz surgiram na época do imperador Teodósio Magno, quando as punições pela crucificação foram abolidas.

A iconografia cristã utilizou a cruz para exprimir o suplício do Messias e sua presença, pois onde está a cruz se encontra o crucificado.

Algumas tradições informam que a madeira da cruz seria originária de uma árvore plantada por Seth sobre o túmulo de Adão e que, após a morte de Jesus, ela se fragmentou espalhando pedaços por todo o Universo, para que os milagres fossem multiplicados, e que, por ocasião do Juízo Final, a cruz reaparecerá nos braços de Jesus.



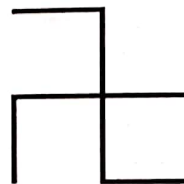
Com relação à cruz do calvário, a tradição nos relata que os quatro braços simbolizam os quatro elementos nos quatro cantos do mundo: o pé da cruz enterrado no chão, a fé; o braço superior, a esperança que sobe ao Céu; a envergadura, a caridade; e o comprimento, a perseverança que não esmorece.

A simbologia da cruz está presente na planta das igrejas por meio da nave central e da nave transversal e no ser humano, cuja cabeça corresponde à absíde (recinto semicircular ou poligonal geralmente abobadado, onde termina o coro das igrejas), cujos braços correspondem ao transepto (galeria transversal que separa a nave do coro) e cujos corpo e pernas correspondem à nave (espaço da entrada até o santuário).

Como emblemas ou símbolos, as cruzes possuem inúmeras formas, podendo ser destacadas as seguintes:

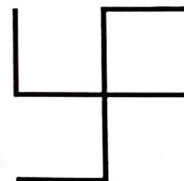
ESVÁSTICA

Possui braços em forma de ângulos e lembra a letra Z maiúscula entrelaçada. Seu nome é derivado do sânscrito, *svatikah*, cujo significado é boa sorte ou favorável. Simboliza o movimento evolutivo criador da energia cósmica com seu movimento no sentido destrocentríco (direita).



GAMADA

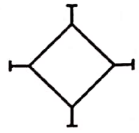
É uma variante da esvástica com braços semelhantes à letra grega gama. Simboliza o movimento involutivo por meio do sentido sinistrocentríco (esquerda).



CRUZ ANSATA

Denominada pelos egípcios de Ankh, era um símbolo de vida e poder. Sua forma sugere a imagem de um ser humano, mas existem várias interpretações indicando uma representação da divindade. Era chamada "Chave do Nilo", uma chave mágica que abria a porta da imortalidade. Encontramos sua representação nos hieróglifos, nas estátuas e nos desenhos, sendo segurada pelos faraós e pelas divindades. Todo faraó a levava para o túmulo ao morrer.



**CRUZ DE ANU**

Utilizada por assírios e caldeus para representar o deus Anu em sua irradiação em todas as direções do espaço.

**CRUZ GREGA**

Possuindo os braços com o mesmo comprimento, é conhecida como *crux immissa quadrata*. Essa proporção dos braços sugere a perfeita união dos opostos.

**CRUZ CELTA**

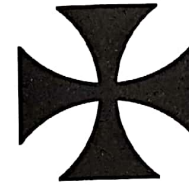
Sua origem é pagã e simboliza os quatro pontos cardeais, as quatro estações e os quatro elementos, tendo ao centro um círculo representando a continuidade e a renovação da natureza. É também conhecida como disco solar ou cruz de Odim (deus da mitologia nórdica). É utilizada como talismã associada à coragem e ao heroísmo em superar obstáculos. A divindade relacionada ao talismã é Lug, que na mitologia celta é o senhor da criação. São encontradas diversas formas de cruz celta na Irlanda e na Grã-Bretanha.

**CRUZ COPTA**

Possui um círculo central de onde emanam quatro braços de igual comprimento. Entre eles estão quatro figuras em forma de T representando os pregos usados na crucificação de Jesus.

**CRUZ LATINA**

Também conhecida como cruz cristã, é o símbolo mais conhecido do Cristianismo, representando o sacrifício de Jesus, a ressurreição e a vida eterna.

**CRUZ MALTESE OU DE MALTA**

Possui os braços iguais se alargando a partir do centro, simbolizando o crescimento da força emanada. Na segunda versão, possui quatro pontas apontando para o centro e oito pontas externas voltadas para a regeneração. É o símbolo dos Cavaleiros de São João, que foram levados pelos turcos de Rodes para a Ilha de Malta. A cruz de Malta é muito utilizada em condecorações militares.

**CRUZ DE SANTO ANDRÉ**

Simboliza a humildade e o sofrimento atribuído a Santo André, que implorou para não ser crucificado como Jesus por se considerar indigno. Acredita-se que tenha sido sacrificado em uma cruz em forma de X, que também é denominada cruz decussata.

**CRUZ PATÉE**

É confundida com a cruz de Malta. Foi utilizada por muitos cavaleiros e ordens religiosas como símbolo de distinção. Os Templários a utilizavam na cor vermelha; os Hospitalários, na cor branca e os Teutônicos, na cor negra.

**CRUZ DE SÃO PEDRO**

É uma cruz latina invertida. Segundo a tradição, o apóstolo Pedro teria sido martirizado em uma cruz latina de cabeça para baixo.

**CRUZ DE SANTO ANTÔNIO OU TAU**

Recebeu este nome por sua semelhança com a letra grega tau. É considerada por muitos como a cruz do Antigo Testamento, porque seu formato se relaciona com o martelo de duas cabeças, símbolo do cumprimento da lei divina, sendo encontrada na cultura egípcia. É denominada também de cruz de Santo Antônio, e São Francisco de Assis a utilizou como assinatura. Existem referências a ser também a cruz de Santo Antônio e *crux commissa*.



CRUZ PATRIARCAL

É uma cruz eclesiástica utilizada pelos patriarcas e nos altos Graus de sociedades iniciáticas, como a Maçonaria, que a utiliza no Grau 33. O braço superior representa a inscrição colocada pelos romanos na cruz de Jesus.



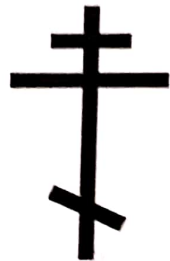
CRUZ DE LORENA

Foi utilizada no passado, sendo similar à cruz patriarcal, mas apresenta uma barra horizontal próxima à extremidade inferior em vez de ter as duas em cima.



CRUZ PAPAL OU CRUZ TRIPLA

É o emblema papal e recebe também o nome de cruz hierofante. Diz a tradição que as três barras representam as três cruzes no Calvário, ou a Igreja, o mundo e o Céu. Desde o século XV, só o papa tem direito à cruz com três braços transversais; o cardeal e o arcebispo têm direito à cruz dupla, e o bispo, à cruz simples.



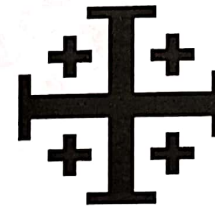
CRUZ ORTODOXA - ESLAVA - CRUZ DA PÁSCOA

É chamada de eslava por ter sido utilizada nos países eslavos. A barra inferior inclinada tem um significado misterioso. Para alguns, foi um terremoto ocorrido na crucificação; outros a relacionam a Santo André, que introduziu o Catolicismo nos países eslavos, e a barra inclinada lembra a cruz de Santo André, em forma de X. Mas existe ainda a crença de que a barra diagonal apontaria o Céu para cima e o Inferno para baixo. É muito utilizada pela Igreja Ortodoxa Russa na segunda configuração.



CRUZ DO CALVÁRIO

É uma cruz latina sobre três degraus que, segundo a tradição, representam a subida de Jesus ao Calvário. Os três degraus simbolizam a fé, a esperança e o amor.



CRUZ DE JERUSALÉM

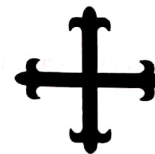
Foi insígnia do Reino Latino de Jerusalém adotada pelos cruzados por meio de Godofredo de Bulhão, primeiro rei cristão a pisar em Jerusalém. Esta cruz possui uma cruz principal ao centro, formada por quatro cruzes Tau, que representam a lei e o Antigo Testamento, quatro menores em forma de cruz grega, que simbolizam os quatro Evangelhos ou as quatro direções das palavras de Cristo espalhadas pelo mundo. Também é mencionado nas tradições que as cinco cruzes podem simbolizar as cinco chagas de Cristo durante a Paixão.



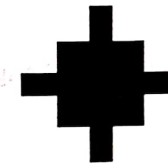
CRUZ ANCORADA

É um símbolo de São Clemente, papa de Roma que foi amarrado a uma âncora e jogado ao mar por ordem do imperador Trajano. Convém lembrar que, para os cristãos, a âncora é o símbolo da esperança.

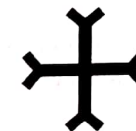
Além dos tipos apresentados e detalhados em sua simbologia, podemos apresentar mais alguns de formato interessante:



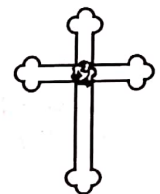
Florenciada



Quadrática



Bifurcada



Rosa-cruz*

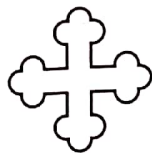
*N.E.: Sugerimos a leitura de *Dicionário dos Rosa-Cruzes*, de Erik Sablè, Madras Editora.



Bizantina



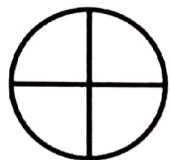
Triunfante



Trevolada



De Santiago



Solar



De Penitência



Radiosa



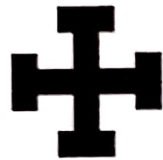
Vasca



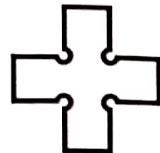
Batismal



Da Trindade



Potenciada



Enquadrada



De Evangelização



De Batalha



Dos Arcanjos

Na Maçonaria, encontramos no Rito Escocês Antigo e Aceito várias cruzes utilizadas nos Graus Filosóficos:

- Cruz Latina: Graus 18-27;
- Cruz de Santo André: Grau 29,
- Cruz de Malta: Graus 30-31-32;
- Cruz Patriarcal – Grau 33.



O estudo da cruz é de enorme importância, pois nos mostra uma variedade de formas relacionadas a inúmeras simbologias que foram se acumulando ao longo dos tempos.

Convivemos com formas diariamente e até em sonhos, e damos pouca importância a esse fato, embora ele tenha grande influência em nossas vidas.

Os pontos, as linhas, os ângulos, as formas retas ou curvas passam despercebidas no cotidiano, mas, quando nos deparamos com a figura de uma cruz, nosso subconsciente desperta, e, de alguma forma, o fato fica registrado. A imagem e a simbologia unidas formam uma enorme força de atração.

Nos capítulos posteriores, veremos uma interessante relação entre a cruz, as estrelas e as linhas do Templo Maçônico.



AS ESTRELAS

“As pessoas têm estrelas que não são as mesmas; para uns, que viajam, as estrelas são guias. Para outros, elas não passam de pequenas luzes.”

Saint-Exupéry

As estrelas são consideradas seres antropomorfos ou zoomorfos fazendo parte das lendas, dos mitos e da mitologia, além de possuírem poderes elevados.

Na Antiguidade Remota, inúmeros povos realizavam danças de culto e cerimônias diversas simbolizando o percurso realizado pelos corpos celestes.

Na Mesopotâmia Antiga, a relação entre os acontecimentos terrenos e celestes originou a Astrologia, e, segundo a crença egípcia, os mortos continuavam vivendo nas estrelas. Na escrita cuneiforme da Babilônia, a estrela é o ideograma *Ilu*, que significa Deus. Pitágoras imaginou que os movimentos dos astros em suas órbitas regulares produzia a música das estrelas, representação harmoniosa das forças divinas.

Na simbologia universal, a Estrela Polar é o centro em torno do qual gira o firmamento. Ela é a referência com relação à posição das estrelas, e os navegantes, nômades, caravaneiros e viajantes do céu, dos mares e da terra procuram sua orientação. As estrelas têm sido referência para inúmeros acontecimentos relacionados à direção: uma estrela mostrou o caminho para Belém aos Reis Magos e indicou ao apóstolo Tiago, o Maior, o caminho de peregrinação para a Espanha no local denominado Compostela (*Campus Stellae*). Em várias religiões primitivas, a Estrela Polar é a morada do divino, o trono de Deus, a casa do Criador. Para alguns povos das regiões asiáticas e europeias, a Estrela Polar é denominada de umbigo, porta do céu, estrela umbilical do norte, eixo e até estaca, pois, segundo a tradição turco-tártara, “no meio do céu, brilha a Estrela Polar, que fixa a tenda celeste como uma estaca”.

Na mitologia indiana, o Monte Meru está no centro do mundo e, acima dele, a Estrela Polar. Já na tradição islâmica, o local mais alto da Terra é a Caaba; a Estrela Polar prova que ela se encontra exatamente abaixo do centro do céu.

Na Astrologia, encontramos quatro estrelas fixas de primeira grandeza, essas estrelas foram os pontos de referência do calendário babilônico: Al-



debarã, da constelação de Touro, guardiã do leste; Régulus, da constelação de Leão, guardiã do norte; Antares, da constelação de Escorpião, guardiã do oeste; e Formalhaut, de Peixes Austral, guardiã do sul.

Normalmente encontramos estrelas nas abóbadas de templos e igrejas, simbolizando o seu caráter celeste, como se fossem símbolos dos espíritos na luta entre as forças espirituais, representadas pela luz, e as forças materiais, pelas trevas.

A Bíblia está repleta de citações simbólicas envolvendo estrelas (Isaías 40:26): “Levantai ao alto os vossos olhos e vede. Quem criou estas coisas? Aquele que faz sair o seu exército de estrelas, todas bem contadas, as quais ele chama pelos seus nomes, por ser ele grande em força e forte em poder, nem uma só vem a falhar”.

Essa citação, segundo as lendas, parece que originou a crença de que cada estrela era guardada por um anjo (Daniel 12:3): “Os que forem sábios, pois, resplandecerão como o fulgor do firmamento; e os que a muitos conduzires à justiça, como as estrelas sempre e eternamente”. “Vê-lo-ei, mas não agora. Contemplá-lo-ei, mas não de perto; uma estrela procederá de Jacó, de Israel subirá um cetro que ferirá as têmeoras de Moabe, e destruirá todos os filhos de Sete”. (Números 24:17) “As estrelas do céu caíram pela terra, como a figueira, quando abalada por vento forte, deixa cair os seus figos verdes” (Apocalipse 6:13).

Na Maçonaria, as estrelas possuem um papel de destaque, e, além de estarem presentes na Abóbada Celeste dos Templos, fazem parte de instruções e cerimônias ritualísticas.

As Estrelas na Cadeia de União

Na formação da Cadeia de União, para passar a Palavra Semestral ou para pedir ajuda a uma pessoa doente, surgem duas estrelas, uma formada pelos pés em esquadria, e a outra, pelas mãos sobrepostas.

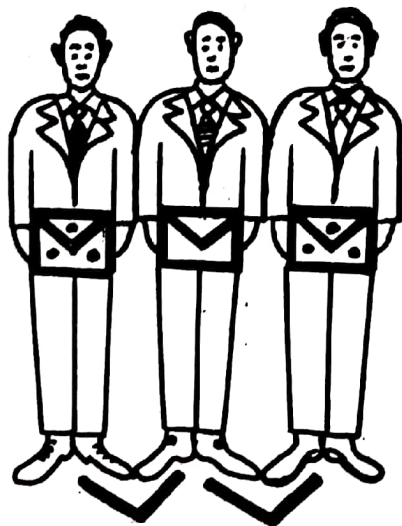
O número de pontas dessas estrelas é determinado pelo número de Irmãos presentes.



A estrela formada pelos pés em esquadria tem a posição de um ângulo voltado para dentro do participante.



Mas, quando ocorre a união dos pés com outro participante, a união do pé direito com o pé esquerdo assume uma nova posição, voltada para fora dos participantes e para dentro do círculo.



A união em forma de círculo tendo ao centro o Altar dos Juramentos com o Livro da Lei aberto, e a posição do esquadro e do compasso no Grau de Aprendiz, acaba formando uma estrela viva com um significado profundo.

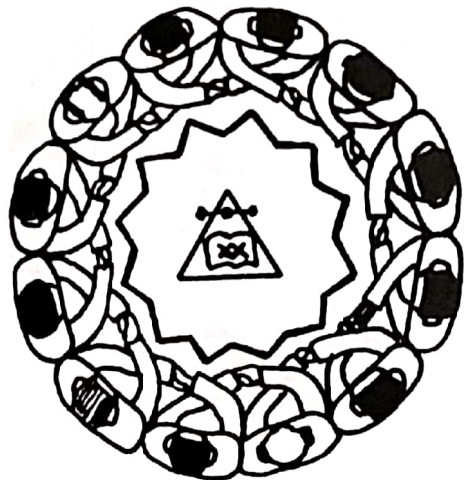


A segunda estrela surge pelas mãos sobrepostas dos participantes, estando a mão direita acima da esquerda, unindo-se com a mão esquerda do participante ao seu lado esquerdo, e sua mão esquerda com a do participante ao seu lado direito.





A segunda estrela apresenta a mesma característica da formada pelos pés no que se refere a forma, mas o cruzamento das mãos, ficando a direita acima e a esquerda abaixo, possui uma simbologia ligada à união do Céu com a Terra, ou o que existe em cima existe embaixo, como também a simbologia direita-esquerda.



Acreditamos que, além da beleza que a formação das duas estrelas representam, a energia formada pela união dos Irmãos por meio dos pensamentos voltados para um mesmo objetivo simboliza o que de mais puro existe na obra do Criador, a verdadeira união fraternal.

A Estrela na Abertura do Livro da Lei

A cerimônia de abertura do Livro da Lei nos Graus Simbólicos do Rito Escocês Antigo e Aceito é muito bonita, significativa e importante.

Algumas Potências Maçônicas modificaram seus rituais simplificando o ato, o que, em nossa visão, prejudica todo o andamento dos trabalhos, pois a abertura completa envolve toda uma simbologia preparatória para que se estabeleça a união entre o material e o espiritual, resultando na formação de uma egrégora com características benéficas e protetoras.

A cerimônia tem início com a transmissão da Palavra Sagrada vinda do Oriente. Os Diáconos viajam com seus bastões (cajados) levando a palavra ao Ocidente, Norte e Sul.

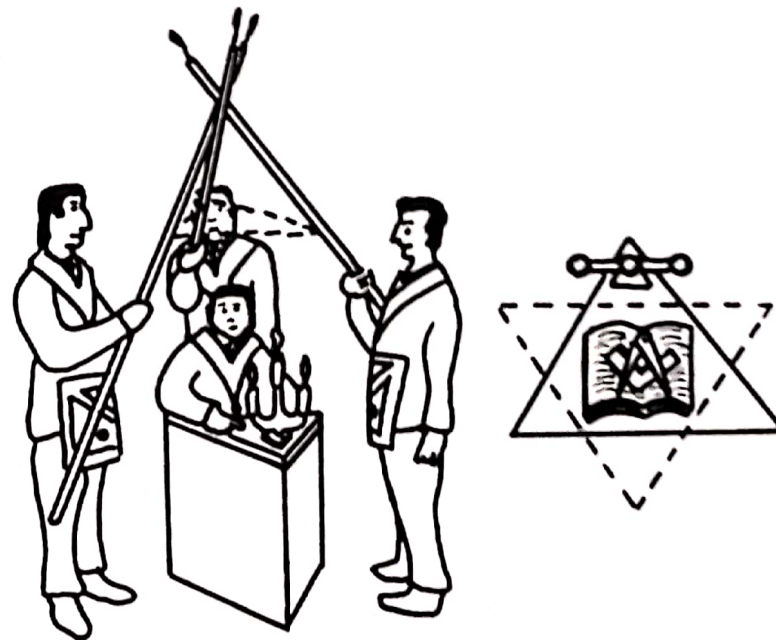
Após o anúncio pelo Segundo Vigilante de que está tudo justo e perfeito (justo se refere à parte material, e perfeito, ao plano divino), os Diáconos



se colocam ao lado do Altar dos Juramentos. O Altar dos Juramentos deve ter a forma de um triângulo equilátero apontando para o Oriente, possui um tampo de metal que forma um isolamento para que o Livro da Lei não tenha contato com os mundos inferiores e estar localizado no centro do Templo, pois as ligações entre o Céu e a Terra estão relacionadas à simbologia do centro.

Prosseguindo a cerimônia, o Mestre de Cerimônias, acompanhado de seu bastão, conduz o Ex-Venerável mais novo – ou, na sua ausência, o Orador –, para que este, ajoelhado diante do Altar, abra o Livro da Lei, leia a mensagem relativa ao Grau em que a Loja está sendo aberta, depositando em seguida sobre o Livro da Lei o Esquadro e o Compasso na posição do Grau.

No início da abertura, os três bastões se cruzam formando um triângulo espiritual voltado para o Ocidente, que se deposita acima do Livro da Lei, formando com o tampo triangular do Altar uma estrela de seis pontas.



No término dos trabalhos, a cerimônia é repetida para que ocorra o fechamento do Livro da Lei.



É importante destacar que a forma triangular do Altar dos Juramentos, que representa o microcosmo (Terra, matéria), está apontada para o Oriente, de onde vem a luz, e o triângulo espiritual formado pelos bastões, que representa o macrocosmo (Céu, divindade), aponta para o Ocidente, formando a união dos contrários, o equilíbrio estabelecido pela luz que vem do alto. Outro fato importante é que os bastões que formam o triângulo espiritual percorrem todo o Templo e devem receber pensamentos positivos de todos os participantes, para que os trabalhos prossigam com ordem e exatidão.

A Estrela Flamejante

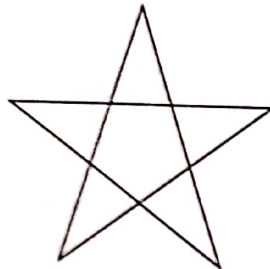
A Estrela Flamejante na Maçonaria se relaciona com o Grau de Companheiro Maçom, estando sempre iluminada em sessão de Companheiro, pois é o símbolo da manifestação da luz no centro místico de um universo em expansão. Ao ver a Estrela Flamejante, o Companheiro passa a ter consciência de seu papel não só na Maçonaria, como também no Universo. A verdadeira Luz abre as portas do conhecimento para os que desejam passar do estado material para o plano espiritual.

A Estrela Flamejante é uma estrela de cinco pontas, e as estrelas de cinco pontas recebem várias denominações, como: pentagrama, pentalfa e pentagrammaton.

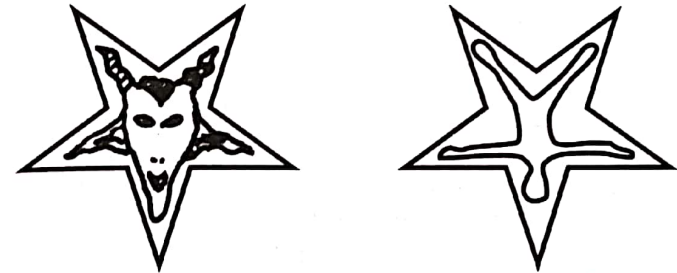
O pentagrama é a estrela de cinco pontas traçada de uma só vez. É utilizada pelos magos como símbolo de proteção em seus trabalhos e também como amuleto nas crenças populares.

O pentagrama representa o corpo humano, no qual a ligação entre o mundo interior ou espiritual com o mundo exterior ou material são os cinco sentidos: visão, audição, paladar, olfato e tato.

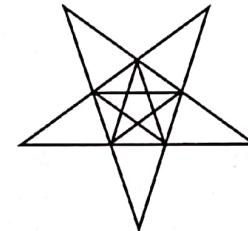
A simbologia do número cinco representa a união dos desiguais, entre o três, princípio ativo masculino, com o dois, princípio passivo feminino, cujo resultado é uma entidade única relacionada à imagem do andrógino, ser original perfeito em seus cinco aspectos: físico, emocional, mental, intuitivo e espiritual.



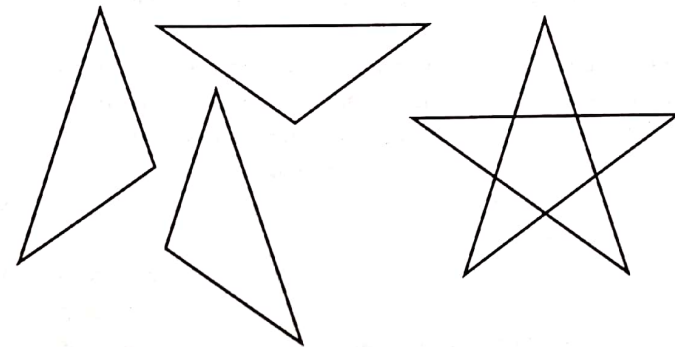
No pentagrama, em sua configuração normal, a ponta de cima está voltada para o infinito do Céu; as duas pontas laterais, para os polos da Terra; e as duas inferiores, para a superfície da Terra. Mas uma parte da Magia, voltada para o mal, utiliza o pentagrama em sua posição invertida, passando a representar a besta ou o ser humano de cabeça para baixo ligado aos assuntos materiais.



Mas é importante mencionar que a força divina nos ampara em todas as circunstâncias e, mesmo quando estamos de cabeça para baixo, existe outra estrela interior possibilitando o retorno à posição original.

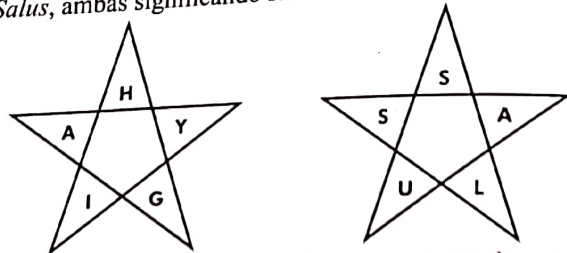


O pentalfa é a estrela de cinco pontas atribuída a Pitágoras, que a tinha como um emblema de perfeição e sabedoria. É formada por três triângulos entrecruzados, e os discípulos de Pitágoras a chamavam de pentagrammaton.





Pentalfa também significa cinco alfas, primeira letra do alfabeto grego, sendo composta de cinco triângulos superpostos. Segundo as tradições, dentro de cada triângulo era colocada uma letra da palavra grega *Hygia*, ou da latina *Salus*, ambas significando saúde.



A estrela de cinco pontas se relaciona com o nascimento de Jesus, quando, segundo as tradições, guiou os Reis Magos, pois suas pontas formam o nome de Jesus (I, E, CH, U, A ou IESUS) figurando também como símbolo das cinco chagas de Cristo para os cristãos primitivos.



No centro da Estrela Flamejante, aparece a letra G, provocando inúmeras interpretações ao longo dos tempos, pois não existe nenhuma referência confiável de seu significado, nem da data de seu aparecimento. Para alguns, ela significa o nome de Deus nas línguas do Norte (Gud, Gott, Got), e também os persas usam Goda, e os sirios, Gad. Nos rituais modernos, encontramos cinco significados para a letra G: Geometria, Geração, Gravidade, Gênio e Gnose.

Acreditamos que os símbolos possuem vários significados, além da característica de mostrar e esconder, o que acaba resultando em mistérios de inúmeras interpretações. Ao examinarmos um símbolo cujo significado não está claro, nosso subconsciente viaja procurando dentro de nossas informações acumuladas em nossa existência algo que consiga se relacionar ou explicar o significado.

No momento em que encontramos algo que achamos correto, não devemos guardar essa informação dentro de nosso pensamento, e sim procurar revelar o fato para que outros possam analisar, concordar ou discordar. O que



pretendemos expor a seguir não se trata de uma especulação sem sentido, mas sim de uma observação que, a nosso ver, achamos que tem sentido, pois a vemos dessa forma. Feita essa ressalva, acreditamos, em princípio, que, no centro da Estrela Flamejante, originalmente não se encontrava a letra G, mas sim um símbolo semelhante à letra, representado pela Espiral Evolutiva, também encontrada na Escada em Caracol ligada ao Grau de Companheiro. A coincidência é grande, pois a Espiral Evolutiva gira no sentido destrocêntrico reproduzindo a forma da letra G (verificar desenho no capítulo das espirais). É evidente que não temos uma comprovação a este respeito, mas, como dissemos anteriormente, devemos expressar nossos pensamentos com muita franqueza, para que a verdade possa vir à tona.

A Estrela de Sete Pontas

Encontramos a estrela de sete pontas no Pannel do Grau de Aprendiz. Sua simbologia está relacionada ao número sete, união do triângulo com o quadrado. Sua localização logo acima da escada que sobe do Livro da Lei parece indicar que o Aprendiz deverá subir os sete degraus representados pelas sete instruções do Grau para poder iniciar os estudos espirituais.

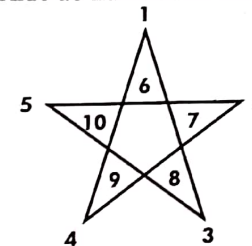
Nas tradições, a estrela de sete pontas simboliza a lira czzósmica, a música das esferas, o arco-íris de sete cores (ligação entre o Céu e a Terra) e as sete zonas planetárias.

As Relações Numéricas das Estrelas

As estrelas possuem relações numéricas entre suas pontas (vértices), ângulos e lados. Como essas relações ocorrem com vários tipos de estrelas, vamos apenas apresentar alguns aspectos do pentagrama e do hexagrama.

Na estrela de cinco pontas (pentalfa, pentagrama), vamos estabelecer uma sequência numérica a partir do vértice que aponta para o Céu, obedecendo o sentido destrocêntrico (direita). Os números indicarão os cinco vértices e seus ângulos internos.

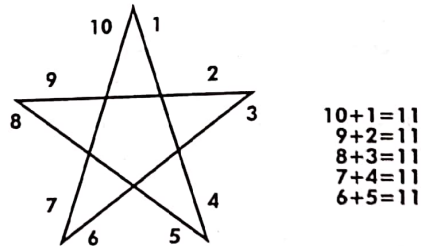
Ao diminuirmos os números dos ângulos internos (que são maiores) pelos números dos vértices externos, teremos em todas as pontas o número cinco, que corresponde ao número de lados da estrela.



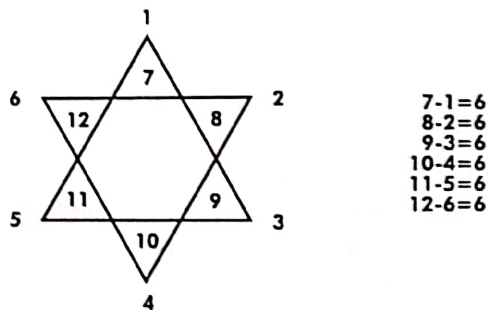
$$\begin{aligned} 6-1 &= 5 \\ 7-2 &= 5 \\ 8-3 &= 5 \\ 9-4 &= 5 \\ 10-5 &= 5 \end{aligned}$$



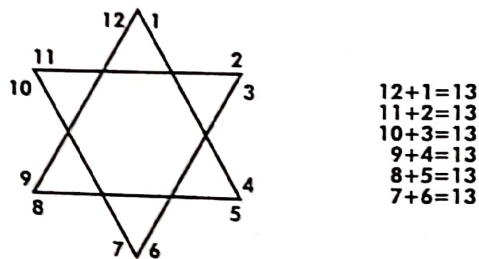
Outra relação interessante ocorre com os lados opostos; quando nos referimos ao sentido horizontal e somamos os números, o resultado também é igual.



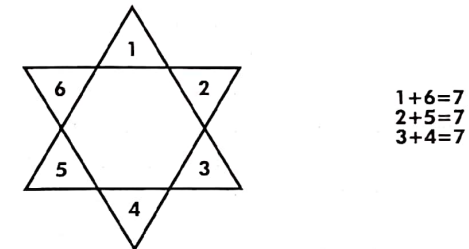
Também encontramos na estrela de seis pontas (hexagrama) a mesma relação entre as pontas e os ângulos internos.



Como também na horizontalidade.



Mas surge uma nova relação entre os ângulos opostos internos que nos mostra o equilíbrio dos números pares e ímpares, que, quando somados resultam sempre no número sete.



Algumas relações são idênticas em vários tipos de estrelas, existindo também outras relações quando invertemos o sentido numérico interno e externo, envolvendo ângulos, lados, área, etc. Porém, o importante é entendermos a existência de uma relação numérica que tem origem na obra divina, da qual as estrelas fazem parte.

A Cruz na Formação das Estrelas

A cruz é um símbolo de vida que possui inúmeros significados diferentes. Ela faz parte de vários rituais sagrados e profanos, inclusive na formação das estrelas.

Na maioria das tradições, as estrelas são consideradas de origem celeste, e a cruz, de origem terrestre, embora muitos definam o corpo humano como uma cruz; como a Bíblia nos fala que Deus criou o homem à sua imagem e semelhança, a cruz representando o ser humano teria uma origem divina.

Em suas alegorias, as estrelas são representadas pelos polígonos estrelados, que possuem inúmeras formas, e basicamente a definição das estrelas se realiza pelo número de pontas (pentágono, hexágono, etc).

A formação dos polígonos estrelados obedece a determinados requisitos, podendo ter origem em polígonos regulares ou serem inscritas em um círculo.

Mas também encontramos a participação da cruz na formação das estrelas, por meio da união de várias cruzes em sua construção, o que resulta em o número de cruzes determinar o número de pontas das estrelas. Esta possibilidade não é utilizada na Geometria convencional, apenas estamos tentando demonstrar uma Geometria oculta, com uma simbologia relacionada a inúmeros fatores, que devem ser estudados por aqueles que buscam o conhecimento além da lógica humana.



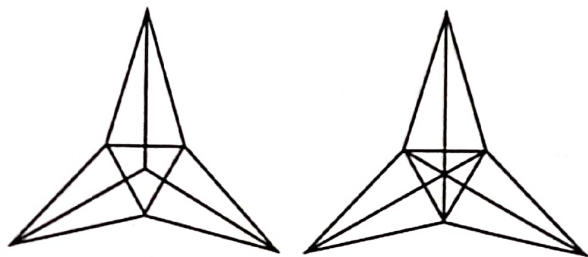
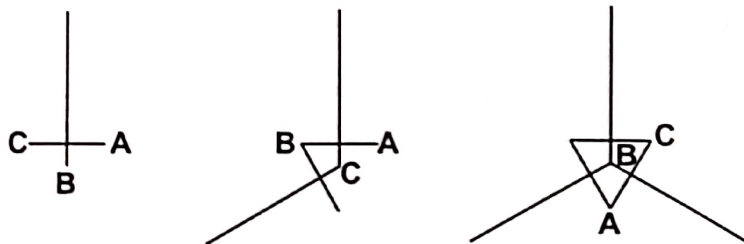
A relação entre a cruz e a estrela ocorre pela união de dois lados da cruz, ou de um lado e um ponto situado na linha vertical da cruz, que acaba determinando o ponto central da estrela.

Também devemos esclarecer que o tipo de estrela estabelecido pela sua forma e pelo seu número de pontas determina um tipo de cruz específico, ou que cada estrela possui a sua cruz. Nas tradições populares, existe o ditado que diz que “cada um carrega a cruz que merece”.

Na sequência, vamos apresentar a formação das estrelas pelas cruzes, obedecendo sempre o sentido destrocêntrico, até a estrela de nove pontas, número que consideramos suficiente para o entendimento.

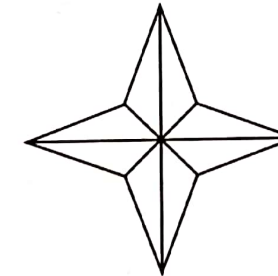
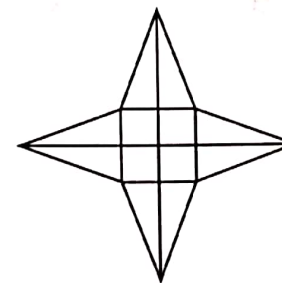
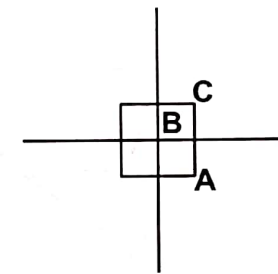
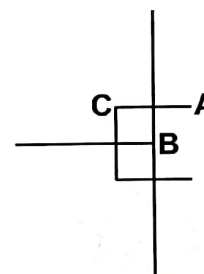
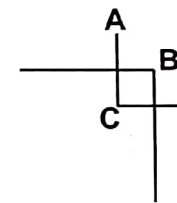
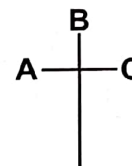
A Estrela de Três Pontas

A estrela de três pontas não é muito utilizada, e sua formação ocorre pela união da extremidade de uma linha vertical e uma horizontal.



A Estrela de Quatro Pontas

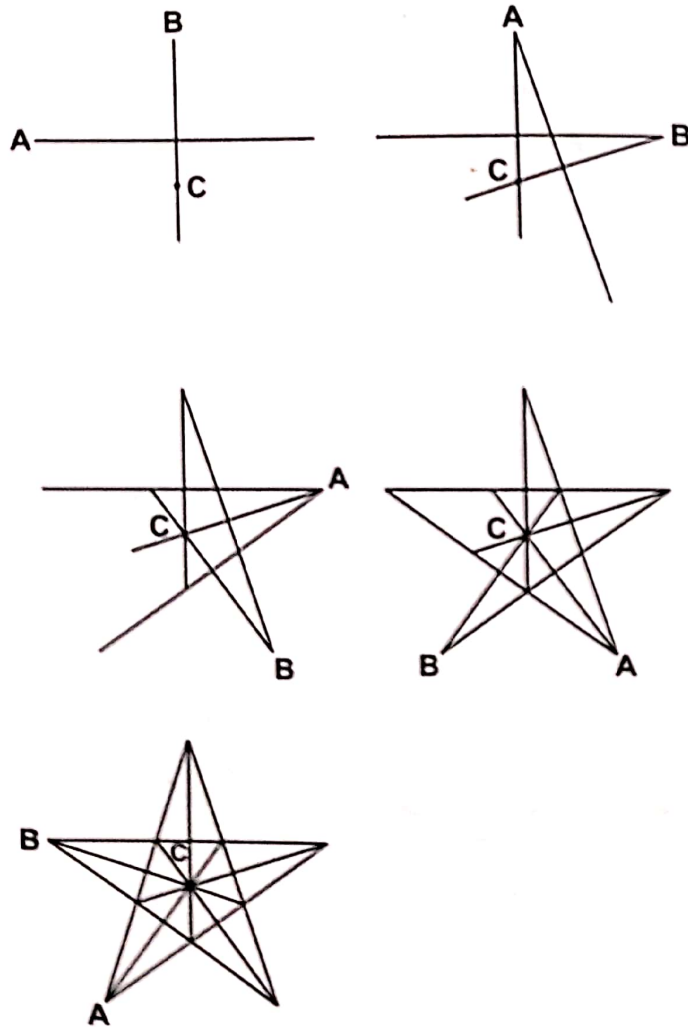
A estrela de quatro pontas possui o formato de uma cruz por natureza, sendo muito utilizada na simbologia dos pontos cardeais. Sua formação ocorre de forma semelhante à da estrela de três pontas.





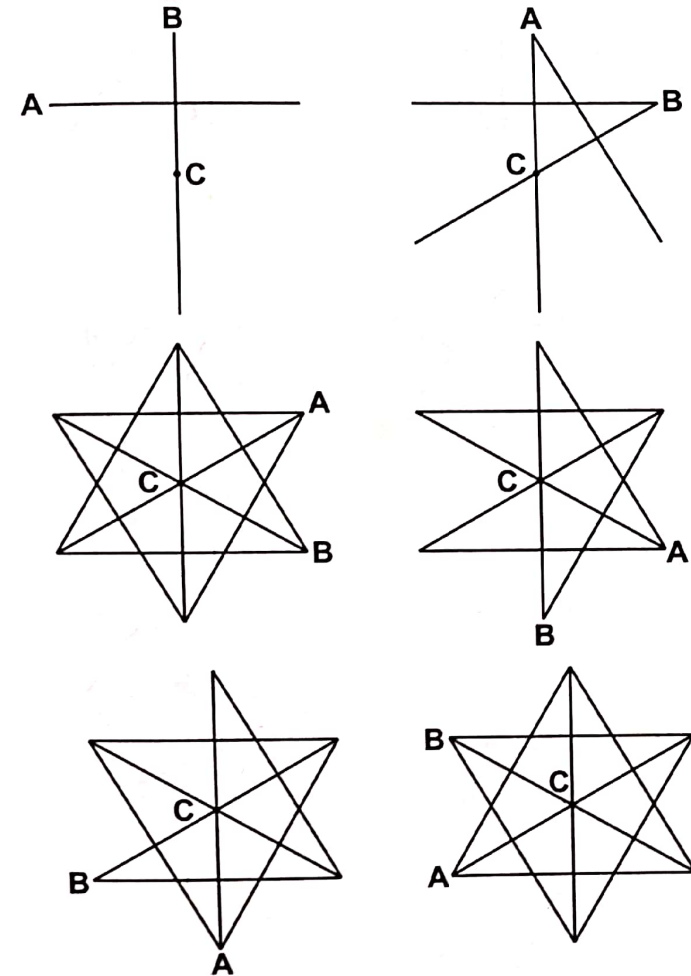
A Estrela de Cinco Pontas

A estrela de cinco pontas, também chamada de pentalfa, pentagrama etc., tem sua simbologia ligada a inúmeros significados de origem sagrada, profana e até maligna. Na Maçonaria, recebe o nome de Estrela Flamejante e está ligada principalmente ao Grau de Companheiro Maçom.



A Estrela de Seis Pontas

A estrela de seis pontas é denominada de hexagrama e está ligada ao Judaísmo (bandeira de Israel), no qual é conhecida como Estrela de Davi ou Selo (Signo) de Salomão.* Sua forma possui o equilíbrio estabelecido em qualquer posição que se encontre. Essa estrela é muito utilizada como amuleto tanto no Oriente como no Ocidente.

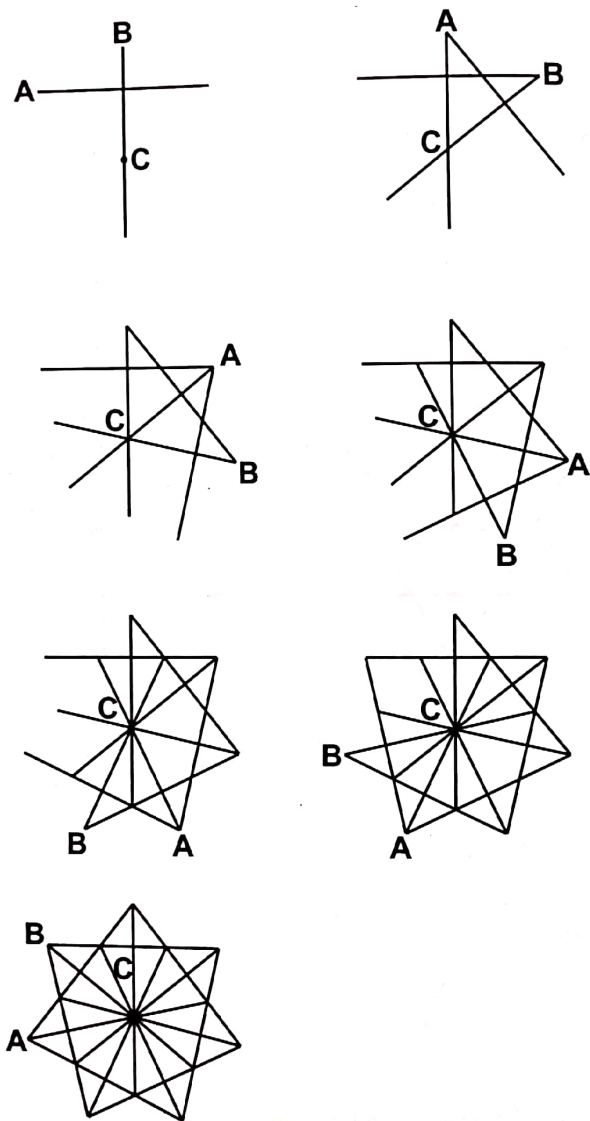


*N.E.: Sugerimos a leitura de *As Chaves de Salomão – O Falcão de Sabá*, de Ralph Ellis, Madras Editora.



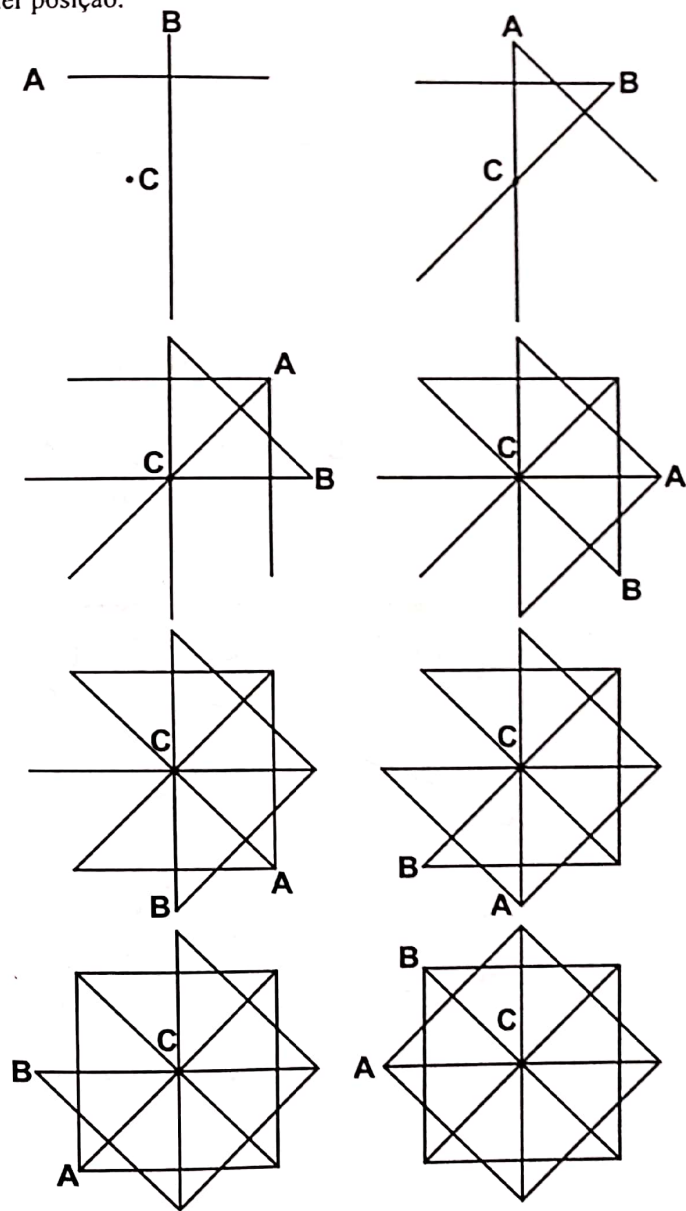
A Estrela de Sete Pontas

Não é uma estrela muito utilizada. Na Maçonaria, encontramos a estrela de sete pontas no Painel do Grau de Aprendiz Maçom, logo acima da escada que sobe do Altar dos Juramentos.



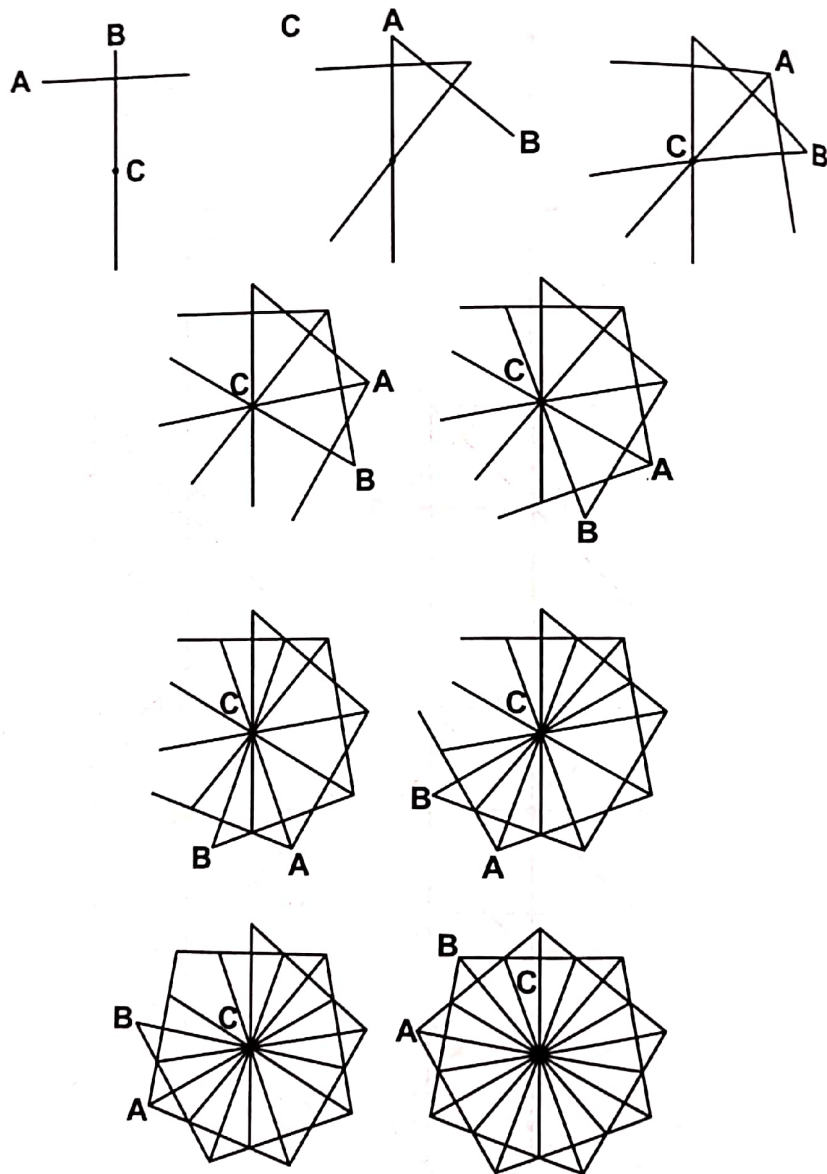
A Estrela de Oito Pontas

Encontramos a estrela de oito pontas em ornamentos localizados em templos de várias religiões, principalmente no Oriente Médio. Seu formato estabelecido por dois quadrados também nos mostra equilíbrio e harmonia em qualquer posição.

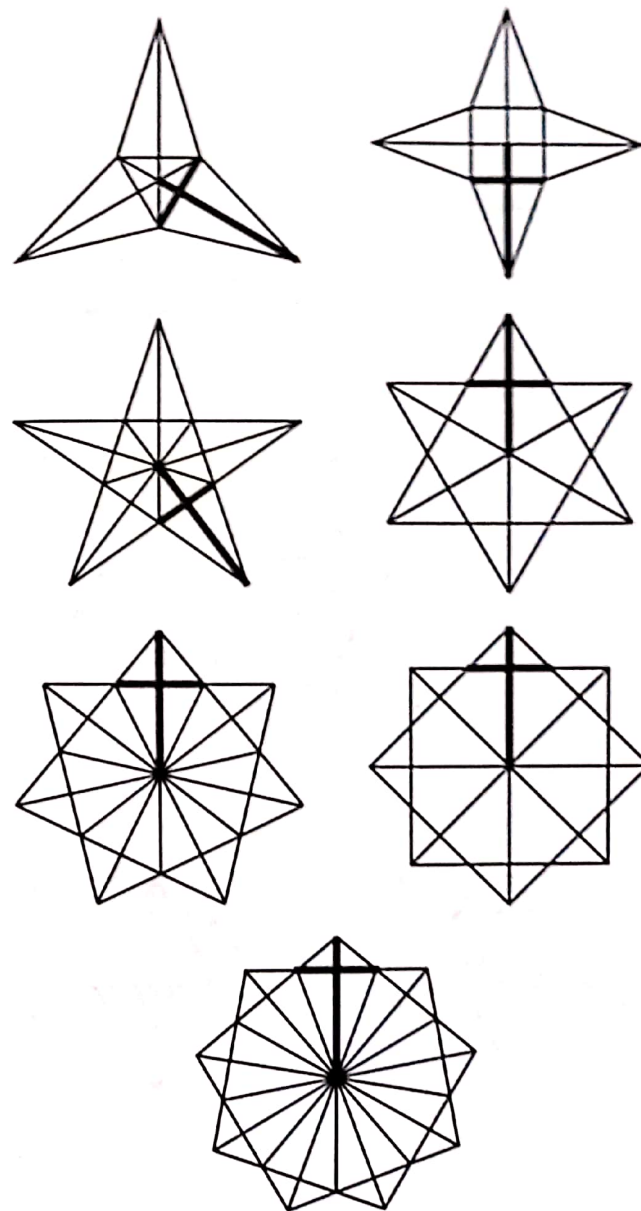




A Estrela de Nove Pontas
 A estrela de nove pontas também não é muito encontrada nas tradições populares. Na Maçonaria, é utilizada nos Graus Filosóficos.



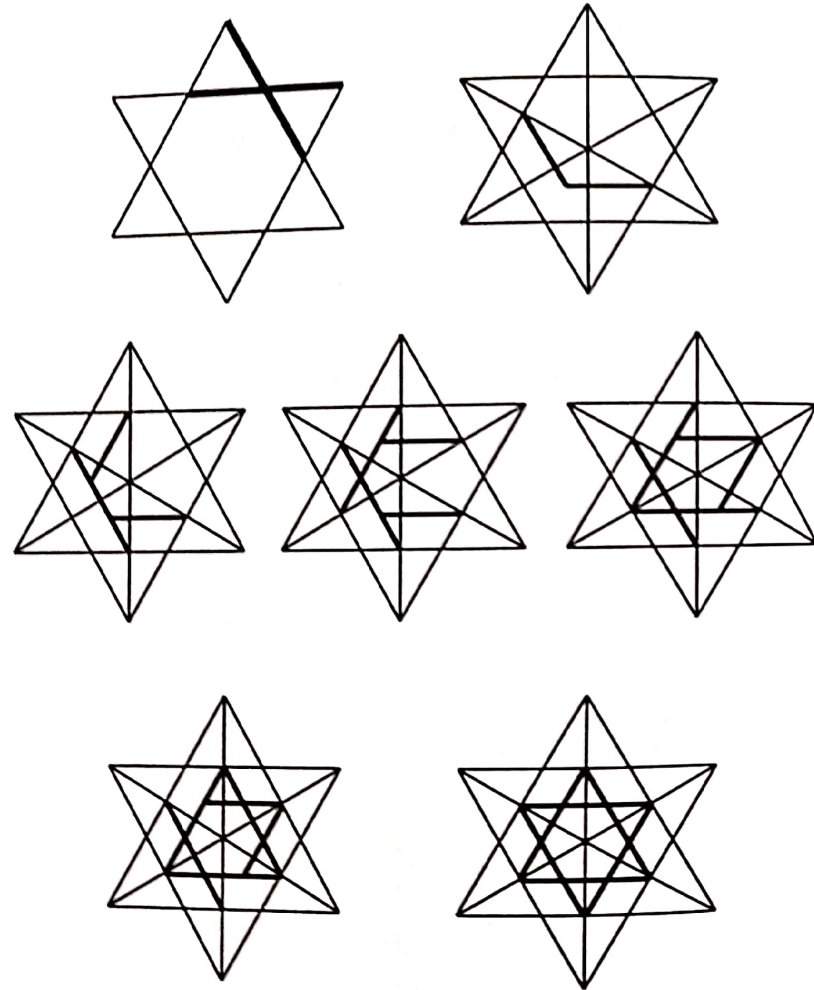
Além de ajudar a construir os polígonos estrelados, as cruzes continuam presentes fazendo parte da estrutura que configura a imagem, como uma guardiã da forma.



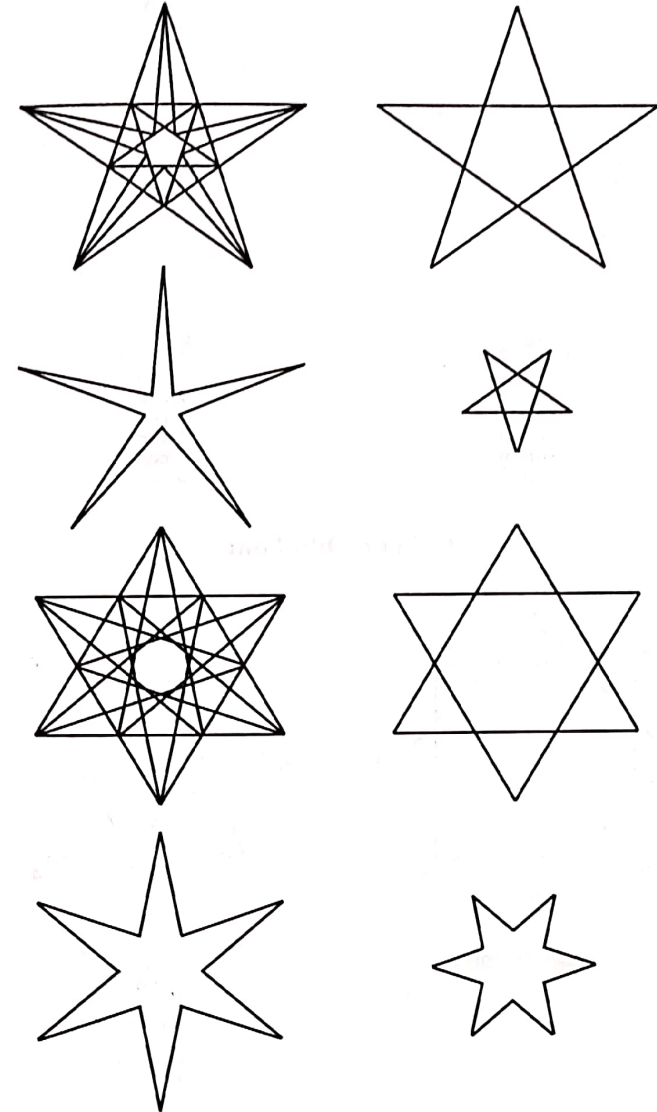


A Construção de Estrelas por meio das Estrelas

Podemos encontrar situações em que as estrelas acabam gerando novas estrelas na formação do Universo material. Nos polígonos estrelados, esse fato ocorre de maneira diferente, podendo gerar formas idênticas ou semelhantes. No exemplo a seguir, um hexagrama, projetamos os ângulos externos em direção ao lado oposto, surgindo uma nova estrela idêntica.



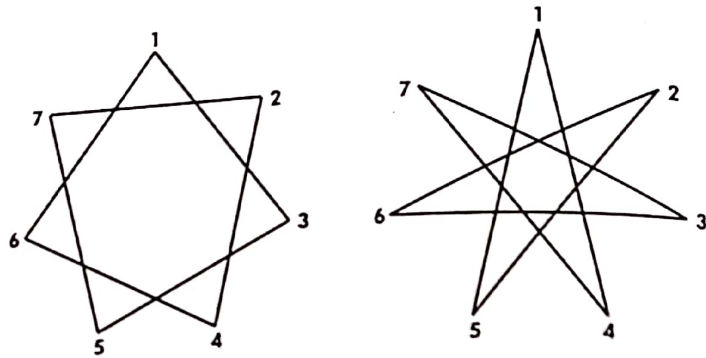
No segundo exemplo, unimos os pontos de dois polígonos estrelados, (pentagrama e hexagrama) e passamos a encontrar outros tipos de estrelas com o mesmo número de pontas, mas de formatos diferente.



Também encontramos uma situação em que algumas estrelas podem ter o seu formato alterado em razão da ligação de suas pontas.



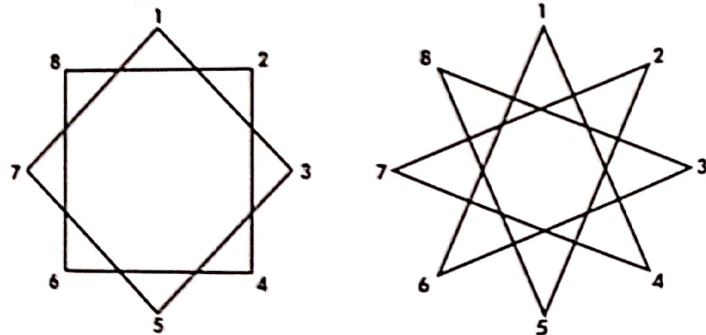
Estrela de Sete Pontas



- Ligações**
 1 com 3
 3 com 5
 5 com 7
 7 com 2
 2 com 4
 4 com 6
 6 com 1

- Ligações**
 1 com 4
 4 com 7
 7 com 3
 3 com 6
 6 com 2
 2 com 5
 5 com 1

Estrela de Oito Pontas



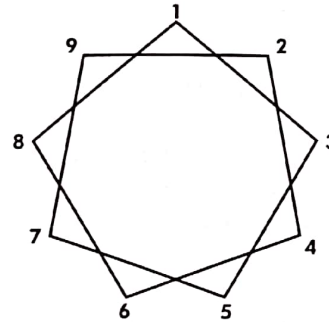
- Ligações Impares**
 1 com 3
 3 com 5
 5 com 7
 7 com 1

- Ligações Pares**
 2 com 4
 4 com 6
 6 com 8
 8 com 2

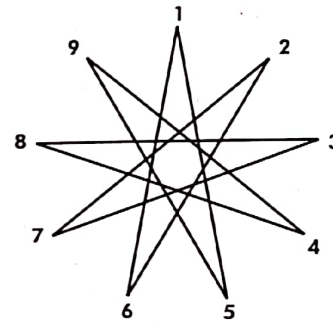
- Ligações**
 1 com 4
 4 com 7
 7 com 2
 2 com 5
 5 com 8
 8 com 3
 3 com 6
 6 com 1



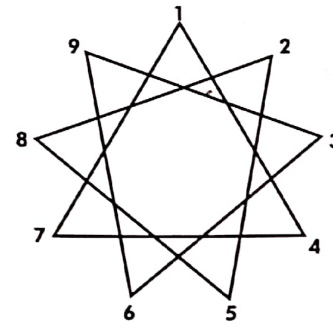
Estrela de Nove Pontas



- Ligações**
 1 com 3
 3 com 5
 5 com 7
 7 com 9
 9 com 2
 2 com 4
 4 com 6
 6 com 8
 8 com 1



- Ligações**
 1 com 5
 5 com 9
 9 com 4
 4 com 8
 8 com 3
 3 com 7
 7 com 2
 2 com 6
 6 com 1



- Ligações**
 1 com 4
 4 com 7
 7 com 1
 2 com 5
 5 com 8
 8 com 2
 3 com 6
 6 com 9
 9 com 3



Os Ornamentos com Estrelas

A palavra ornamento vem do latim *ornamentum*: ornar, adornar. Os adornos podem ser encontrados na arquitetura, na escultura, na pintura, nos móveis, nos tapetes e em inúmeros objetos decorativos.

O ornamento reflete o gosto individual de quem o idealizou e o estilo da época em que foi construído.

Nas antigas culturas, como a dos egípcios, encontramos templos, sarcófagos e monumentos decorados com ornamentos simbólicos, como: a cruz ansata (vida); a pilastra Djed (duração) e o lótus (renascimento). Nos tetos dos templos, encontramos estrelas em homenagem a Nut, deusa do Céu. Já na arquitetura grega, os ornamentos são mais geométricos ou naturalistas (envolvendo a flora e a fauna). Um exemplo clássico dos ornamentos gregos são as colunas, que iniciaram com um rígido capitel dórico; em seguida, a voluta (ornamento em forma de espiral), do capitel jônico; terminando na folha de acanto (planta espinhosa de folhas largas e recortadas), do capitel coríntio.

Os ornamentos foram sendo absorvidos pelas culturas que se sucederam, e, a cada descoberta de novos produtos criados pelo ser humano, eram incorporados ornamentos de toda a natureza.

Na atualidade, além da preocupação com a forma, os ornamentos foram incorporados aos produtos de modo que fica em certos casos difícil de definir se eles são adquiridos pela necessidade do uso ou pela ornamentação.

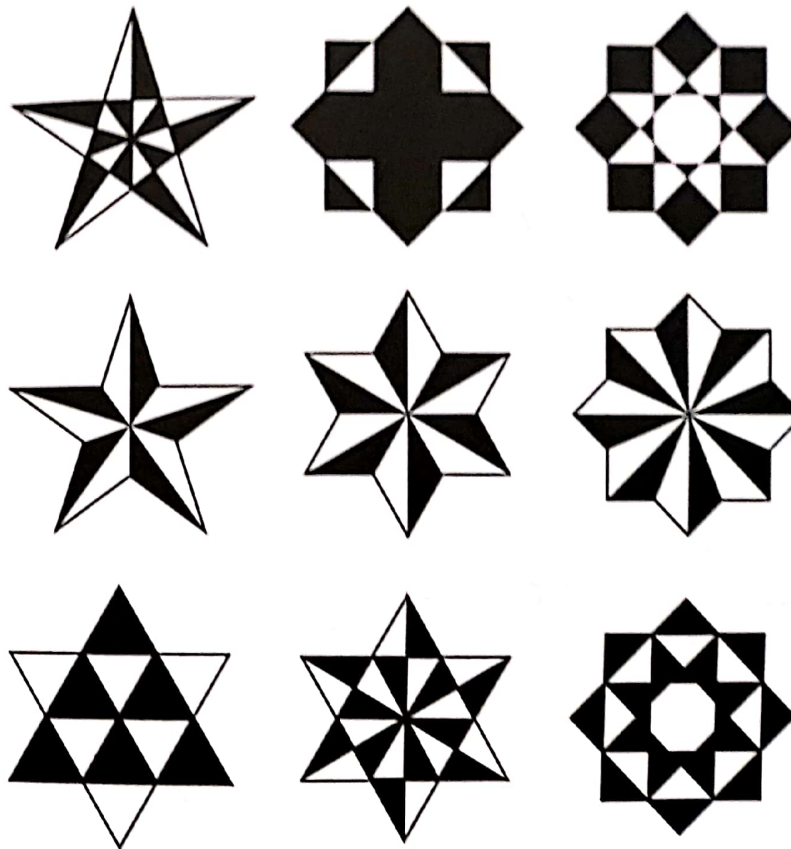
Com relação ao uso das estrelas como ornamento, podemos encontrar exemplos profanos e sagrados, como também representações individuais, coletivas e mistas (que contêm outras figuras).

Não podemos esquecer de que as estrelas continuam ornamentando o Céu todas as noites, lembrando-nos da magnífica obra realizada pelo Grande Arquiteto do Universo.



Ornamentos Individuais

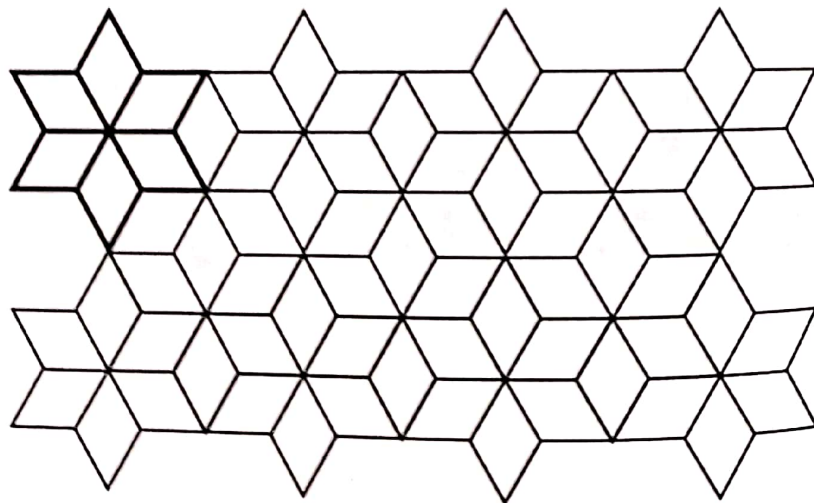
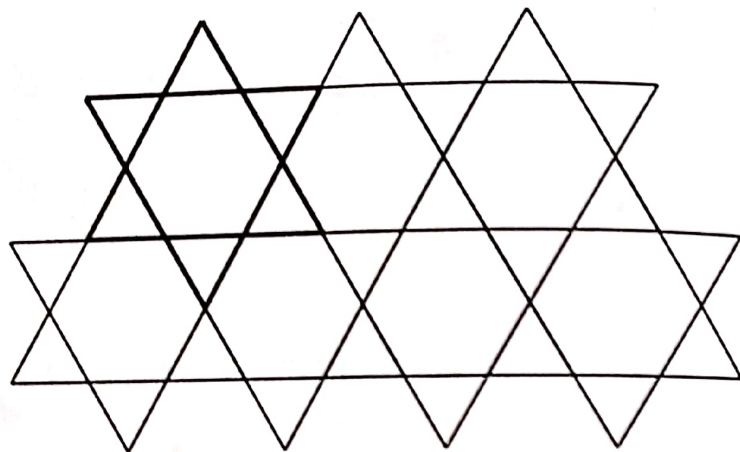
Nos ornamentos individuais, as estrelas normalmente possuem uma representação direta de sua simbologia.





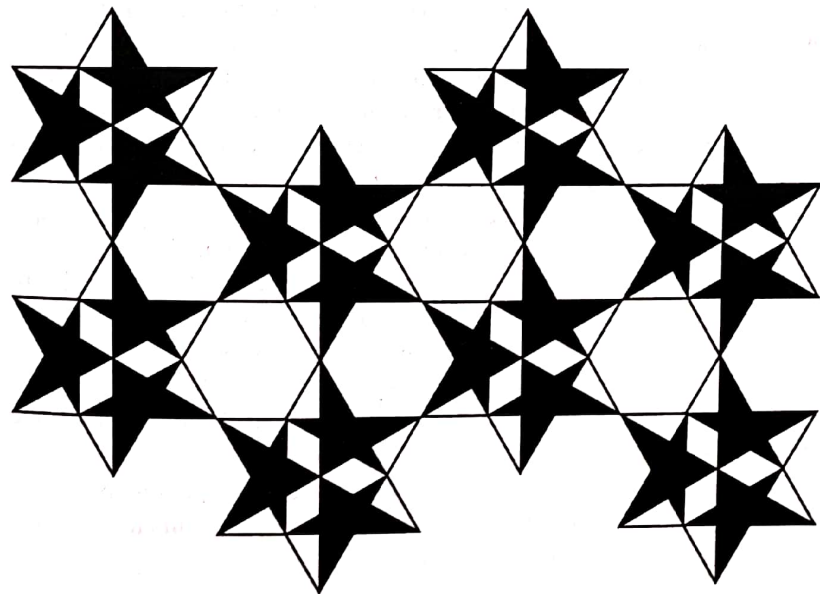
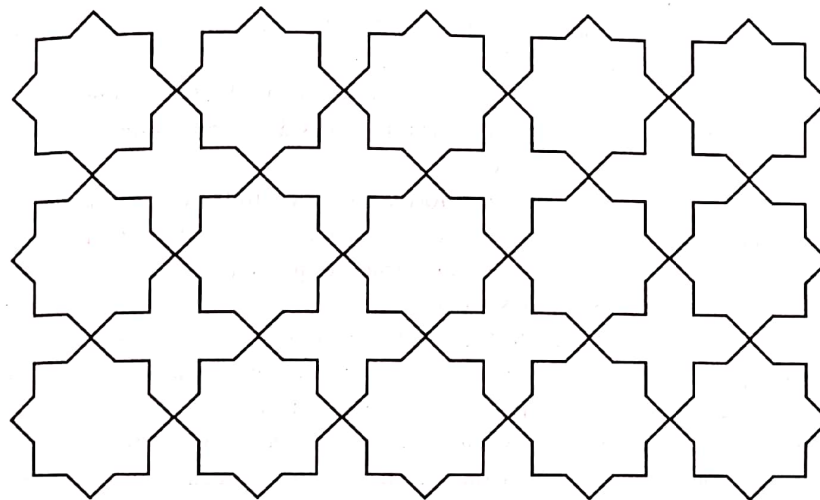
Ornamentos Coletivos

Nesta situação, embora as estrelas sejam a figura principal, ao se agruparem, pode surgir uma composição que altere a forma, escondendo a individualidade no véu da coletividade.



Ornamentos Mistos

Nos ornamentos mistos, geralmente as estrelas conservam um significado próprio que pode ser reforçado pelas outras figuras.





AS LINHAS DO TEMPLO

Um Templo Maçônico, no sentido material, possui dimensões cuja extensão ocupa um determinado lugar no espaço; já no sentido esotérico, suas medidas são incalculáveis, pois vai do Céu ao centro da Terra, do norte ao sul e do Oriente ao Ocidente.

No espaço ocupado pelo Templo, existem vários objetos, alguns de natureza física (mesas, cadeiras, colunas) e outros de origem transcendental (egrégora, fluidos, energias, etc.).

Os corpos no espaço possuem formas que variam tanto nas dimensões como no aspecto. Os Templos Maçônicos ocupam uma superfície denominada de quadrilongo, ou seja, um quadrilátero que tem dois lados opostos iguais e paralelos e os ângulos retos.

Além de todas as manifestações transcendentais que se desenvolvem no Templo, existe uma outra possibilidade de estudo relacionada à formação de figuras geométricas por meio de ligações estabelecidas por pontos em vértices de ângulos contidos no espaço ocupado pelo Templo.

O Templo, sendo considerado como a representação do Universo, possui medidas infinitas; dessa forma, o prolongamento das linhas ultrapassaria os limites estabelecidos pelo quadrilongo.

O Universo físico se encontra em expansão, e o universo espiritual, em evolução, pois a obra divina não é estática, obedece a um plano evolutivo do qual fazemos parte, talvez junto com outros seres que ainda não conhecemos, ou quem sabe sejamos a semente que irá povoar a obra divina.

Se as linhas do Templo fossem prolongadas, o resultado não seria visto nem compreendido pela nossa visão e capacidade restritas. Devemos nos limitar a estudar o espaço estabelecido pelo quadrilongo, para que possamos, por meio dessa pequena amostra, imaginar a grandiosidade divina.

Também convém esclarecer que essa possibilidade de ligação das linhas não ocorre apenas nos Templos Maçônicos, mas sim em todos os espaços delimitados e ocupados, sejam eles profanos ou sagrados.

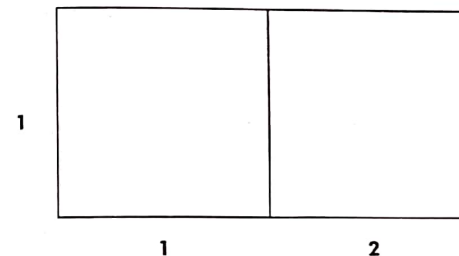
Outro fato importante são as ondas e os sinais que formam linhas invisíveis, originadas por redes de comunicações estabelecidas no mundo e fora dele, por meio de satélites e missões espaciais.

O objetivo deste trabalho é despertar a curiosidade pelo invisível que nos cerca, para que possamos nos preparar para acontecimentos futuros que nos esperam em outras dimensões.

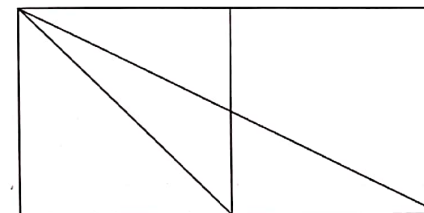


Ao iniciarmos os estudos das linhas contidas no espaço do Templo, devemos esclarecer alguns detalhes para que a compreensão se torne mais fácil.

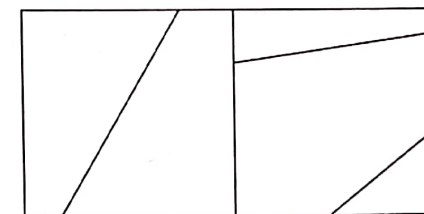
Partimos da interpretação de que o Templo é um quadrilongo constituído por dois quadrados unidos que formam uma proporção de uma parte de largura para duas de comprimento.



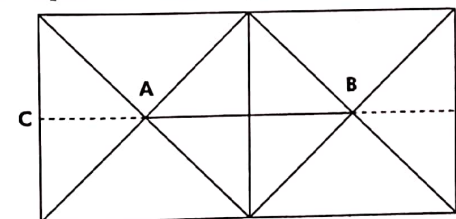
A partir deste formato, passamos a traçar linhas de pontos estabelecidos por vértices de ângulos, até outros pontos formados da mesma maneira.



Não devemos traçar linhas que não obedeçam à regra anterior.



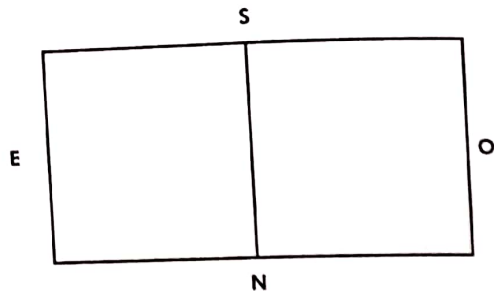
As linhas a partir de pontos de vértices podem se unir e se prolongar até os limites do espaço determinado, formando novos pontos e ângulos.



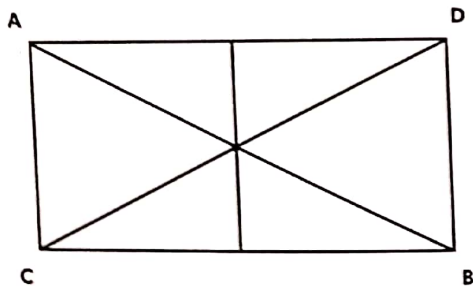
Linha AB
Prolongamento CD



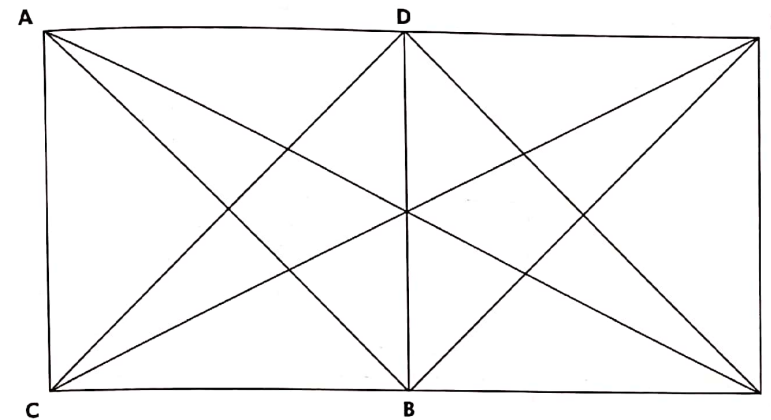
Outra observação a ser esclarecida diz respeito a alguns manuais informarem que os cantos do Templo no Oriente devem ser arredondados, embora informem também que, por meio das diagonais, encontramos o centro do Templo, onde deve ficar o Altar dos Juramentos. Em nossos estudos, estamos considerando o prolongamento das linhas de contorno do Templo que formam ângulos retos, e, mesmo que fossem arredondados, não mudaria o sentido das observações.



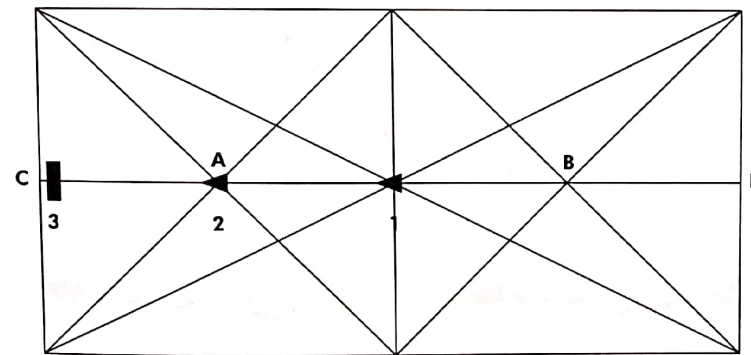
Para efeito do presente estudo, adotamos as dimensões do Templo como sendo um quadrado oblongo na proporção 1 x 2, o que resulta em dois quadrados unidos. Aproveitamos para localizar sua posição no espaço – que permanecerá a mesma em todas as figuras – por meio dos pontos cardeais.



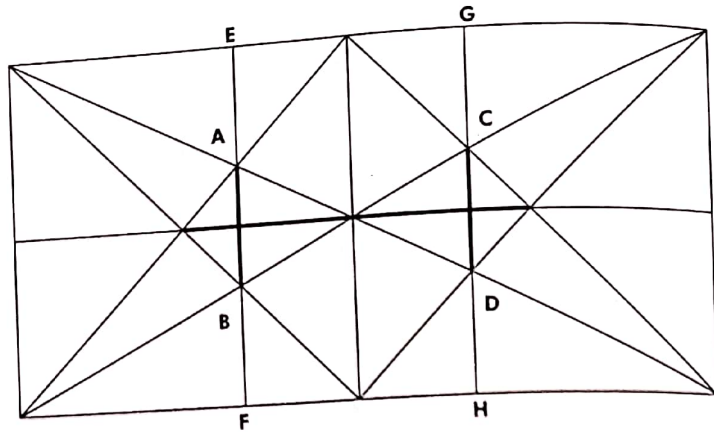
Por intermédio das diagonais A-B e C-D, que lembram a cruz de Santo André, encontramos o centro do Templo e o surgimento de vários triângulos.



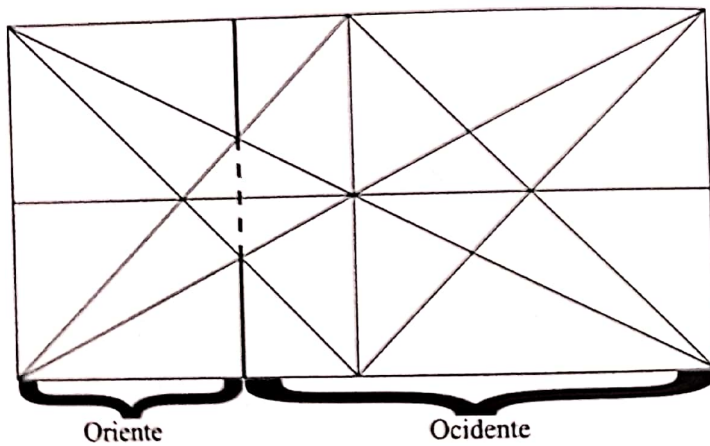
Encontramos os dois centros dos quadrados por meio das diagonais AB, CD, DE e BF. A imagem que surge nos lembra o esquadro e o compasso unidos, e aparece também a figura de um quadrado localizado no centro.



A linha CD, traçada por prolongamento dos pontos A e B, representa a linha central do Templo, contendo em sua dimensão e direção: o Altar dos Juramentos (1), o Altar dos Perfumes (2) e o trono do Venerável (3).

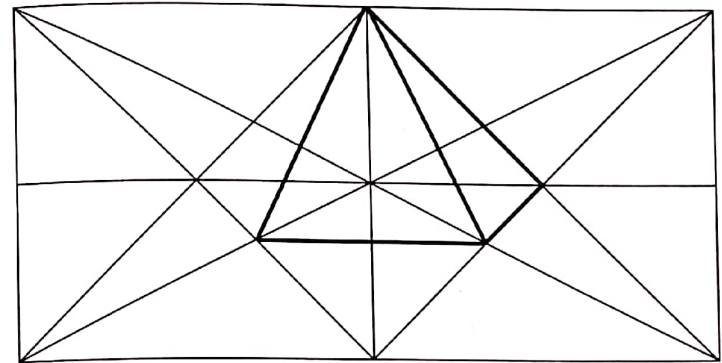


As linhas EF e GH, traçadas nos pontos A - B e C - D, dividem o Templo em três partes iguais, surgindo ao centro duas cruzes latinas, uma voltada para o Oriente, e outra, para o Ocidente.



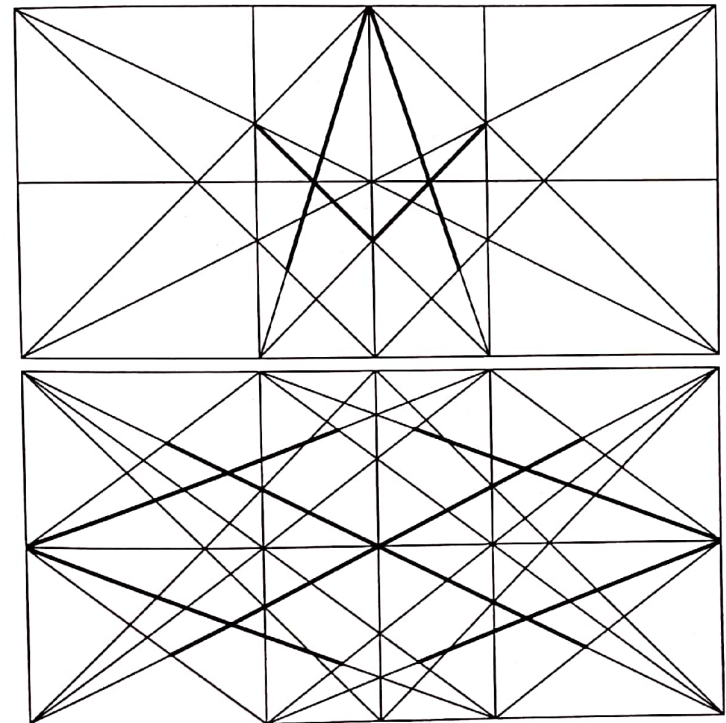
A divisão do Templo em três partes iguais determina também as dimensões do Oriente e do Ocidente, tendo como divisa a grade do Oriente.

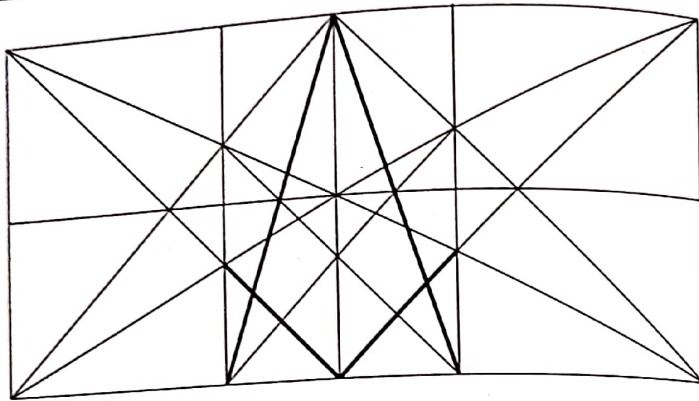
A partir deste ponto, não vamos mais descrever a formação das figuras por meio da união dos pontos, pois vai se tornar uma leitura cansativa e sem necessidade. Vamos apenas mostrar as imagens que achamos serem as mais interessantes.



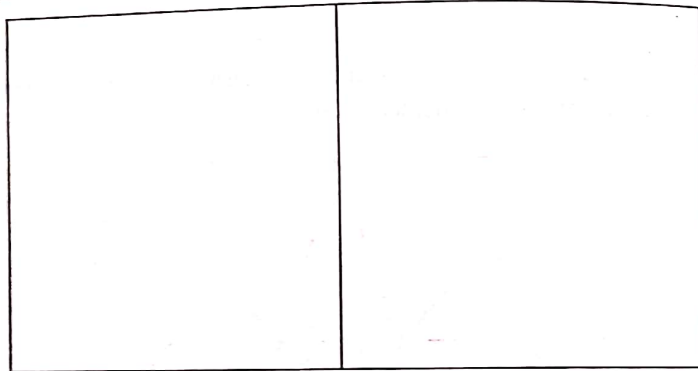
A forma triangular aparece em abundância, mostrando triângulos de todos os tipos, o que era de se esperar, pois estamos lidando com linhas e ângulos se cruzando.

Pela mesma razão que encontramos os triângulos, podemos encontrar o esquadro e o compasso em inúmeras configurações e em diversos tamanhos.

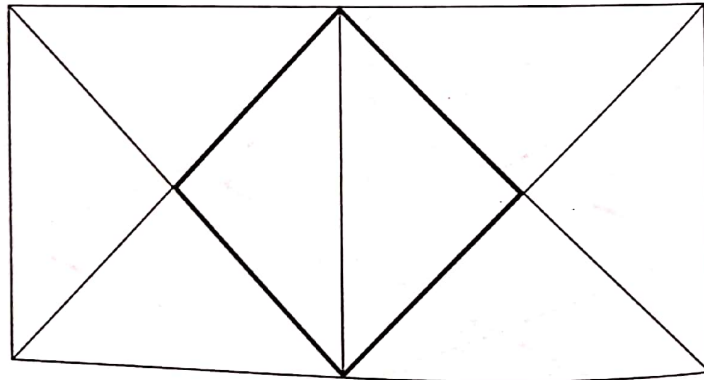




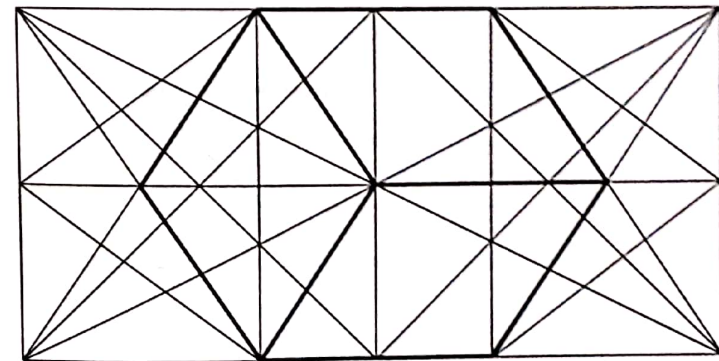
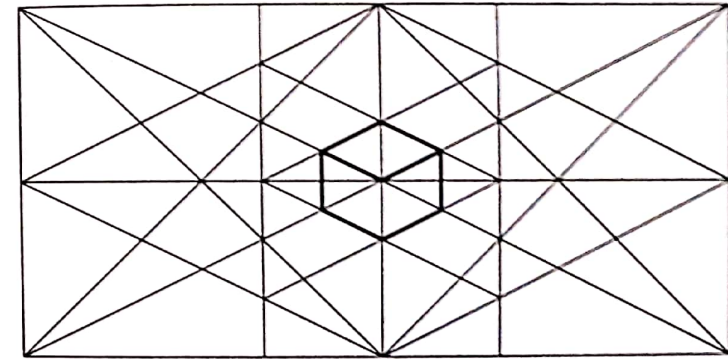
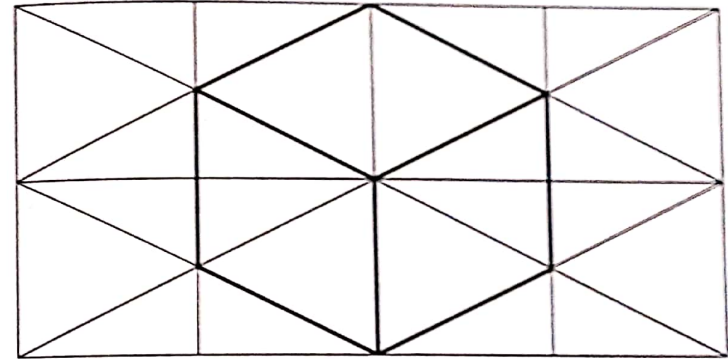
O quadrado pode ser visto desde a sua forma inicial de polígono plano, quando dois quadrados formam o quadrilongo.

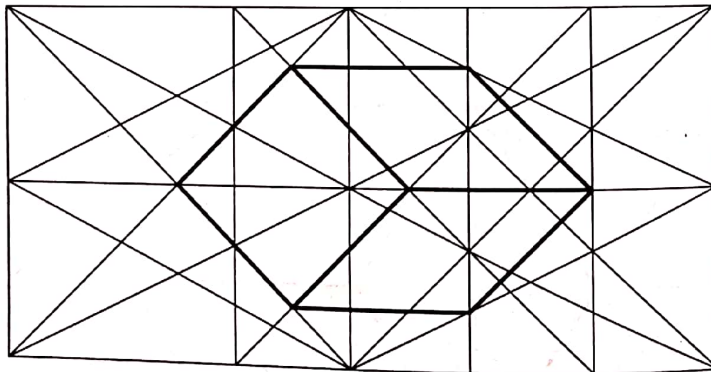
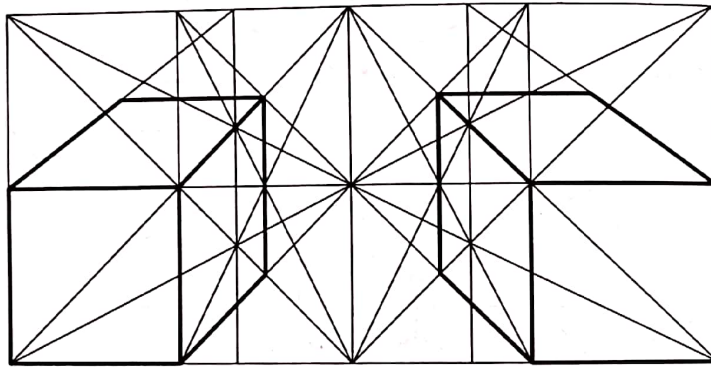
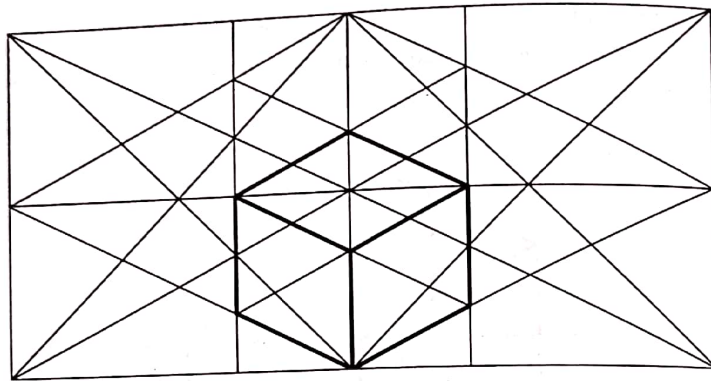


Em um segundo estágio, encontramos o quadrado quando traçamos as diagonais dos dois quadrados.

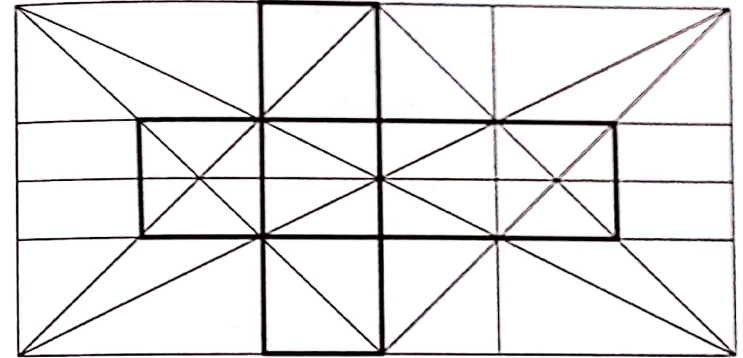


E na continuidade podemos ver o quadrado em sua representação com volume (poliedro) por meio dos cubos com vários tamanhos e posições diferentes.

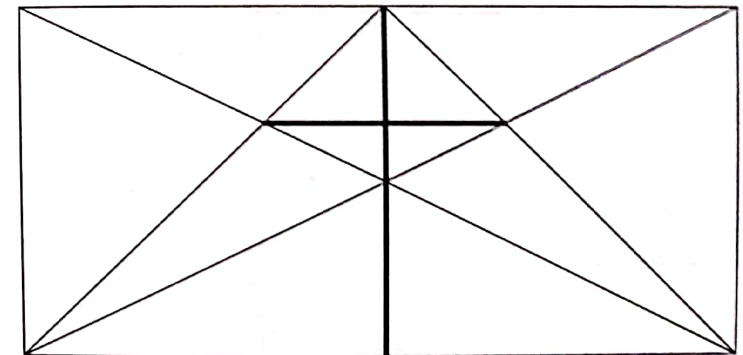




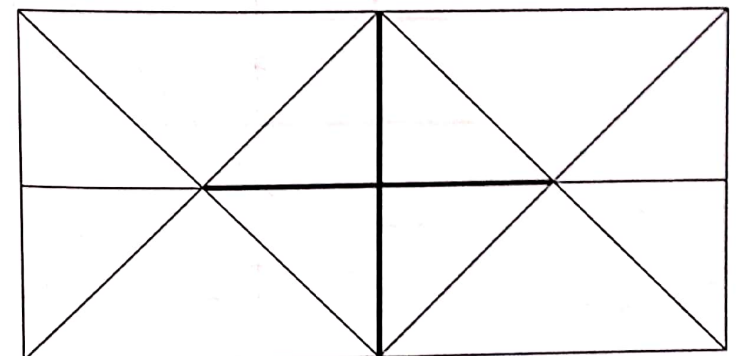
Por último, temos o cubo em sua representação aberta com suas seis faces simbolizando a cruz latina.



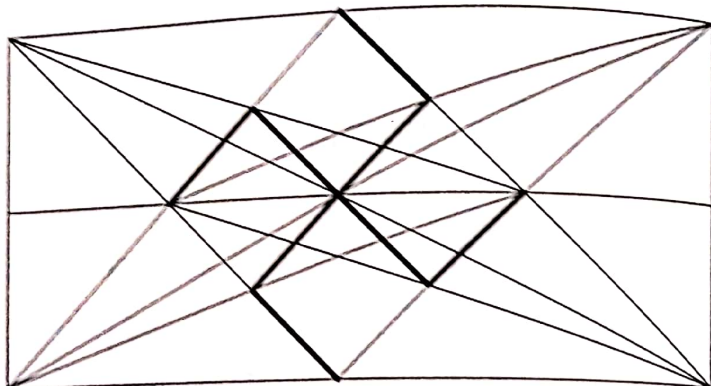
As Cruzes no Templo



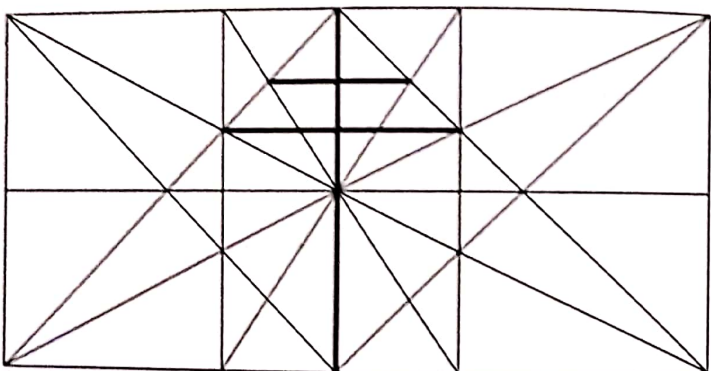
Cruz Latina



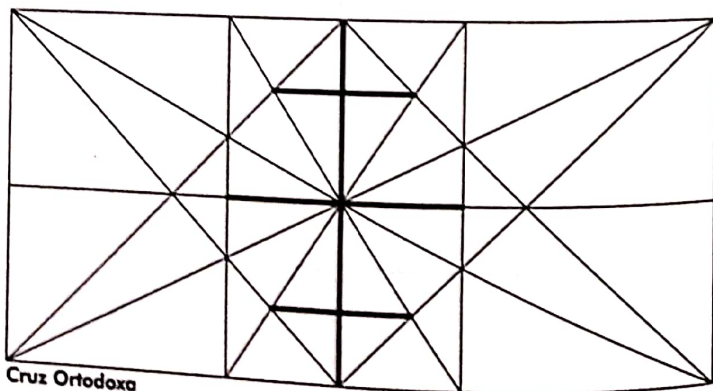
Cruz Grega



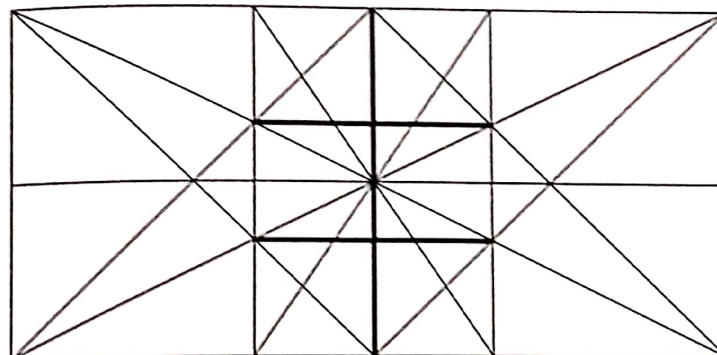
Cruz Esvástica



Cruz Patriarcal

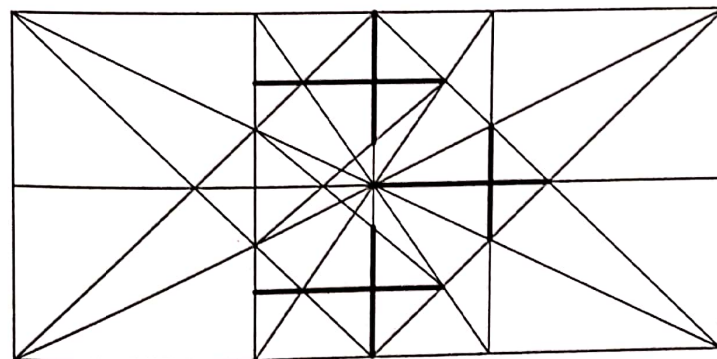
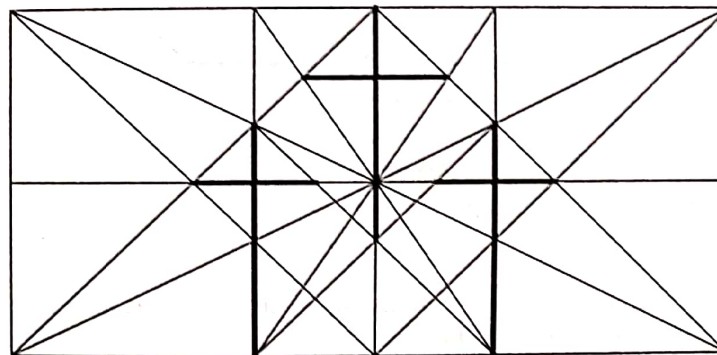


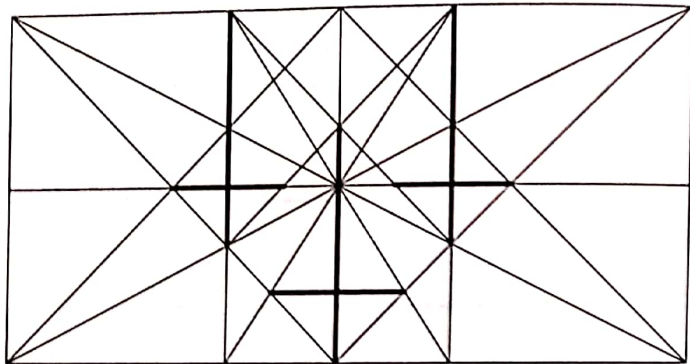
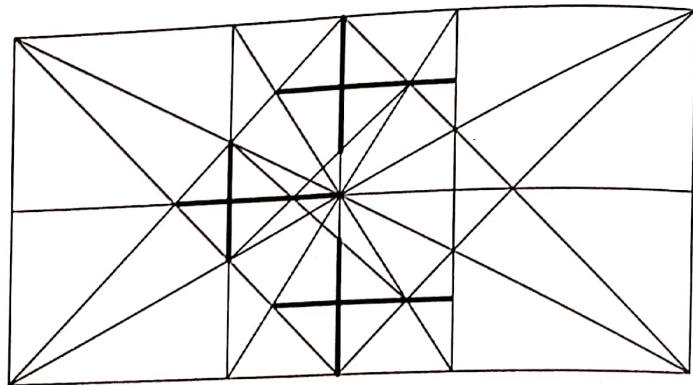
Cruz Ortodoxa



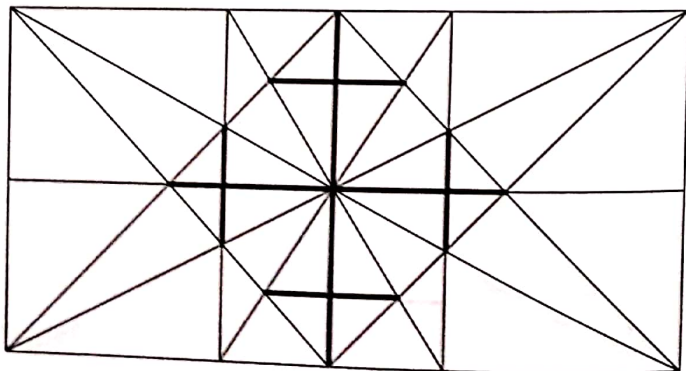
Cruz de Lorena

Algumas composições, como as três cruzes latinas, podem ser vistas de diversos pontos diferentes tendo a mesma representação simbólica.



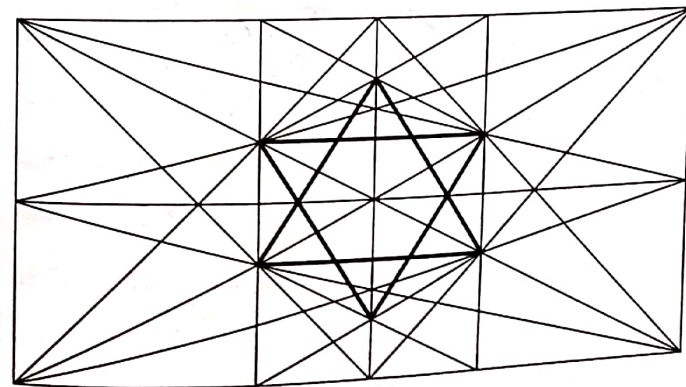
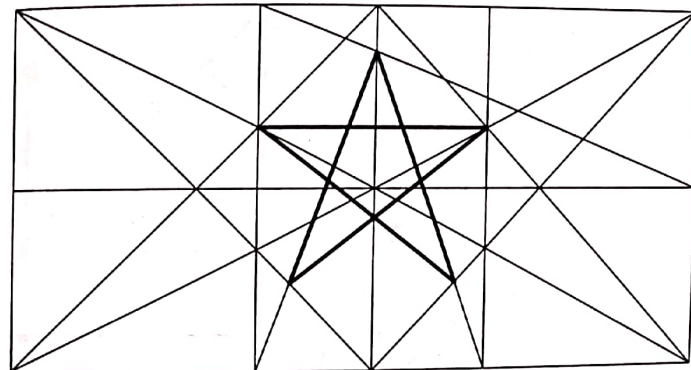
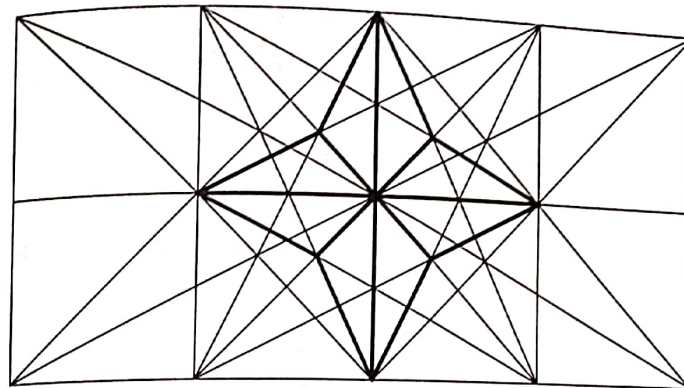


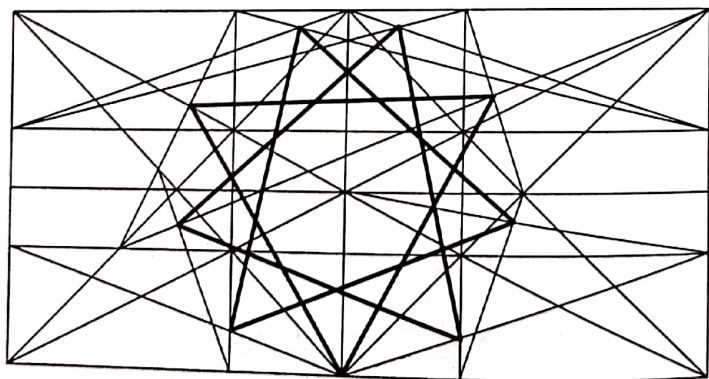
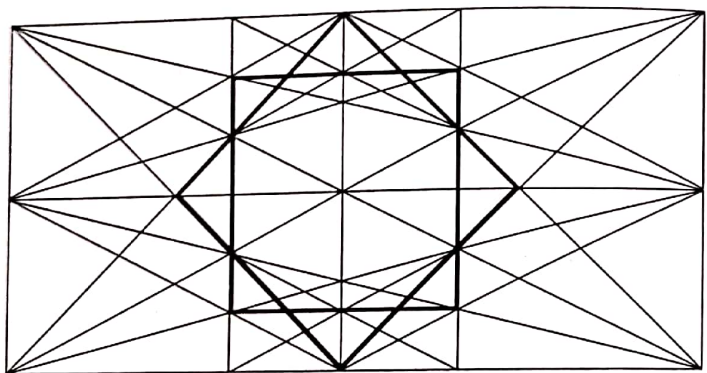
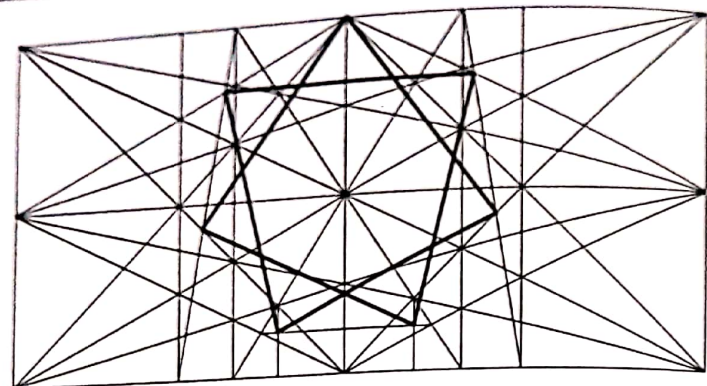
Outra figura significativa são as quatro cruzes unidas pela base, que pode ser vista de todos os lados.



As Estrelas no Templo

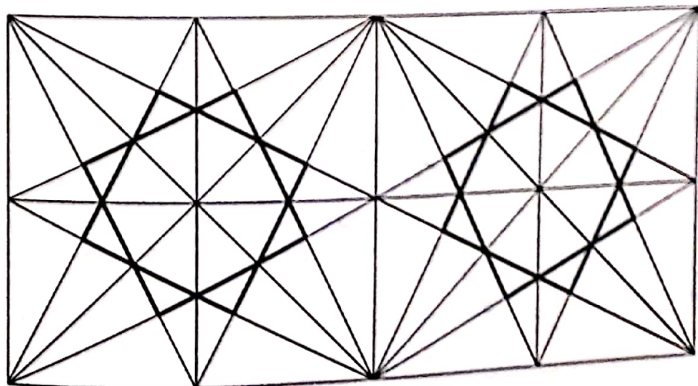
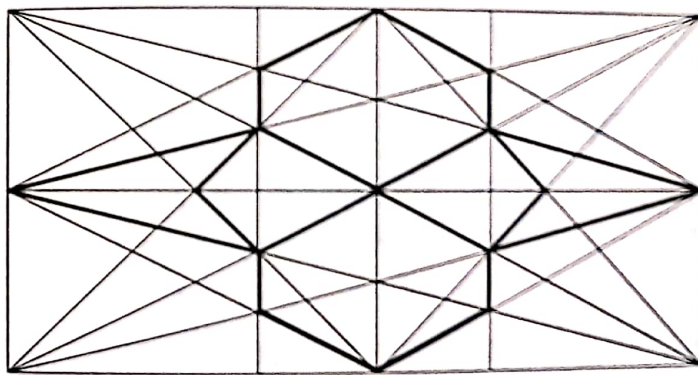
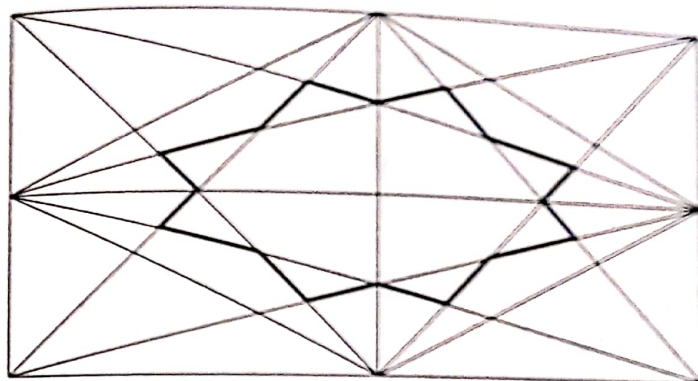
As estrelas não poderiam deixar de estar presentes, e selecionamos as estrelas de quatro a nove pontas.

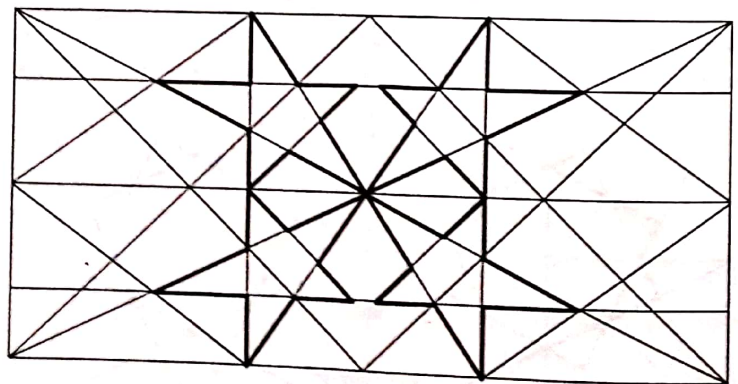
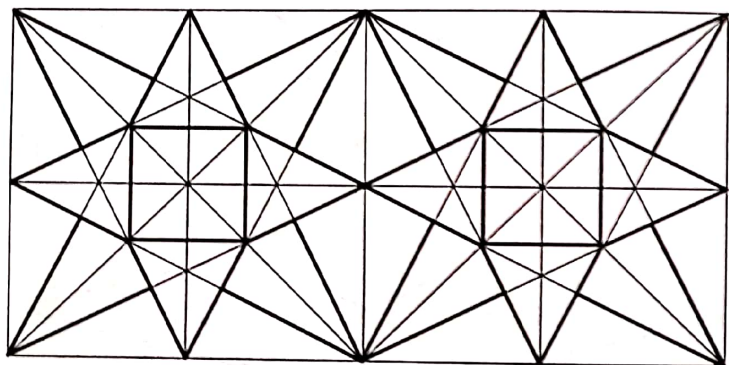
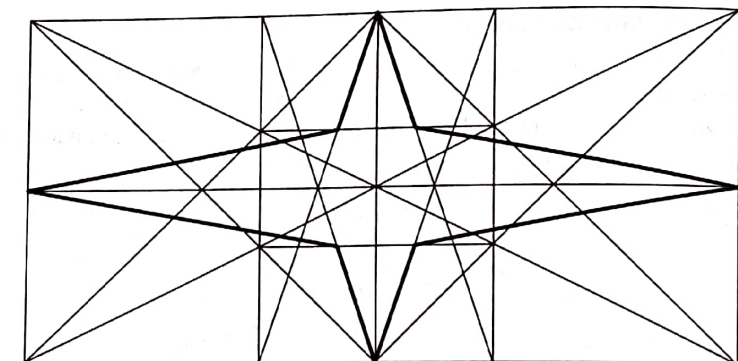




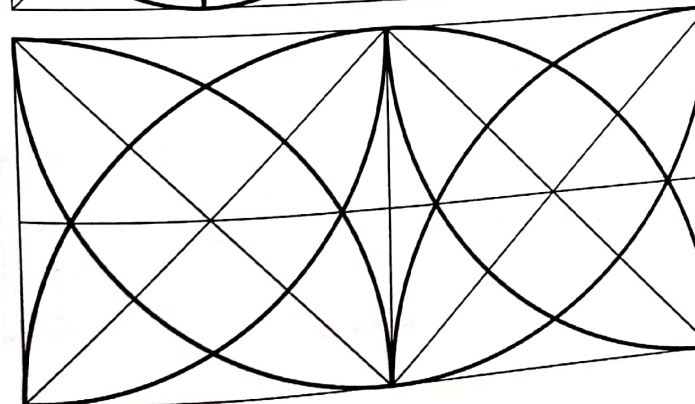
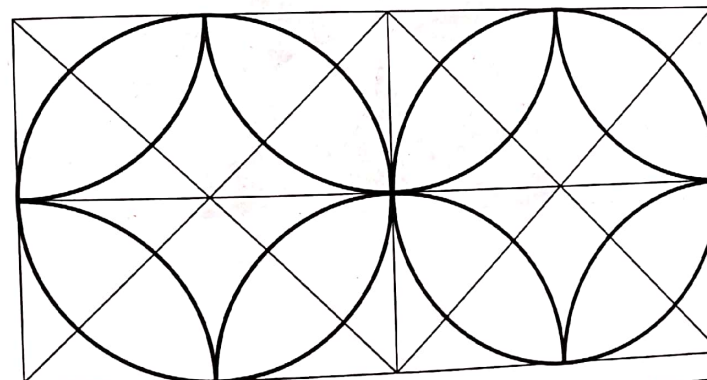
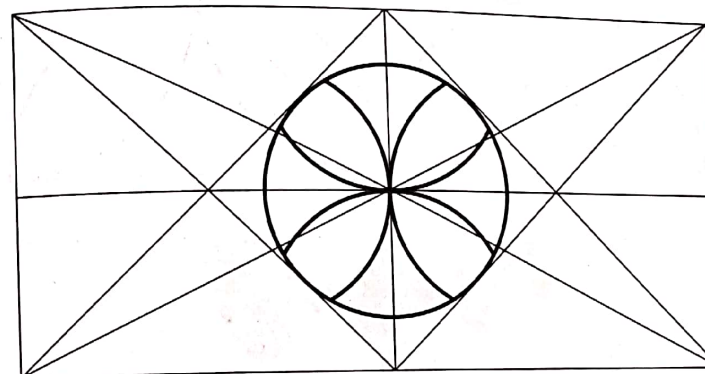
Os Adornos no Templo

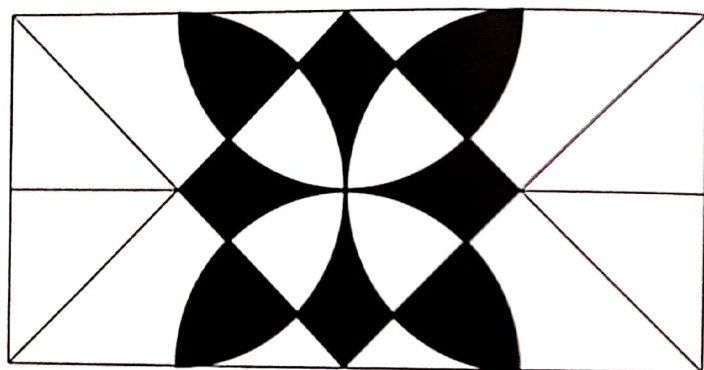
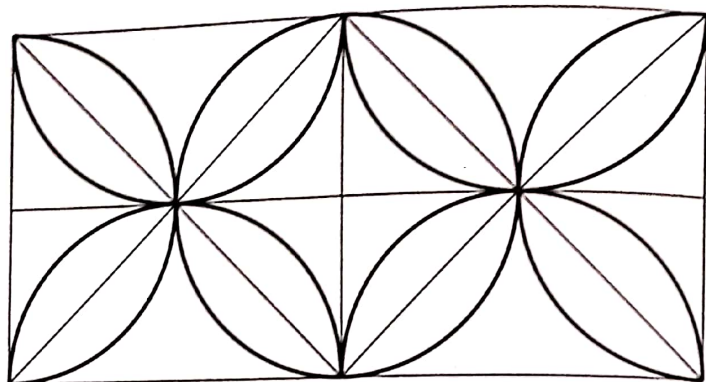
São inúmeros e de grande complexidade os símbolos que surgem no espaço delimitado do Templo. Além dos símbolos, existem os adornos que embelezam o local, lembrando-nos de que a sabedoria e a força não estão completas sem a beleza.





Podemos utilizar as linhas curvas no espaço do Templo, reproduzindo tanto símbolos como adornos. Alguns exemplos nos transportam à nossa infância, quando, nos bancos escolares, criávamos uma série de figuras geométricas utilizando o compasso. Mas não vamos nos alongar nos exemplos, pois temos a impressão de que já ficou clara a enorme variedade de formas possíveis.





AS MANDALAS

Mandala é uma palavra sânscrita que significa círculo. É um símbolo universal que busca a harmonia pela transformação interior.

Seu desenho utiliza o círculo simbolizando o Cosmos e o quadrado simbolizando a Terra.

Suas formas procuram representar a harmonia do Cosmos pela energia divina.

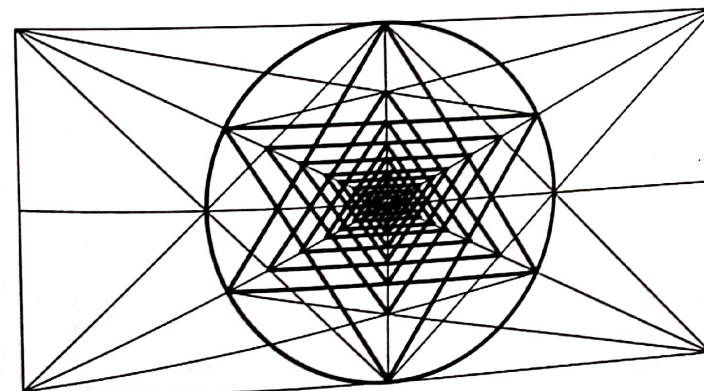
A maioria das imagens relativas às mandalas nos mostram círculos, triângulos e quadrados convergindo para o centro, que simboliza a fonte do poder e da energia, o começo, a origem e o princípio de todas as formas.

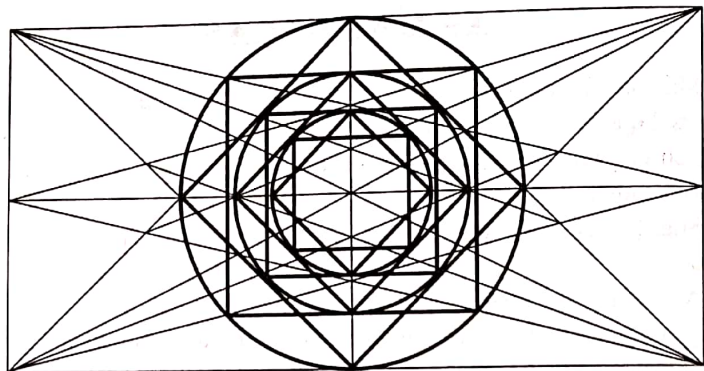
As mandalas podem ser observadas na natureza por meio de células, átomos, elétrons, no cogumelo, no gelo, nas frutas, nos cristais, nas flores, nos chacras, nas conchas, nos caracóis, nas galáxias e em todo o Universo.

Em sua configuração, encontram-se ocultas as forças que regem o Universo e operam dentro do ser humano, sendo divididas em duas espécies: as que conduzem a libertação do ser e as que lhe concedem poderes especiais.

Na psicoterapia, funciona como um cosmograma e psicograma, permitindo ao usuário a possibilidade de encontrar o poder do Cosmos e o seu próprio poder; desta forma, quando a pessoa faz a sua mandala, ativa o seu inconsciente revelando o passado, o presente e o futuro por meio da harmonia com o centro que liberta a consciência e aumenta a percepção.

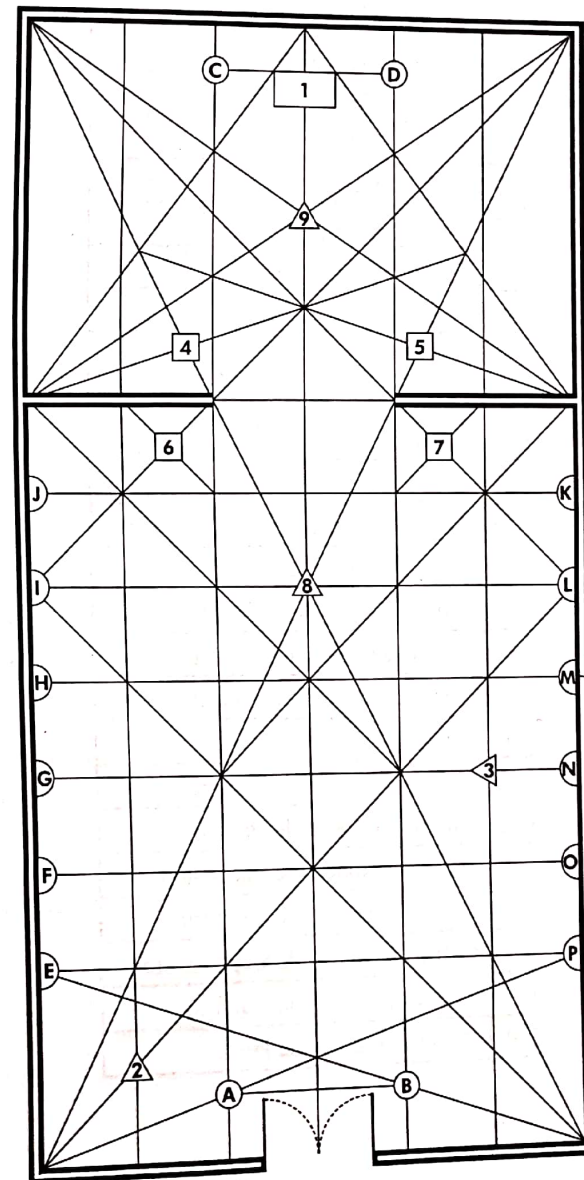
Nas linhas do Templo, podemos encontrar vários desenhos de mandalas e aproveitamos para mostrar dois.





O PLANO DO TEMPLO

As linhas determinam o plano do Templo em sua totalidade, mas vamos apenas demonstrar altares, tronos e colunas.



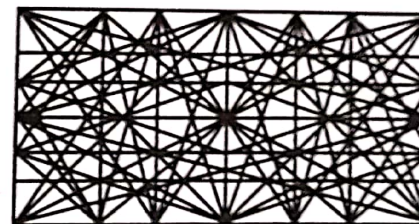


Índice do Plano do Templo	
1	Trono do Venerável
2	Trono do Primeiro Vigilante
3	Trono do Segundo Vigilante
4	Trono do Orador
5	Trono do Secretário
6	Trono do Tesoureiro
7	Trono do Chanceler
8	Altar dos Juramentos
9	Altar dos Perfumes
A	Coluna B
B	Coluna J
C	Coluna Toscana
D	Coluna Toscana
E	Coluna Zodiacal de Áries
F	Coluna Zodiacal de Touro
G	Coluna Zodiacal de Gêmeos
H	Coluna Zodiacal de Câncer
I	Coluna Zodiacal de Leão
J	Coluna Zodiacal de Virgem
K	Coluna Zodiacal de Balança
L	Coluna Zodiacal de Escorpião
M	Coluna Zodiacal de Sagitário
N	Coluna Zodiacal de Capricórnio
O	Coluna Zodiacal de Aquário
P	Coluna Zodiacal de Peixes



AS LUZES DAS LINHAS

Aparentemente, à medida que as linhas se unem, os espaços diminuem até o ponto em que estará tudo preenchido. Esta situação determinaria o caos? As trevas?



Na verdade, não existe motivo de preocupação, pois ocorre o contrário.

Para efeito de facilitar a demonstração deste trabalho, utilizamos as linhas na cor preta. O espaço relativo ao Templo se encontra na penumbra, e, à medida que o Templo é preparado para os trabalhos, os objetos são colocados em seus devidos lugares, e as luzes são instaladas de acordo com o Grau. As linhas, como elementos abstratos, podem ser vistas ou imaginadas pelos obreiros presentes cruzando o espaço e passando por objetos diferentes, podendo adquirir em sua trajetória cores diferentes, dependendo do observador, sem contudo instalar o caos em um ambiente onde prevalece a Verdadeira Luz.



CONCLUSÃO

O ser humano sempre se sentiu fascinado pelo desconhecido, e esse fato não é uma surpresa, pois a própria existência humana é um grande mistério.

De onde viemos? Quem somos? Para onde iremos? As respostas a essas e outras perguntas têm movimentado a inteligência humana desde o surgimento do ser na Terra até os nossos dias.

As teorias percorrem os caminhos entre as religiões e a ciência, entre o sagrado e o profano, entre o visível e o oculto.

Como pode um ser, que sabendo que irá desaparecer, desenvolver uma vida, procriar para perpetuar a espécie? Ter esperanças e sonhar com o futuro cada vez mais perto da morte? Como pode ter fé em coisas que não viu? Como pode ter amor e ódio, alegria e tristeza, humildade e vaidade?

As relações do ser humano com a vida são complexas. Além de lutar contra a natureza para preservar sua sobrevivência, luta consigo mesmo para vencer as dúvidas de sua existência após a morte.

Com sua busca incessante por respostas, o ser humano progrediu materialmente, levando hoje uma vida mais confortável, mas, em relação às paixões internas, o desenvolvimento não foi satisfatório, pois as desigualdades são conflitantes, e as atitudes ainda são semelhantes ao ser primitivo.

O Universo é um equilíbrio de forças opostas, e a sua evolução faz parte dos planos divinos, nos quais estamos incluídos, cabendo a nós a eterna busca do conhecimento.

Para Pitágoras, Deus era um geômetra, e os números eram a forma e a essência da criação, todas as coisas eram números, e qualquer número era uma divindade; e Leibniz argumenta: "O ateu pode ser geômetra, mas não sabe o que é Geometria".

Esperamos que este trabalho possa ter despertado a curiosidade proveitosa que, ligada à persistência, acaba solucionando os enigmas e iluminando novos caminhos que devem continuar sendo trilhados pelas futuras gerações.

BIBLIOGRAFIA



Bíblia Sagrada. São Paulo: Editora E.P. – Maltese, SD.

BOUCHER, Jules. *A Simbólica Maçônica*. São Paulo: Editora Pensamento, 1979.

CAMINO, Rizzardo da. *Dicionário Maçônico*. São Paulo: Madras Editora, 2001.

———. *Rito Escocês Antigo e Aceito*. São Paulo: Madras Editora, 2007.

CASTELLANI, José. *Origens do Misticismo na Maçonaria*. São Paulo: A Gazeta Maçônica, 1995.

CHABOCHE, François-Xavier. *Vida e Mistério dos Números*. Curitiba: Hemus, 2000.

CHARLIER, René Joseph. *Pequeno Ensaio de Simbólica Maçônica*. Ribeirão Preto: Editora Futuro, 1964.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos*. São Paulo: Editora Pensamento, 2005.

DURVILE, Henri. *Ciência Secreta*. São Paulo: Editora Pensamento, 1995.

FIGUEIREDO, Joaquim Gervásio de. *Dicionário de Maçonaria*. São Paulo: Editora Pensamento, SD.

FORTUNE, Dion. *Preparação e Trabalho do Iniciado*. São Paulo: Editora Pensamento, SD.

LEADBEATER, C. W. *A Vida Oculta da Maçonaria*. São Paulo: Editora Pensamento, SD.

JACQ, Christian. *A Sabedoria Viva do Antigo Egito*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, SD.

MEDRANO, Roberto G. *Pitágoras e Seus Versos Dourados*. São Paulo: Câmara Brasileira do Livro, 1993.

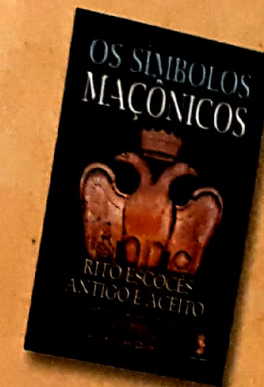
ROGER, Bernard. *Descobrendo a Alquimia*. São Paulo: Círculo do Livro, 1992.

SABOYA, Jackson. *Iniciação ao Esoterismo*. Rio de Janeiro: Editora Nova Era, 1999.

Outras obras do autor
publicadas pela
Madrás Editora:



160 páginas – 16x23 cm
ISBN: 978-85-370-0273-5



184 páginas – 16x23 cm
ISBN: 978-85-370-0471-5



MADRAS®

Este livro foi composto em Times New Roman, corpo 11/12.
Papel Offset 75g
Impressão e Acabamento
Orgrafic Gráfica e Editora — Rua Freguesia de Poiares, 133
Vila Carmozina — São Paulo/SP
CEP 08290-440 — Tel.: (011) 2522-6368 — email: orcamento@orgrafic.com.br

A Geometria MAÇÔNICA

Rito Escocês Antigo e Aceito

Quando se trata de Geometria Maçônica, esta obra não se refere a um estudo matemático com teoremas, equações ou soluções de problemas complexos, mas sim a uma visão de determinados aspectos geométricos relacionados à Maçonaria, que em seu simbolismo volta as atenções para a Geometria Sagrada.

Uma parte do texto é dedicada à criação divina, um espetáculo magnífico que encanta a humanidade em virtude de suas dimensões e seu esplendor. O estudo serve também como um aprendizado sobre vários temas ligados à simbologia, que estão sempre presentes no universo maçônico.

A outra parte aborda alguns aspectos da geometria, com suas descobertas que possibilitaram o desenvolvimento. Destaca, ainda, os instrumentos responsáveis pelas construções geométricas e a geometria que nos cerca, mas que está oculta aos nossos olhos.

Esta obra certamente é de interesse tanto para o maçom como para todo aquele que deseja conhecer um pouco mais o mundo dos símbolos e da geometria oculta.



MADRAS®

ISBN 978-85-370-0584-2

